

ANO II * N.º 15 MAIO JUNHO * 1950

fundamentos

CAPIA

arma de dominação americana

ACIONAMENTO DA ENERGIA ELÉTRICA
CATULO BRANCO

LEMBRANÇA
AFONSO SCHMIDT

BALANÇO do III Congresso de Escritores

Escritor Socialista
JAKUB BERMAN

PBO... fundamentos
BARÃO DE ITARARÉ

LIBADENTES
DIEGO PIRES DE CAMPOS

PREÇO Cr\$ 3,00

REVISTA DE CULTURA MODERNA

FUNDADOR
MONTEIRO LOBATO

EXIGIMOS A INTERDIÇÃO ABSOLUTA DA ARMA ATÔMICA, ARMA DE TERROR E EXTERMÍNIO MASSIÇO DE POPULAÇÕES.

EXIGIMOS AO MESMO TEMPO, O ESTABELECIMENTO DE UM RIGOROSO CONTROLE INTERNACIONAL QUE ASSEGURE A APLICAÇÃO DA MEDIDA DE INTERDIÇÃO.

CONSIDERAMOS QUE O GOVERNO QUE PRIMEIRO UTILIZAR A ARMA ATÔMICA, NÃO IMPORTA CONTRA QUAL PAIS, TERÁ COMETIDO UM CRIME CONTRA A HUMANIDADE E DEVERÁ SER TRATADO COMO CRIMINOSO DE GUERRA.

SOLICITAMOS A TODOS OS HOMENS DE BOA VONTADE DO MUNDO QUE ASSINEM ESTE APELO.



Comissão de Redação: Afonso Schmidt, Artur Neves, Caio Prado Junior, J. E. Fernandes e Rui Barbosa Cardoso.



Conselho de Redação: Annibal M. Machado, Aparicio Torelli, Artur Ramos (†), Astorjildo Pereira, Candido Portinari, Clovis Graciano, Edison Carneiro, Galeão Coutinho, Graciliano Ramos, J. Vilanova Artigas, Mario Schenberg, Moacir Werneck de Castro, Oscar Niemeyer e Samuel Barnsley Pessoa.



INDICE

EDITORIAL	3
PRONUNCIAMENTOS SÓBRE A BOMBA ATÔMICA	4
A ALTA DO CAFÉ — POLÍTICA DE COLONIZAÇÃO — Elias Chaves Neto	7
PAPEL E TAREFAS DO ESCRITOR SOCIALISTA — Jakub Berman ..	10
A CRISE DE ENERGIA ELÉTRICA — Catulo Branco	13
QUEM É KERÉNSKI — Palmiro Togliatti	14
LEMBRANÇAS — Afonso Schmidt ..	17
EXIJAMOS A INTERDIÇÃO DAS ARMAS ATÔMICAS — Mário Schenberg	18
CONTRIBUIÇÃO AO III CONGRESSO DOS ESCRITORES — João Palma Neto	20
APRO...fundamentos — Barão de Itararé	22
A TRAGÉDIA PEQUENO-BURGUESA NUM PALCO DA BROADWAY — Jacob Gorender	23
CIPRIANO BARATA, JORNALISTA POLÍTICO — Fernando Segismundo	24
TIRADENTES — Diego Pires de Campos	29
MISTIFICAÇÃO E PLANO MARSHALL — Carlos Frederico	29
NOTÁVEIS PROGRESSOS DA MEDICINA SOVIÉTICA — Ivan Kocherguin	31
OS SÁBIOS ENTRE OS LOUCOS — Marcel Cachin	31
OS HOMENS DE AMANHÃ — Ester Chiaverini	32
A GRANDE ARTE — V. Pudovkin ..	33
A ALUCINANTE ORQUESTRA — Jorge Amado	34
MÚSICA	35
NOTAS E NOTÍCIAS	37
O ESTADO POLICIAL NOS ESTADOS UNIDOS	38
II CONVENÇÃO FEMININA	38
RESENHA POLÍTICA DO MÊS	39



Diretor responsável: Rui Barbosa Cardoso.



Redação e Administração: Rua Barão de Itapetininga 275 - 9.º - S. 96 - São Paulo



Concurso de contos Monteiro Lobato “PRO’ APELO DE ESTOCOLMO”



“10 MIL CRUZEIROS PARA O MELHOR CONTO CONTRA A BOMBA ATÔMICA”

Fundamentos, no intuito de incentivar a luta pela interdição das armas atômicas e levando em conta que o APELO DE ESTOCOLMO constitue a mais alta expressão dessa campanha humanitária, resolveu, em resposta àquele histórico documento, instituir o presente concurso PRÓ APELO DE ESTOCOLMO, cujo prêmio único leva o nome do grande escritor que fundou esta revista.

CONDIÇÕES GERAIS

- 1.º) Os contos deverão constituir uma contribuição à luta pela paz e pela interdição das armas atômicas.
- 2.º) Os originais devem ser datilografados em 3 vias, com dois espaços, e ser enviados à redação de FUNDAMENTOS até 30 de setembro p. futuro. Não deverão ultrapassar 10 laudas, formato officio.
- 3.º) Os trabalhos devem ser assinados com pseudônimo. Em envelope à parte, fechado, que acompanhará os originais, e só será aberto após o julgamento, o autor deverá fornecer o seu nome, o seu pseudônimo e o título do conto para a identificação futura.
- 4.º) Este concurso está aberto não só aos escritores profissionais, como a toda e qualquer pessoa que a ele queira concorrer.
- 5.º) Será concedido um único prêmio de Cr. 10.000,00 ao conto que obtiver o 1.º lugar.
- 6.º) Serão concedidas MENÇÕES HONROSAS aos contos classificados em 2.º e 3.º lugares e os mesmos serão ilustrados e publicados em FUNDAMENTOS.
- 7.º) FUNDAMENTOS terá o direito, sem qualquer outra remuneração, de publicar todo e qualquer conto que entrar em concurso. Os originais não serão devolvidos.

COMISSÃO JULGADORA

AFONSO SCHMIDT — GALEÃO COUTINHO — HELENA SILVEIRA
JOSÉ GERALDO VIEIRA — ARTUR NEVES.



PONHA SUA INTELIGÊNCIA A SERVIÇO DA PAZ
CONCORRENDO A ÊSTE HONROSO PRÊMIO LITERÁRIO

A CRUZADA HUMANITÁRIA

Os diretores, redatores e auxiliares de administração de "FUNDAMENTOS", cumprindo o seu dever de cidadãos para com a humanidade, subscrevem integralmente o apêlo lançado pelo

Comité Mundial dos Partidários da Paz, em sua Terceira Reunião Plenária de Estocolmo, e assim redigido:

Exigimos a interdição absoluta da arma atômica, arma de terror e de extermínio maciço de populações.

Exigimos ao mesmo tempo, o estabelecimento de um rigoroso contrôle internacional que assegure a aplicação da medida de interdição.

Consideramos que o govêrno que primeiro utilizar a arma atômica, não importa contra que país, terá cometido um crime contra a humanidade e deverá ser tratado como criminoso de guerra.

Solicitamos a todos os homens de boa vontade do mundo que assinem êste apêlo.

O grande movimento dos Partidários da Paz visando impedir a deflagração de uma terceira guerra, já atinge as populações de todos os países e entrou agora na sua fase culminante, com o Apêlo de Estocolmo para a interdição das armas atômicas e para a caracterização como criminoso de guerra aquêle govêrno que primeiro fizer uso do bombardeio atômico.

E' grande a responsabilidade dos intelectuais nesse amplo movimento de opinião que visa o banimento do uso das armas de reação nuclear, porque foram os intelectuais de vanguarda de todo mundo, representados no memorável Congresso de Wroclaw, no outono de 1948, que inauguraram a jornada mundial dos Partidários da Paz, agora em pleno desenvolvimento, depois de marcar suas etapas mais vigorosas com o Primeiro Congresso Mundial de Paris, com o Congresso Continental do México e inúmeros outros congressos nacionais, a que têm estado sempre presentes os escritores, artistas e cientistas de todos os recantos da terra, numa demonstração bem nítida do sentido de responsabilidade dos intelectuais no trabalho de preservação da paz.

Os escritores brasileiros há pouco reunidos em seu Terceiro Congresso realizado na cidade do Salvador, colocando-se também diante de sua responsabilidade na luta contra uma nova conflagração mundial, adotaram como uma de suas mais importantes resoluções a interdição da bomba atômica, passo decisivo para a preservação da paz entre os povos. Compreenderam os escritores brasileiros, ao tomarem essa tão memorável resolução, que uma nova guerra ameaçaria os fundamentos da própria civilização, porque todos os povos passariam a ser alvos de bombardeio atômico, depois que a bomba atômica deixou de ser monopólio de um só país, os Estados Unidos.

Em face dessa sombria perspectiva, o homem tem hoje diante de si a própria luta pela vida, que, em sentido prático do momento, se traduz na campanha mundial pela interdição das armas atômicas, luta essa que constitui, por seu objetivo o denominador comum da união dos homens e mulheres de tôdas as crenças, religiões, ideologias, raças, e convicções políticas.

A Assembléia Geral da ONU, compreendendo o papel decisivo que representa a arma nuclear no problema guerra e paz, aprovou em 24 de janeiro e 14 de dezembro de 1946 uma indicação no sentido da interdição da bomba atômica, propondo que o Conselho de Segurança estabelecesse um sistema capaz de garantir a proibição de uso da energia atômica para fins de guerra estabelecendo-se para isto uma fiscalização internacional à altura da sua finalidade. A ONU não conseguiu, porém, sair do impasse criado no problema que, por isto mesmo, foi colocado nas mãos dos povos. E tôda a humanidade constata hoje que o seu destino se encontra diante do dilema: a paz ou a guerra, e que o cerne da questão é a bomba atômica.

Esta é a razão por que a interdição da bomba atômica passou a ser a chave da preservação da paz e como o problema está nas mãos dos povos, somente a manifestação maciça da opinião mundial, através da campanha de assinaturas do Apêlo de Estocolmo, será capaz de fazer frustrar os sinistros desígnios daqueles que pretendem desencadear uma nova guerra.

Colocada a questão assim nestes seus justos termos, não se pergunta com quem está o cidadão, porque isto seria trabalho diversionista. Pergunta-se apenas a cada um: *Sois pela vida ou pela morte? Pelo massacre atômico ou contra êle?* As convicções de quantos respondem — pela vida,

contra a bomba atômica — podem coexistir num mundo de paz. As convicções dos que respondem — pela morte, pela guerra atômica — denunciam a sua origem criminosa de reacionário fascista e não encontram repercussão no coração generoso dos povos.

Dentro dessa compreensão e do sentido dessa responsabilidade, é que as figuras mais expressivas de todos os setores, intelectual, artístico, científico, universitário, trabalhadores, escritores, pastores de tôdas as crenças, militares, mulheres e crianças, vêm engrossando o caudal de assinaturas de apoio ao pronunciamento de interdição da bomba atômica.

“FUNDAMENTOS” concita todos os intelectuais que ainda não deram seu apoio e sua ajuda ao movimento pró interdição da bomba atômica

a virem cumprir êsse dever de honra, e manifesta a sua firme confiança na atitude de luta pela paz de todos os escritores, artistas, cientistas, estudantes, mulheres, jovens e do povo em geral, na certeza de que todos saberão responder à pergunta de todo dia, com concretos resultados positivos: — Quantas assinaturas você já colheu contra a bomba atômica? — Quantos coletores de assinaturas você conseguiu entre os seus amigos e conhecidos?

A grande Gruzada Humanitária pela interdição da arma atômica vai lançando todos os homens e mulheres numa renhida emulação na coleta de assinaturas do Apêlo de Estocolmo, emulação essa que terá por certo grandes participantes entre os intelectuais e universitários, dispostos a superar as marcas dos maiores coletores que operam em todos os setores.

Pronunciamentos contra a bomba atômica

Do apelo do Comitê Internacional da Cruz Vermelha aos governos de 64 países, preconizando a proibição da arma atômica: «O uso da bomba atômica impediria qualquer tentativa de socorro aos feridos de guerra, destruindo pela base todo programa da Cruz Vermelha.»

★

Da entrevista do ex-chanceler Osvaldo Aranha: «A interdição da bomba atômica será o primeiro passo no sentido do desarmamento geral, sem o qual a paz viverá ameaçada pela força e pela brutalidade.»

★

Do presidente da Associação Brasileira de Imprensa, Sr. Herbert Moses: «A bomba atômica, arma terrível de destruição em massa, entendo que deve ser proibida. Assim como os gases arfixiantes na última conflagração, a bomba atômica não deverá passar de uma ameaça no fundo do quadro.»

★

Do presidente da Cruz Vermelha de S. Paulo, Sr. Francisco Patti: «Em primeiro lugar, sou contra o uso de uma das mais terríveis armas de extermínio, que torna impossível qualquer socorro às vítimas, por uma questão de humanidade. Em segundo lugar, uma questão ideológica, porque todos nós, presidentes ou não da Cruz Vermelha, somos partidários de uma política internacional humana. Finalmente porque é de esperar que o progresso do direito internacional torne desnecessário não só a bomba atômica como a própria guerra.»

★

Ainda da entrevista do Sr. Francisco Patti: «Depois da bomba atômica não se poderá dizer que esta cidade é e aquela outra não é base militar. Tôdas passam a ser objetivos militares e tôdas são vulneráveis. As que constituem centros industriais, como São Paulo, serão alvo predileto em caso de guerra.»

★

Do romancista José Lins do Rego: «Sou contra a bomba atômica como arma de destruição em massa de homens, mulheres e crianças, porque sou contra tudo que aparece contra o homem e suas liberdades. Sou contra a bomba atômica como sou contra o câncer, a lepra, a morfêia. Aplicá-la para fins de guerra e destruição é um crime imperdoável contra a humanidade.»

★

Do poeta Jorge de Lima: «Acho que a bomba atômica deve ser destruída como tudo que é mau.»

★

Do cientista César Lattes, a maior autoridade em Física Nuclear, do Brasil: «A energia atômica no sentido da paz e

do progresso terá dentro em breve, estou certo, grande número de aplicações, podendo superar de muito os combustíveis atualmente utilizados. Como arma de destruição em massa, a bomba atômica deve ser proibida.»

★

Do Padre Medeiros Neto, deputado federal pelo P. S. D. de Alagoas: «Acho que êsse engenho de terrível poder destruidor deve ser condenado por todos os homens e mulheres, por todos os governos e povos do mundo. Sômente os que estão desesperados pelo ódio à humanidade ou pelas ambições de domínio e de posse, os que estão voltados contra Deus e contra a vida, poderão insistir ainda na manutenção de estoques de bombas atômicas ou de hidrogênio. Como sacerdote ou como homem público eu só tenho uma opinião a respeito do assunto: as bombas atômicas devem ser destruídas, os governos das nações que possuem êsses instrumentos de morte deverão rapidamente entrar em acôrdo e criar uma comissão a fim de controlar a destruição dessas bombas. Utilizá-las contra mulheres e crianças, contra os povos que desejam a paz e não a guerra, é um crime imperdoável contra a civilização, contra a humanidade, contra os preceitos cristãos.»

★

Do Dr. Francisco Mangabeira, líder católico e professor da Universidade Católica do Rio de Janeiro: «A bomba atômica e ainda mais a bomba de hidrogênio, por princípio, não se limitam aos pontos de estabelecimentos militares das cidades. São feitas contra a população civil, para destruí-la, para aniquilá-la, para reduzir a cinzas tôda a cidade. São, pois, instrumentos prèviamente destinados a uma atuação frontalmente contrária às convenções internacionais e ao direito internacional. O seu simples fabrico já indica e revela o objetivo declarado de violação das convenções internacionais solenemente assinadas. Por isso mesmo, deve ser colocado fora da lei internacional, não sômente o uso das bombas atômicas, mas ainda o seu fabrico.»

★

Do escritor Aníbal Machado: «Da bomba atômica só poderá resultar a destruição de centros de cultura e progresso, um verdadeiro flagelo para a humanidade. E' de tôda urgência que se chegue, na ONU ou por outro meio qualquer, à interdição das armas atômicas. Que nenhum dos países que as possuem chegue a tomar a iniciativa macabra de utilizá-las contra populações civis inteiras, como meio de agressão e aniquilamento, seja de que nação fôr. Essa é uma daquelas idéias que só podem unir o mundo inteiro.»

★

Do senador Lúcio Corrêa, do P. S. D. de Santa Catarina: Os americanos já lançaram bombas atômicas sôbre o Japão. Não quero discutir se naquela oportunidade o fizeram acerta-

damente ou não. O que acho hoje, como cristão, é que ninguém deve jogar bomba atômica em ninguém.»

★

Do desenhista Augusto Rodrigues: «Sou contra todo e qualquer elemento de destruição. Não só a bomba atômica, como qualquer arma que destrua o homem, o indivíduo, são coisas que eu não posso aceitar.»

★

Do Padre João Batista de Carvalho, deputado estadual, pelo P. S. D. de São Paulo: «Todas essas armas devem ser destruídas. São armas desumanas, anticristãs, cujo emprêgo só pode ser inteiramente lesivo aos mais sagrados interesses da humanidade. E' preciso lutar por todos os meios para que não haja um govêrno que atire a bomba atômica em primeiro lugar.»

★

Do escritor Gontijo de Carvalho, diretor da revista «Digesto Econômico», são as declarações seguintes:

— «Eu acho que a ciência não deve nunca servir a fins guerreiros. Todos devemos cooperar para a manutenção da paz no mundo, exigindo que as descobertas científicas sejam empregadas no sentido do progresso, da construção.

Prossegue:

— «A bomba atômica é uma arma de extermínio indiscriminado que nos deixa a todos em constante sobressalto. A sua existência é uma ameaça dirigida contra todos os homens e mulheres do mundo. Por isso deve ser destruída. Eu não sou dos que acreditam na legenda «Si vis pacem, para bellum» (se queres a paz prepara-te para a guerra.) Eu acho que se queremos a paz temos de lutar por ela.»

★

O universitário José Frejat, presidente da União Nacional de Estudantes, assim se manifestou:

— «Devemos evitar a todo custo a deflagração de uma nova guerra. As guerras modernas são totais, atingem as populações civis. Por isso entendo que a bomba atômica e a bomba de hidrogênio devem ser postas fora da lei, assim como tôdas as demais armas de destruição em massa, as armas químicas e bacteriológicas. Até as bombas comuns devem ser proibidas, pois conhecemos seu poder de destruição.»

A pergunta sôbre como julgaria o govêrno que primeiro atirasse uma bomba atômica, respondeu o presidente da U. N. E.:

— «Esse govêrno deveria ser levado a um novo tribunal de Nuremberg.»

O JORNALISTA PLÍNIO BARRETO CONDENA A ARMA ATÔMICA

Foi incisivo o Sr. Plínio Barreto, deputado paulista e diretor de «O Estado de São Paulo», em sua resposta a um questionário do Comitê de Jornalistas Contra as Armas Atômicas: reclamou a pena de fuzilamento para todos os membros de um govêrno que primeiro empregue a energia nuclear em ato de agressão a outro país.

Damos a seguir as perguntas formuladas pelo Comitê de Jornalistas e as respostas do Sr. Plínio Barreto:

«1) Acha V. Excia. que a energia atômica deve ser empregada para fins de guerra?»

Resposta — Não. Para caracterizar a selvageria da nossa época basta o bombardeio aéreo.

2) Sabendo-se que os gases asfixiantes e processos químicos foram proibidos pelas organizações internacionais por visarem a destruição indiscriminada de bens e pessoas, não lhe parece que a bomba atômica, arma, também, de destruição indiscriminada, deve ser proibida conforme recomenda a Cruz Vermelha Internacional em sua reunião de Genebra?

Resposta — «Sem dúvida que sim. Tudo quanto vise a destruição indeterminada de bens e pessoas deve ser eliminado dentre os engenhos de guerra. Não sendo possível abolir a própria guerra, urge que a façamos cada vez menos desumana.»

3) Diante do clamor popular contra a bomba atômica e do fato de representar esta um perigo de extermínio para tôda a humanidade, como V. Excia. julgaria o govêrno que em primeiro lugar utilizasse esse engenho de morte contra qualquer outro país?

Resposta — «Julgaria esse govêrno indigno de pertencer à comunhão das nações civilizadas. O mínimo que lhe devia acontecer era o fuzilamento de todos os seus membros.»

EMINENTES PERSONALIDADES ITALIANAS MOBILIZAM-SE CONTRA A BOMBA ATÔMICA

Informa um telegrama de Roma que em reunião de que participaram homens políticos de diversas tendências, inclusive representantes da ala direita do Partido Democrata Cristiano, o velho estadista Vitor Manuel Orlando, ex-chefe do govêrno, que não pertence a nenhum partido político, leu um manifesto pedindo a proibição imediata da bomba atômica.

O manifesto formula o voto de que «seja declarada, entre as nações, a interdição absoluta das armas atômicas e a destruição das que existem, em ligação com a adoção de um método de contrôle, de acôrdo entre as grandes potências.»

Termina o manifesto condenando a ação de qualquer govêrno que infrinja tal proibição e responsabilizando-o perante a humanidade como responsável por um crime contra o homem e a humanidade em geral. Além de Orlando, assinaram o manifesto mais dois antigos chefes do govêrno, Francisco Saverio Nitti e Ivanoe Bonomi, e o estadista, que foi o primeiro presidente da atual República Italiana, Enrico de Nicola.

ÉRICO VERISSIMO CONTRA A BOMBA ATÔMICA

E' o seguinte o texto integral da declaração do escritor Érico Verissimo sôbre a interdição do uso da bomba atômica:

«Com a bomba atômica está inventada a arma com que a humanidade poderá eventualmente suicidar-se. Será, entretanto, um suicídio sem o consentimento da maioria, razão por que talvez seja melhor e mais justo usar a expressão «assassinio em massa.»

E' urgente interditar a bomba atômica. Essa interdição parece-me, só poderá ser feita por meio das Nações Unidas, e a comissão encarregada do contrôle da produção de armas atômicas deverá ter acesso a todos os países.

A paz só poderá ser mantida mediante o desarmamento dos exércitos e dos espíritos, seguido da solução duma série de problemas econômicos e políticos.

Parece-me, entretanto, tôlo ou faccioso proceder como se a agressão só pudesse partir dum lado, e que portanto só esse lado deverá tratar do desarmamento, ficando o outro com carta branca para fazer o que lhe convier e aprouver. Para começar o grande trabalho em prol da paz, é melhor imaginar que nenhum dos dois lados — o do Oriente e o do Ocidente — é o lado dos anjos.

Essa é a minha opinião.

(As.) ÉRICO VERISSIMO

EMINENTES PERSONALIDADES NACIONAIS MANIFESTAM-SE CONTRA A ARMA ATÔMICA

Numerosas personalidades — parlamentares, cientistas, escritores, artistas, homens de profissões liberais, jornalistas, professores, líderes populares e operários, estudantes e ex-combatentes — homens e mulheres representativos dos mais diversos setores da vida nacional, firmaram conjuntamente uma importante declaração contra o emprêgo da arma atômica.

Esse documento, do qual se pode dizer sem dúvida que se reveste de caráter histórico, vem trazer maior estímulo à campanha que nestes dias empolga o povo brasileiro, mobilizado em esca'a crescente para impedir que a humanidade seja mergulhada numa guerra.

E' o seguinte o texto da declaração:

«Colocando-nos acima dos pontos de vista de cada um a respeito das origens da atual ameaça de extermínio que pesa sôbre a humanidade;

Com a consciência que temos das tradições pacifistas do povo brasileiro e de seus anseios de justiça e bem-estar; e Movidos pelo dever de preservar a vida humana e os valores espirituais e materiais da civilização —

Concitamos os brasileiros de boa vontade a subscreverem e conosco apoiarem a seguinte:

DECLARAÇÃO

Somos pela proibição da bomba atômica, arma de destruição indiscriminada e maciça das populações.

Reclamamos o contrôle internacional rigoroso dessa proibição a fim de torná-la efetiva.

Condenaremos como criminoso de lesa-humanidade o governo que primeiro utilizar a bomba atômica, não importa contra qual país.

Queremos que os responsáveis pelos destinos das nações promovam o entendimento e a coexistência pacífica entre elas, realizando, assim, o ideal de Paz de todos os povos.

Senador Matias Olimpio, presidente do Centro de Estudos e Defesa do Petrólio e da Economia Nacional. Deputado Gurgel do Amaral, líder do Partido Trabalhista Brasileiro na Câmara Federal. Deputado Campos Vergal, líder do Partido Social Progressista na C. Federal. Deputado Benício Fontenelle. Deputado Ferreira Lima. Deputado Pedro Pomar. Deputado José Leomil. Deputado Deodoro Mendonça. Dr. Neves-Manta, professor da Faculdade Nacional de Medicina e diretor da «Imprensa Médica». Dr. Couto e Silva, professor da Faculdade de Medicina. Dr. Pedro Pernambuco Filho, professor da Faculdade Nacional de Medicina e representante da América Latina na Seção de Combate aos Tóxicos da UNESCO. Dr. Odilon Batista. Dr. Jaime Leite Guimarães. Dr. Samuel Kanitz. Dr. Cleto Seabra Veloso, nutrólogo e escritor. Evandro Lins e Silva, criminalista. Sinval Palmeira, advogado. J. C. Sampaio Lacerda, professor da Faculdade Nacional de Direito. Milton Roberto, presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil. Oscar Niemeyer, arquiteto e autor do projeto da sede da ONU. F. F. Saldanha, ex-presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil. Luiz Hildebrando Horta Barbosa, engenheiro e membro do Conselho Diretor do Clube de Engenharia. Anibal Machado, escritor. Borges da Costa, professor da Universidade de M. Gerais e diretor do Instituto de Radium de Belo Horizonte. Dr. Lucas Machado, professor da Universidade de Minas Gerais. Dr. Clovis Salgado, professor da Universidade de Minas Gerais. Eloi Pontes, crítico literário. Graciliano Ramos, escritor. Lourival Coutinho, jornalista. Alvaro Moreyra, presidente da Associação Brasileira de Escritores, Carlos Süssekind de Mendonça, vice-presidente da Associação Brasileira de Escritores. Caio Prado Junior, sociólogo. Edison Carneiro, etnólogo. José Geraldo Vieira, escritor. Ciro Martins, escritor. Edmar Morel, jornalista. Arnaldo Estrela, pianista. Di Cavalcanti, pintor. Claudio Santoro, compositor. Quirino Campoflorito, pintor e professor da Escola Nacional de Belas Artes. José Pancetti, pintor. Raul Deveza, pintor. Camargo Guarnieri, regente. Aparício Torelly, escritor. Rafael Correia de Oliveira, jornalista. Pedro Mota Lima, jornalista. Samuel Pessoa, professor da Universidade de São Paulo. Moacir Amorim, professor da Escola Paulista de Medicina. David Rosemberg, professor da Faculdade de Medicina de São Paulo. Mario Lago, compositor. Sra. Nuta Bartlett James, Sra. Horta Barbosa. Sra. Gabriela Vilela Botelho. Adalgisa Nery, escritora. Arcelina Mochel, secretária da Federação de Mulheres do Brasil. Eudoro Prado Lopes, do Conselho Diretor do Clube de Engenharia. Fernando Luiz Lobo Carneiro, engenheiro. Maria de Lourdes Lebert, escritora. Lia Corrêa Dutra, professora e escritora. Antonieta Dias de Moraes Silva, escritora. Sra. Mary Emilie Tuminelli, presidente da Associação Feminina do D. Federal. Dr. Amílcar Viana Martins, professor da Universidade de Minas Gerais. Padre José Barbosa Lima, capelão de São João Batista. Sra. Alice Tibiriçá, presidente da Federação de Mulheres do Brasil. Dr. Valério Konder, sanitarista. Dr. Mario Fabião, professor da Faculdade Nacional de Medicina e presidente da Organização Brasileira de Defesa da Paz e da Cultura. Dr. Abel Chermont, ex-senador federal. Dr. Hugo Firmeza, professor da Pontifícia Universidade Católica. Dr. Murilo Cardoso Fontes. Dr. Francisco de Sá Pires, professor da Universidade de Minas e da do Brasil. Dr. Américo Valério, professor da Universidade do Brasil. F. Costa Netto, secretário da Organização Brasileira de Defesa da Paz e da Cultura. José Antonio Rogê Ferreira, ex-presidente da União Nacional dos Estudantes. Capitão J. L. Pessoa de Andrade, presidente do Conselho Nacional dos Ex-Combatentes. Francisco Trajano de Oliveira, da Confederação dos Trabalhadores do Brasil. A. L. Bacelar do Couto, da União Sindical dos Trabalhadores do D. Federal. Ursulino Leão, vice-presidente da União Nacional dos estudantes. Grimaldi Ribeiro, secretário da União Nacional dos Estudantes. Ranulfo de Melo Freire, presidente da União Estadual dos Estudantes de Minas Gerais. Paulo Segundo da Costa, presidente da União Estadual dos Estudantes da Bahia. Angarita Silva, vice-presidente da União Estadual dos Estudantes de M. Gerais. Roberto Gusmão, representante da UNE no Conselho da União Internacional dos Estudantes. Isaac Pereira, presidente da União Estadual dos Estudantes

de Pernambuco. Ernani Graeff, chefe do secretariado da União Estadual dos Estudantes do Rio Grande do Sul. Nerideus Brasil, representante do R. G. do Norte no Conselho Nacional dos Estudantes. Romeu Silva Sofarini, representante do São Paulo no Conselho Nacional dos Estudantes. Salomão Malina, ex-combatente da FEB e membro do Conselho da Federação Mundial da Juventude Democrática».

A PALAVRA DO PRESIDENTE DA CRUZ VERMELHA BRASILEIRA CONDENANDO A BOMBA ATÔMICA

O Dr. Vivaldo Lima Filho, presidente da Cruz Vermelha Brasileira, teve oportunidade de manifestar a condenação ao uso da arma atômica, aumentando assim com a sua autorizada palavra a repercussão do grande movimento humanitário que empolga todos os países, com o objetivo de se banir esse tenebroso engenho de destruição em massa.

Perguntado se o apêlo do Comité Internacional da Cruz Vermelha, feito de sua sede em Genebra, Suíça, deveria ser atendido pelos governos dos 62 países a que foi dirigido, assim se manifestou o Dr. Vivaldo Lima Filho:

— «Perfeitamente. Nada poderia trazer mais benefícios à humanidade do que isso. Aliás, nesse apêlo, foram lembradas as intervenções do Comité, especialmente por ocasião da VIII Conferência da Cruz Vermelha, que se realizou no ano de 1948, em Estocolmo, sendo também deliberado que todos os organismos envidariam esforços no sentido de colocar fora da lei a arma atômica, pertencesse ela ao leste ou ao oeste, pouco importa a nação de que seja detentora.»

— «A interdição — prosseguiu o presidente da Cruz Vermelha Brasileira — não deve ser restringida somente à bomba atômica, mas também às outras armas que o Comité Internacional chama de «armas cegas» ou sejam foguetes-voadores, discos-voadores, etc. Hoje em dia fala-se nos discos como de coisas inofensivas, mas é bem possível que caiam amanhã sobre nações livres, matando indistintamente pessoas inocentes. Como sempre, virão depois as eternas desculpas de que não houvera o propósito de violar a soberania de qualquer nação, etc. Mas o fato já estará consumado e será tarde para desculpas. Por isso reafirmo: a arma atômica está sendo condenada pelos povos, mas essa condenação deve ser estendida às outras armas que os técnicos militares estudam, considerando-as como de maior poder destruidor, entre as quais se situa, inclusive, a bomba de hidrogênio.»

— «Duas bombas arrasaram completamente duas cidades japonesas, causando tremendo morticínio. Se sobre o mundo estender-se novamente a negra sombra da guerra, iremos assistir a uma catástrofe de conseqüências imprevisíveis. E' fato sabido que tanto o oriente quanto o ocidente possuem essa arma. Agora pergunto: o país que fôr agredido ficará passivo? Evidentemente não. Ocorre-me outra pergunta: Valerá a pena resolver controvérsias políticas e ideológicas com a destruição da própria humanidade? A resposta será a mesma: Evidentemente não.»

— «E' por isto que sou contra a guerra, acrescenta o Dr. Vivaldo Lima Filho. Do contrário não estaria presidindo à Cruz Vermelha, um dos órgãos da Cruz Vermelha Internacional, e ocupando uma das vice-presidências da Liga das Sociedades da Cruz Vermelha, sediada em Genebra.»

— «Sim. A Paz pode ser conquistada através da intensificação de relações econômicas e também de um intenso intercâmbio de delegações culturais entre os países do oriente e do ocidente, isso apesar da diversidade de regimes ali existentes. Quando digo delegações culturais quero referir-me a todos os setores da atividade humana, desde os homens de ciência, os escritores, os jornalistas, até o trabalhador braçal, o operário. No meu ponto de vista isto deveria ser periódico e estimulado, sendo até obrigatória a consignação de uma verba especial nos orçamentos de todos os países a ser empregada nesse sentido. Exemplificando por que me bato pela intensificação de relações direi somente que devido às reuniões da Cruz Vermelha Pan-Americanas e Internacionais é que nos entendemos harmônicamente, existindo uma verdadeira cordialidade entre os homens e mulheres que integram a Cruz Vermelha no mundo inteiro. E mais ainda: para que a paz possa ser colmada, cumpre também que a Cruz Vermelha Brasileira reforce por atos e palavras o apêlo feito pelo presidente do Comité Internacional, Sr. Paul Rugger. E' o que faremos muito brevemente, concluiu o Dr. Vivaldo Lima Filho, por considerar essa atitude altamente humanitária.»

A ALTA DO CAFÉ POLÍTICA DE COLONIZAÇÃO

ELIAS CHAVES NETO

No dia 28 de agosto do ano passado, às vésperas da alta espetacular do café na Bôlsa de Nova York, o General Dutra — que fôra emprestar o ar de sua graça às festas do Pinhal em homenagem a Caxias — teve oportunidade de fazer naquela cidade a seguinte declaração, respondendo à pergunta de um fazendeiro de café:

“Posso adiantar uma boa notícia para os cafeicultores, pois o mercado está bom e a tendência é para melhoras ainda mais acentuadas.”
(Diário da Noite, 1.ª edição de 29/8/1949).

Por estranho que pareça, a profecia se realizou: o café, que em 26 de agosto era cotado em Nova York a Us\$ 0,28.24 por libra, chegou a ser cotado em novembro a Us\$ 0,52.00. Em Santos, a saca de 60 quilos subiu de Cr\$ 590,00 a Cr\$ 1.070,00.

Em consequência, uma onda de euforia invadiu todos os círculos econômicos do país: o governo passou a ser olhado com ternura pelos banqueiros, comerciantes e lavradores; os americanos, que antes, quando o mercado estava em declínio, eram abertamente responsabilizados, nos círculos cafeeiros, pelas dificuldades existentes, passaram a ser os beneméritos da nossa economia. Tudo muito simples e conveniente, como se vê. Conveniente sobretudo para os americanos e seus prepostos no governo brasileiro.

A alta teve, assim, antes de mais nada, um sentido político. Beneficiou um pequeno grupo de pessoas que passou a entoar hinos de louvor ao governo e aos americanos (facilitando deste modo o processo de arregimentação do nosso

país à sua política) mas não produziu efeitos, como geralmente se pensa, que influíssem favoravelmente na vida econômica da nação.

OS VERDADEIROS BENEFICIADOS

Nos diversos manifestos publicados por associações de lavradores — depois de passada a primeira impressão da alta — e nos quais estes choram as suas mágoas e fazem críticas acerbadas ao governo, é dito que apenas 10% dos agricultores foram beneficiados com a alta do café, pois esta se verificou depois de já haver a maior parte dos lavradores vendido a sua produção. Com relação ao café verificou-se mais uma vez o que todos os anos se repete com os nossos produtos agrícolas, a saber, por ocasião da safra os preços caem para tornarem a subir quando a produção já se encontra tôda ou quase tôda em mão dos intermediários. Com relação ao produtor o preço age apenas como um incentivo destinado a manter o interesse na produção, espécie de miragem atrás da qual êle se esfalfa. Convém entretanto distinguir o grupo numeroso dos pequenos fazendeiros, sempre vítimas dessa situação, daquele outro grupo de grandes fazendeiros e latifundiários, que êste se beneficiou grandemente com a alta, estreitamente ligados a banqueiros e casas comissárias, como veremos adiante.

Os lucros realizados pelos intermediários de Santos, que são principalmente as casas comissárias e exportadoras, são astronômicos. Apesar da majoração enorme com que carregaram suas despesas, para diminuir os encargos do imposto de renda e tornar menos escandalosos os seus proventos, os lucros se contam por dezenas e mesmo centenas de milhões de cruzeiros, como se vê do quadro abaixo:

FIRMAS	LUCRO BRUTO	DESPESAS	LUCRO LÍQUIDO
Cia Leme Ferreira Comissária e Exportadora	101.217.936,20	7.369.927,50	93.848.008,70
Mellão Nogueira — Comissários Exportadores S/A	59.902.466,50	8.689.759,20	51.212.707,30
Almeida Prado S/A — Comissária Exportadora	51.509.353,10	10.568.410,30	40.940.942,80
Alves Ribeiro — Comissários Exportadores S/A ...	40.967.541,70	7.841.124,80	33.126.416,90
Rosato S/A — Comissária e Exportadora	39.023.490,50	10.496.954,50	28.526.536,00
Leon Israel Agricola e Exportadora S/A	34.668.140,80	17.216.099,20	17.452.041,60
S. A. Levy — Comissária e Exportadora de Café ...	32.455.270,60	15.118.923,10	17.336.347,50
E. Johnston & Cia. Ltda.	32.099.728,50	12.755.767,30	19.343.961,20
Cia. Paulista de Exportação	30.702.955,50	11.022.577,60	19.680.377,90
Casa Exportadora Naumann Gepp S/A	28.238.363,40	9.892.026,50	18.346.336,90
Luiz Ferreira S/A — Comissários e Exportadores	23.253.209,20	3.085.832,00	20.167.377,20
H. La Domus, Comissária e Exportadora S/A	22.047.180,70	5.469.167,50	16.578.013,20
Nicolau Lunardelli S/A	20.696.685,80	4.578.403,30	16.118.282,50
Ferraz Almeida S/A — Comissária e Exportadora .	20.568.242,10	2.151.475,30	18.416.766,80
Moraes Irmão S/A — Comissária e Mercantil	18.217.667,40	4.027.717,40	14.189.950,00
Comissária, Exportadora e Importadora União S/A	17.250.465,50	8.660.176,30	8.590.289,20
Exportadora Junqueira S/A	15.424.349,80	8.714.196,80	6.710.153,00
Cia. Prado Chaves Exportadora	14.524.007,70	8.148.744,50	6.375.263,20
Barros, Guerra, Comissários e Exportadores S/A ..	13.743.256,20	5.302.892,50	8.440.363,70
Moura Andrade S/A — Comercial e Agricola	12.928.048,90	8.758.979,40	4.169.069,50
Barros, Leite — Comissários e Exportadores S/A ..	12.491.558,90	5.782.896,30	6.708.662,60
Sampaio Bueno S/A — Comissários e Exportadores	11.995.634,20	3.650.634,20	8.345.000,00
Comissários e Exportadores Barros S/A	11.934.419,00	5.266.862,40	6.667.556,60
Kanneblay, Assumpção Comissária Exportadora S/A	11.756.008,90	3.367.376,90	8.388.632,00
Leite Barreiros S/A — Comissária e Exportadora ..	11.352.561,90	5.327.561,90	6.025.000,00
Vidigal Prado — Comissária e Exportadora S/A ..	11.182.078,00	6.909.278,50	4.272.799,50
Sociedade Nacional Exportadora S/A	7.510.883,20	2.746.645,80	4.764.237,40
S/A Comercial e Comissária	7.431.000,80	3.724.123,70	3.706.877,10
Francisco Botti Comissária e Exportadora de Café S/A	5.919.383,90	1.094.937,40	4.824.446,50
S/A Horácio Ferreira Comissária e Mercantil	4.946.585,60	1.006.428,20	3.940.157,40
Casa Comissária Bassetto S/A	4.594.815,00	2.101.659,20	2.493.155,80
Importadora e Exportadora Malgon S/A	4.047.819,70	3.714.777,60	333.042,10
Comissária e Exportadora Coelho-Junqueira S/A ..	2.784.434,70	1.430.799,90	1.353.634,80
S/A Amaral, Comissária, Exportadora e Importadora	2.661.904,10	591.344,50	2.070.559,60
Almeida Prado, Faria S/A — Comissária Exportadora	2.458.653,40	1.367.982,90	1.090.670,50
J. B. Alencar — Comissária Exportadora S/A	2.288.763,40	1.749.061,10	539.702,30
Mercantil Nacional de Café S/A	2.200.328,10	1.913.397,60	286.930,50
	<hr/>	<hr/>	<hr/>
	746.995.192,90	221.614.923,10	525.380.269,80

Das cento e tantas casas comissárias e exportadoras existentes em Santos, apenas 37 se acham mencionadas acima, pois só elas publicaram seus balanços até a data de coligirmos êsses dados. Entretanto, somente elas realizaram 525 milhões de cruzeiros de lucros líquidos confessados. No quadro não estão incluídas algumas das maiores firmas comissárias exportadoras de Santos, estas de nacionalidade americana, como a American Coffee Corporation (versão sul-americana do poderoso Truste Atlantic & Pacific) que exportou o ano passado 1.005.300 sacas de café, e a Hard, Rand Co. que exportou 704.619 sacas, donde é perfeitamente lícito calcular que os proventos realizados com a alta do café na praça de Santos foram pelo menos o dôbro desta importância, ultrapassando a casa de 1 bilhão de cruzeiros. Há mesmo quem fale num lucro total, entre Santos e Rio de Janeiro, de 1 e meio a 2 bilhões de cruzeiros, incluindo as especulações nos mercados a terno de Santos, Rio e Nova York. Como 42% das exportações pelo pôrto de Santos se processam por intermédio de firmas americanas, pode-se concluir que a atual alta do café beneficiou, em primeiro lugar, aos próprios norte-americanos, que dominam o comércio de café na praça de Santos e em grande parte das zonas produtoras. Isto aqui no Brasil. Não falemos dos lucros espantosos realizados nos Estados Unidos pela Atlantic & Pacific, Hard, Rand & Co., Leon Israel & Co. e outros importadores, que aproveitaram em cheio a alta repentina verificada, dobrando os milhões de dólares que já habitualmente realizam em condições normais.

Beneficiaram-se em seguida os banqueiros. Os relatórios dos nossos grandes bancos transbordam de satisfação com a alta do café, que defendem calorosamente como um fenômeno justo e que se impunha em face da situação em que se encontrava a lavoura. O que os referidos relatórios não dizem é quem foram os grandes beneficiários da alta, para cuja prosperidade o povo está pagando hoje café a 27 cruzeiros o quilo. Êsses beneficiários são justamente aqueles que nada têm a ver com as dificuldades pelas quais a lavoura atravessa, principalmente a pequena lavoura, aquela que não está ligada a Bancos nem é sócia de casas comissárias e exportadoras de Santos. Muito pelo contrário, os favorecidos são os que vivem à custa da lavoura e mais uma vez, nesta emergência, realizam os lucros que deveriam caber à lavoura e principalmente ao trabalhador agrícola que, êste, vive na miséria costumeira.

Os interesses de banqueiros e comissários, e não raro de grandes fazendeiros e latifundiários, se entrosam. Os mesmos homens fazem parte, muitas vezes, de um e outro grupo. Exemplifiquemos: O Banco de São Paulo é controlado pela família Almeida Prado, fazendeiros de café na zona de Jaú e latifundiários na zona de Araçatuba, donos das firmas cafezeiras Almeida Prado S/A (lucro líquido de 41 milhões), Cia. Paulista de Exportação (lucro líquido de 19 milhões) e Almeida Prado, Faria S/A (lucro líquido de 1 milhão). A êsse Banco acha-se ainda estreitamente ligada a família do "rei do café", Geremia Lunardelli: a firma Nicolau Lunardelli S/A (lucro líquido de 20 milhões) tem como presidente um Sr. Almeida Prado. A firma Mellão Nogueira S/A (lucro líquido de 51 milhões) e o Banco Brasileiro para a América do Sul são controlados pelo Sr. João Mellão. As firmas Vidigal, Prado S/A (lucro líquido de 4 milhões), Leite Barreiros S/A (lucro líquido de 6 milhões) e o Banco Mercantil de São Paulo são dominados pelo conhecido beneficiário do estado-novo, Sr. Gastão Vidigal. A firma Queiroz Ferreira (balanço não publicado) é dirigida por um diretor do Banco do Comércio e Indústria de S. Paulo. A firma Barreto Holl & Cia (balanço não publicado) tem como principal sócio o dono do Banco F. Barreto, que também é proprietário de diversas fazendas em Mococa. As firmas Moreira Salles S/A (balanço não publicado) e Comissária, Exportadora e Importadora União S/A (lucro líquido de 8 milhões) pertencem à família do Sr. Walter Moreira Salles, que também é diretor do Banco do Brasil. As firmas E. A. Sodrê, e Bandeirantes Comercial S/A (balanços não publicados) são dirigidas, assim como o Banco Bandeirantes do Comércio, pelo Sr. Erico Sodrê. A Cia. Comercial Paulista de Café e o Banco Noroeste do Estado de São Paulo pertencem ao Sr. Wallace Simonsen, que é ainda representante de banqueiros ingleses (Lazard Brothers & Co.) que nos fizeram empréstimos para valorização do café.

Independentemente de tais ligações, foram os Bancos que forneceram os capitais para a especulação sem precedentes que enriqueceu tanta gente em Santos. Examinem-se os itens das despesas gerais das firmas que publicaram ba-

lanços e verificar-se-á o quantum espantoso dos juros e descontos pagos. Não é pois sem razão que um dos Bancos locais — o Banco Brasileiro de Descontos — declarou em seu relatório de 1949:

"Forçoso será afirmar que o semestre último foi excepcional para o Banco. Estivemos aparelhados para desfrutar com vantagem o surto de prosperidade decorrente dos ótimos preços alcançados pelo nosso principal produto, cujos reflexos foram sensíveis em tôdas as esferas de atividade."

O Banco do Comércio e Indústria de São Paulo — hoje o maior e mais próspero banco particular do Estado — distribuiu (como outros Bancos, aliás) dividendos de 12% mais uma bonificação de 4 cruzeiros por ação de 200 cruzeiros, dando-se ainda recentemente à liberalidade de conceder uma nova bonificação por motivo do seu 60.º aniversário. O seu relatório do ano findo é um hino entusiástico de louvor à política cafeeira do governo, cuja história traça minuciosamente. Êsse entusiasmo é tanto mais compreensível quanto se sabe que diretores dêsse Banco atuaram como intermediários em alguns empréstimos estrangeiros feitos para a política de valorização do café.

Devemos ainda assinalar que, além dos comissários-banqueiros e dos comissários-fazendeiros-banqueiros, existe um grupo apreciável de grandes fazendeiros associados de firmas comissárias e exportadoras de Santos, que, devido a essa condição, também se lavaram em água de rosas com a presente alta. Citamos, para exemplo, alguns casos: a firma Alves, Ribeiro (lucro líquido de 33 milhões), é composta de cafeicultores do sul de Minas; a firma Figueiredo, Lima & Cia. Ltda. (balanço não publicado) tem como principais sócios alguns dos maiores fazendeiros da zona de Mococa; os sócios da firma Junqueira Netto & Cia., uma das maiores e mais antigas de Santos, são grandes fazendeiros e latifundiários na zona de Ribeirão Preto; a firma Moura Andrade & Cia., a que pertence o udenista Auro Soares de Moura Andrade, é a latifundiária de Andradina, possuindo milhões de cafeeiros no Norte do Paraná; Max Wirth S/A, é firma de propriedade do conhecido nazista e magnata internacional aMx Wirth, que já em 1931 possuía patrimônio de terras calculado em 300 milhões de cruzeiros, na Alta Paulista, na Noroeste e no Norte do Paraná. Achamos dispensável prosseguir na enumeração. Todavia, de passagem, convém registrar que até o próspero Sr. Ademar de Barros, também fazendeiro e dono do Banco do Estado, tem a sua firma de café — Comissários e Exportadores Barros S/A — cujo balanço acusou um lucro líquido de 6,6 milhões.

Com relação ao nosso país param aí os benefícios da alta do café e na qual, mesmo em nossa terra, os americanos tiveram uma grande parte, se não tiveram a parte do leão. Mas não param aí as vantagens que êstes tiveram com a alta, sem mesmo nos referirmos aos lucros que sempre o importador realizou comprando por preço barato a nossa produção (e a alta não veio modificar essa situação, pois a diferença é sempre descarregada sobre o consumidor), a qual é revendida por preços incomparavelmente mais caros ao consumidor estrangeiro, no que consiste um dos aspectos coloniais do nosso comércio externo. Trata-se da disponibilidade em dólares resultantes da alta, que permitirá ao Brasil pagar os seus débitos nos Estados Unidos. Veja-se a êste respeito o artigo do "Toledo Blade" de 26 de fevereiro de 1950, artigo de Michael Souilly, condensado pelo Reader's Digest:

"A perspectiva imediata é esta: enquanto em 1948 mandamos para o Sul 672 milhões de dólares, em 1950 mandaremos 1 bilhão e 200 milhões. O Brasil receberá cerca de metade dessa quantia e a Colômbia pelo menos 250 milhões. Salvador, Guatemala, México, Venezuela, Haiti, Costa Rica, República Dominicana, Nicarágua, Equador e Honduras também serão beneficiados. Quase todos êsses países estão em grande débito conosco desde a guerra e diminuíram suas importações para economizar dólares. A consequência mínima da nova renda que vão usufruir será liquidar seus débitos e aumentar suas compras nos Estados Unidos."

E mais adiante:

"O Brasil, por exemplo, já pagou aos exportadores americanos 40% do débito de 1949, de 150 milhões de dólares, e a sua renda aumentará de 300 milhões de dólares por ano."

MOTIVOS DE APREENSÃO

São esses os benefícios da alta, os quais deixam o nosso lavrador e principalmente o nosso trabalhador agrícola na mesma situação. Mas não está fora de conjectura supor que satisfeitos todos esses interesses não torne o café a cair, servindo para isto de pretexto o interesse do consumidor americano, conforme permite supor a campanha iniciada neste sentido pelo senador Gillette.

A alta anunciada com tanta segurança pelo Presidente Dutra não passou, como vimos, de uma manobra política com o fito de lhe dar o apoio de certos círculos financeiros influentes no país, ao mesmo tempo que se beneficiava com as grandes esperanças que a alta despertou e continua despertando em certas camadas da população, tudo resultando num movimento de simpatia em favor dos norte-americanos, que aparecem assim como o sustentáculo de toda esta prosperidade. Esta foi a manobra política visada pela alta do café, que vem facilitar o trabalho de ligar o destino de nossa pátria às aventuras guerreiras dos Estados Unidos — o grande problema internacional do momento e o móvel de toda a política norte-americana no mundo. Mas apesar de tudo isto ela é recebida com certo ceticismo pelos fazendeiros sobre os quais paira o espantinho da baixa. E' nesse sentido que começam a se fazer ouvir suas críticas ao governo. No seu manifesto dirigido ao público diz a FARESP (Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo):

“O governo brasileiro mantém-se apático diante desses fatos e limita-se a desfrutar a euforia de dólares resultante dos melhores preços. Não contente com isso vem criando os maiores embaraços às vendas de café noutras moedas e para outros países, na ignorância de que perdemos com isso mercados substanciais e provocamos uma crescente retenção da mercadoria encaminhando-nos para o absurdo de uma superprodução artificial.”

E' o Brasil um país cuja economia repousa, fundamentalmente, na exportação de gêneros alimentícios e matérias primas. O café, concorrendo com 50% do valor das nossas exportações, situa-se no centro de gravidade da nossa economia. E acontece — não por mera coincidência — que os Estados Unidos são o nosso grande comprador desse produto: em 1949 receberam 12.321.910 sacas, ou seja cerca de 64% da nossa exportação total de 19.368.468 sacas. Daí a expressão que constantemente ouvimos: “Que seria de nós se os Estados Unidos dificultassem as entradas de café em seu território?” Daí também a situação de absoluta dependência em que nos achamos da “boa vontade” dos bons vizinhos americanos. Se tivermos a veleidade de contrariar uma pretensão dos americanos, bastar-lhes-á nos ameaçarem com a criação de um simples imposto sobre o café importado para levar-nos ao pânico!

O governo brasileiro, que em verdade não é um governo nacional, poderia romper com essa situação de inteira dependência em que nos encontramos se procurasse desenvolver a exportação de café para outros países. No entanto, o que faz é exatamente o contrário, pois isso é o que convém aos seus mentores yankees. A denúncia da FARESP, no manifesto acima citado, publicado pela Fôlha da Manhã em 14 de abril último, é uma confirmação disso.

Para comprovação deste ponto de vista há, entre outros, o fato concreto de ter o nosso governo, há quase dois anos atrás, se recusado a aceitar a seguinte proposta da Tchecoslováquia: esse país propôs mandar-nos uma primeira partida de maquinária, automóveis, tratores e outros materiais de que tanto necessitamos, no valor de 20 milhões de coroas tchecas. Desses 20 milhões, 10 milhões seriam retidos pelo Banco do Brasil para serem aplicados na amortização antecipada do débito daquele país conosco, dívida essa que pelos acordos vigentes, só começariam a ser paga dois ou três anos mais tarde. Os restantes 10 milhões seriam aplicados na compra de café de baixa qualidade, de difícil exportação. A resposta do nosso governo foi um NÃO categórico. Com tal resposta deixamos de usufruir as seguintes vantagens: a) começar a receber antecipadamente uma dívida; b) receber maquinária altamente qualificada e de que tanto necessitamos; c) vender café em um novo mercado, que certamente se ampliaria depois, e, note-se, café

de difícil colocação nos Estados Unidos, pela sua baixa qualidade. E a quem beneficiou a negativa do governo brasileiro? Exclusivamente aos Estados Unidos que, por essa forma, vêem afastada a concorrência da indústria tcheca no mercado brasileiro e afastada a possibilidade da criação de novos mercados para o nosso café, fato que, futuramente, nos libertaria da nossa absoluta subordinação ao mercado americano.

POLÍTICA DE COLONIZAÇÃO

Tudo isso revela uma política econômica que tem um único fito: colocar o nosso país cada vez mais na dependência dos Estados Unidos. A alta do café não passa de uma cortina de fumaça destinada a ocultar ao nosso povo os seus verdadeiros interesses, uma espécie de sucedâneo sul-americano do Plano Marshall, já tão bem definido por Luís Carlos Prestes em documento de maio de 1949 (Problemas n. 19, pág. 32), no qual diz:

“Essa política de altos preços seguida pelo governo brasileiro e acompanhada pelos demais governos da América Latina, foi, ao que tudo indica, prestigiada pelo próprio governo dos Estados Unidos e utilizada por ele como um dos pontos de apoio para a sua política continental.”

E' uma política que só aparentemente beneficia o nosso país, pois traz vantagem exclusivamente para uma classe diminuta de comerciantes, financistas e grandes fazendeiros, que se tornam o esteio do governo e da sua política de total subserviência ao imperialismo. A esse respeito, Luís Carlos Prestes (documento citado) assim se exprime:

“No entanto, essa política acentua nossa dependência dos mercados norte-americanos e da boa vontade do governo de Washington e concorre para a permanência no país de uma exploração agrícola de tipo colonial que tende a se expandir em contraposição com a queda geral já verificada em São Paulo no ano de 1948, da produção de algodão, feijão, arroz, milho, mamona, batata e trigo.”

Mais uma vez a alta do café vai determinar a corrida para essa cultura, em detrimento, por exemplo, do algodão, cuja expansão não convém, de modo algum, aos americanos, a braços, novamente, com enorme superprodução.

INALTERADA A SITUAÇÃO DO TRABALHADOR AGRÍCOLA

Mesmo admitindo-se que a alta do café venha a contribuir para a prosperidade dos fazendeiros, a grande massa dos trabalhadores agrícolas que constitui o grosso da nossa população rural ficaria na mesma. Devido ao regime do trabalho nas grandes propriedades agrícolas, no qual o colono depende do armazém para a aquisição de tudo quanto necessita para a sua subsistência, todo aumento de salário é imediatamente contrabalançado pelo aumento dos gêneros que se vê obrigado a comprar nos armazéns da cidade — dos quais muitas vezes os próprios patrões são sócios — mediante ordens fornecidas pela fazenda. Dinheiro praticamente o colono nunca vê e, portanto, nada lhe sobra e o que ganha mal dá para atender às suas necessidades mais fundamentais. Este é o regime que impera nas fazendas, que por sua própria natureza mantém o trabalhador na dependência permanente do latifundiário.

Os problemas de cuja solução depende realmente o bem-estar do nosso povo e o interesse da nacionalidade, esses não podem ser resolvidos com uma simples alta do café, ou de qualquer outro produto, pela qual se procura ocultar à nação seus verdadeiros interesses. Esses residem numa política que vise elevar pela revolução agrária o padrão de vida do nosso homem do campo; que vise pela defesa de nossas riquezas naturais permitir a industrialização do país, realizando assim, o brasileiro, os lucros hoje auferidos por aqueles que compram a vil preço as nossas matérias primas, uma política enfim que lute pela independência econômica e política do país, ao invés de nos atolarmos cada vez mais no processo de colonização da nossa pátria, da qual a alta do café é apenas o narcótico destinado a adormecer a consciência política do brasileiro.

PAPPEL E TAREFAS DO

JAKUB

O nosso trabalho se propõe a trazer uma contribuição para superar as desproporções que existem entre a intensidade da criação literária e a intensidade do trabalho e das transformações que ocorrem em todo o país. Todos sabemos que hoje em dia essa distância é grande, que nem a intensidade da criação literária, nem o seu caráter, nem o seu conteúdo ideológico correspondem às necessidades sociais. Sabemos ainda todos nós que algumas dentre as obras consagradas à atualidade pecam pelo esquematismo, pela artificialidade da concepção e das situações e, às vezes, pela falta manifesta do conhecimento da vida.

Qual o fator mais importante hoje em dia, que se pode tornar alavanca do desenvolvimento da nossa literatura?

Parece que só há uma resposta para esta pergunta:

Aprofundamento da atitude marxista consciente, cada vez mais conseqüente, do escritor, e a sua aproximação com a nova vida.

O que está pesando até hoje na nossa produção artística?

Não superamos até agora a onipotência do espontâneo na criação literária.

Será suficiente observar apenas, impregnando-se com a vida, absorvendo a espontaneidade dos acontecimentos sociais?

Deixar de lado os processos espontâneos na arte, constituiria, é claro, um absurdo. Estes processos afiguram-se muito valiosos, mas são insuficientes, e, o que é pior, freqüentemente desencaminham o autor.

Sabemos por experiência, sabemos pelo estudo da literatura dos últimos deznios, que uma atração especial, um encanto particular é oferecido pelos temas que tratam dos lados estranhos da vida, ou seja, da margem da vida mais propriamente do que do seu curso principal. O proletariado não tem sido o herói principal, o sujeito da criação literária, e, sim, os grupos sociais na fronteira do lumpenproletariado. Com freqüência os escritores sentem-se atraídos mais pela patologia da vida do que pelo seu lado são, excitando-se com o cheiro pôdre da vida que se vai.

Ora, não se trata de uma observação insensível do curso eterno da vida. Trata-se da vida que pulsa em nossos braços, em nosso sangue. Trata-se da vida que se forma sobre os escombros das antigas formas sociais, num terreno coberto ainda por entulhos das velhas formas.

É DEVER DO ESCRITOR CONHECER AS LEIS DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL

Os escritores de atitude decidida em relação à nova realidade são justamente os que sabem distinguir e apreender corretamente no calidoscópio dos acontecimentos a luta entre o novo e o velho, os rebentos do novo nos escombros do velho. E sentem então o verdadeiro pathos dos nossos tempos, compreendem o papel ingente e, muitas vezes decisivo da vanguarda, o papel do partido da classe operária, o papel de homens novos e vivos, que crescem nessa luta. São justamente os que sabem aplicar na sua atividade criadora o realismo socialista.

Para dar cabo dessa tarefa, é preciso — este é o dever do escritor — conhecer as leis de desenvolvimento social, fazer sua uma visão científica do mundo, constituída pelos princípios do marxismo-leninismo. Sem isso, sem essa bússola, pode-se vagar e debater, pode-se às vezes conquistar algumas migalhas da verdade, mas nunca se conhecerá toda a verdade.

Deve-se ter ainda em mente, que o marxismo não se aprende apenas pelos livros, e sim, também, pelas próprias experiências, pela participação direta e pessoal na luta cotidiana.

Qual é o eixo da luta de classes na nossa etapa? O desalojamento dos elementos capitalistas e um rápido crescimento dos elementos socialistas. Qual a alavanca desse processo? 1 — Rápida industrialização, sobretudo dentro do Plano Sexenal, 2 — reestruturação progressiva na agricultura em bases socialistas, e, 3 — revolução cultural.

O fundamento de todos os problemas da nossa vida social é constituído pela realização dos planos econômicos e a sua alavanca é a emulação socialista do trabalho, a atitude socialista diante do trabalho.

Já somos donos de um rico patrimônio constituído pelas transformações da consciência operária, e já estamos presenciando um imponente movimento dos trabalhadores de choque.

Com o exemplo dos pedreiros e operários de construção de Varsóvia podemos nós convencer, com nossos próprios olhos, do quanto eles souberam transformar o seu meio, como mudaram os homens, suas ambições, seus hábitos, como se ampliou nêles a disciplina interior.

Não pretendo absolutamente idealizá-los, mas trata-se justamente de uma coisa preciosa: do conflito, do choque entre os hábitos de ontem, as más tradições do passado com os novos hábitos, apenas nascidos, ainda brotejantes mas dinâmicos, novas tradições, novo orgulho, nova dignidade de trabalhador de choque.

A CARTA DE MARIA ZYWIOL, UMA EXPRESSÃO DA NOVA ATITUDE SOCIALISTA DIANTE DO TRABALHO

Quero citar um exemplo, que chegou às minhas mãos, uma carta da operária Maria Zywiol, da fábrica têxtil de Andrychow. A companheira Zywiol escreve:

“Essa coisa de emulação é como uma mãe com o seu filho. Quando a mãe ama o filho, ela procura fazer que o filho fique limpo, com boa saúde, bonito e bem vestido... Fica contente quando as outras mães se admiram e têm inveja dela. O mesmo acontece com o trabalho: quando a tecelã trabalha com todo o coração, e ama a sua tarefa, então cuida dela como de um filho. Porque a ama. E quando não a ama, saem de suas mãos peças como uma criança tratada pela madrasta — suja, mal lavada, esfomeada e maltrapilha. Amo o meu trabalho como a um filho.

Insisti, portanto, para que formássemos uma dessas brigadas. Di-

zia eu que isso seria decerto melhor para nós, que agiríamos justamente, porque a nossa Polónia terá melhor proveito de melhor linho, tricolore e batista, e manteremos alto o nome de Andrychow”.

O que ressalta dessa carta? E' a exprime claramente a “atitude socialista diante do trabalho”. Essa nova atitude refletiu-se vivamente no coração da operária, que agora ama o seu trabalho, compreendeu com justeza o sentido da brigada de emulação, e orgulha-se por toda Andrychow.

Temos também outras formas. Temos o movimento de racionalização, de aproveitamento da invenção dos operários, tão rica e fecunda.

O SENTIDO MAIS PROFUNDO DA AUTOCRITICA

Ao lado das contradições antagônicas, relacionadas com a luta de classes cada vez mais aguda, temos também entre nós os primeiros embriões de contradições não antagônicas, dessas contradições que hoje se encontram na União Soviética. Temos a luta contra o atraso da consciência, a luta contra o desleixo, a rotina, a burocracia, uma luta difícil, que devemos ganhar e para a qual dispomos de uma arma potente, constituída pela crítica e pela autocrítica.

Deve-se frisar que a compreensão dessa arma não é suficiente entre os escritores. Ouvem-se às vezes nos meios literários opiniões que provam uma confusão de conceitos, uma identificação da autocrítica com a autoflagelação, com o exibicionismo, com algo que rebaixa, ao passo que a crítica e a autocrítica são armas que destroem os traços maus — a inveja, a presunção, o narcisismo, libertando os melhores traços da natureza humana.

Em que consiste a emulação socialista? Não devemos confundí-la com a concorrência capitalista, com a rivalidade do mundo capitalista, submetida à lei animal: “abater aqueles que ficam atrás”. Entre nós, reina outra lei: “puxar para a frente aqueles que ficam para trás”, “alcançar os que estão na frente”. Esta é a quintessência da emulação. Não uma mania de recordes e uma corrida pelo prazer de correr, mas um soerguimento coletivo. Em 1929 Stálin disse algumas palavras sobre a emulação que vale a pena relembrar:

“A emulação socialista é uma expressão da autocrítica objetiva e revolucionária das massas, baseada na iniciativa criadora de milhões de trabalhadores”.

Este é o sentido mais profundo da autocrítica, este é o sentido mais profundo da emulação e este o liame orgânico que as une. A obtenção dos melhores resultados de trabalho é uma autocrítica

ESCRITOR SOCIALISTA

BERMAN

das massas trabalhadoras, é a superação da rotina, a quebra das velhas normas técnicas. Poder-se-ia achar dezenas de exemplos, que ilustrem o sentido desses fenômenos.

É suficiente analisar o desenvolvimento da luta pela rapidez do corte dos metais, do seu dramático transcorrer, de como normas reconhecidas e canonizadas durante decênios foram abatidas pelos operários de Leningrado, Arystarchow e Bortkiewitch.

Esse movimento foi iniciado entre nós e está tendo um alcance cada vez maior.

No momento em que rompemos as cadeias do capitalismo, as possibilidades de aperfeiçoamentos técnicos se tornaram infinitas e constituem o motor e o impulso de um contínuo desenvolvimento da técnica.

Será suficiente citar um único algarismo para mostrar como é potente essa alavanca. Durante o ano 1948 na União Soviética foram apresentados 4.000.000 de projetos de racionalização. Vêde, portanto, como são grandes as massas postas em movimento, quanta invenção preciosa, quanta iniciativa humana, quantos talentos liberta o novo regime social.

Nós apenas ingressamos nesse caminho, mas já temos também dezenas de milhares de projetos de racionalização, e as economias que deles resultam somam bilhões de zlotys.

AS TRANSFORMAÇÕES DO CAMPO

Ao encararmos os processos mais significativos que ocorrem no campo, parecidos que o eixo do problema, o problema mais real é o processo de diferenciação política.

Nosso campo acha-se fortemente diferenciado em classes, mas o seu processo de diferenciação política, ou seja, o processo de libertação dos pobres e médios camponeses de sob a influência dos ricos e especuladores, é um processo complicado e difícil, difícil nêle pesam porque preceitos seculares, hábitos e tradições de um modo de vida em grande parte sedimentado.

Tivemos ultimamente algumas iniciativas no campo que, sem dúvida alguma, permitiram acelerar e esclarecer esses processos. Ao lado da ação fiscal, que diferencia claramente o campo segundo os caracteres de classe, tivemos a classificação dos terrenos, a qual fez irromper contradições e antagonismos muitas vezes ocultos e acelerou o processo de maturação da luta de classes. Também a ação de compra dos cereais teve grande signi-

ficado. Realizaram-se, nessa ocasião, milhares de reuniões camponesas nas quais, usando a potente arma de pressão moral, concitaram-se os camponeses ricos a vender o seu trigo ao Estado.

Há ainda vacilações na massa camponesa. Quem observa, porém, atentamente, o que ocorre no campo, vê a solidariedade cada vez mais cristalizada de camponeses pobres e médios na luta contra o campesinato rico e na aliança com a classe operária.

Cartas recebidas pelas redações dos nossos jornais camponeses, muitas vezes ingênuas e falhas, refletem o sentido dos fenômenos que ocorrem no campo. Aprender esses fenômenos, decifrá-los, arrancar a casca que encobre a realidade desses processos — eis uma questão de grande significado.

Temos ainda outro fenômeno nessa ampla diferenciação de classe — o agrupamento dos elementos de vanguarda, no campo, em cooperativas de produção.

O ingente esforço de trabalho, de convicção, persuasão, de luta contra o rico do campo já deu resultados. Hoje podemos constatar a existência de mais de 500 cooperativas de produção; hoje podemos fazer honóscopos da cooperação para o ano 1950 e que atingem quase duas mil cooperativas.

Esse movimento está ganhando em expansão. Sabemos que para garantir o seu aprofundamento devem-se ampliar os elos de ação proletária, operária, deve-se fortalecer a união entre a classe operária e a vanguarda camponesa.

Daí resulta a importância dos Centros de Maquinária Agrícola do Estado (CMAE), que servem às cooperativas. O papel dos CMAE ultrapassa as funções produtivas. Esses centros devem tornar-se focos de irradiação política e cultural, devem tornar-se uma forma de ação do elemento proletário sobre a massa camponesa, sobre os camponeses pobres, devem ser um elo que cimenta a aliança operário-camponesa.

Por isso no vosso trabalho e nas vossas observações vale a pena dedicar especial atenção aos CMAE, ao pessoal dos CMAE, aos seus diretores e funcionários, à gente que pertence à classe operária e à qual a classe operária confiou esses postos difíceis e de enorme responsabilidade.

EM TÔDAS AS PARTES DA POLÔNIA OCORREM TRANSFORMAÇÕES PROFUNDAS E REVOLUCIONÁRIAS

Ao mesmo tempo está se cristalizando um novo tipo de ativista, oriundo da massa operária, sentindo-se responsável pelo que acontece no campo, ativista cujos horizontes ultrapassam os limites da fábrica, da qual se sente dono, cuja consciência está se enriquecendo também com elementos de responsabilidade pelo campo.

A quintessência das nossas transformações consiste em equacionar tudo de acordo com aqueles que vão à frente, os melhores, os que mais ânimo demons-



tram na luta pelo socialismo. Neste fato reside uma imensa carga política e ideológica, e esta é uma das garantias de nossa vitória.

E por isso é preciso observar carinhosamente esses processos, essas transformações, esse crescimento de novos homens.

Em todos os recantos da Polônia ocorrem hoje em dia transformações profundas e revolucionárias, em tôdas as partes age o fermento revolucionário.

Ao tomarmos contacto com a juventude, ficamos admirados e muitas vezes maravilhados com a profundidade desse fermento, com a luta muitas vezes aguda, por exemplo, a luta por pertencer ou não à Associação da Juventude Polonesa, luta que, muitas vezes, se relaciona com tragédias pessoais, acarretando a ruptura de relações entre pessoas. Vejamos a riqueza das transformações que ocorrem no seio dos moços das brigadas de "Serviço à Polônia". Quantos conflitos internos, na luta com os hábitos anarquistas dos jovens das grandes cidades, quanto esforço para se acostumar ao trabalho na indústria por parte da juventude camponesa, quantos sentimentos nobres surgem no entusiasmo do trabalho comum, quantos jovens camponeses conquistam novas qualificações, ingressando nas minas, fábricas, funções!

Quem observou o movimento feminino viu como milhares de mulheres acordaram para a vida, ganharam novos interesses, novo sentido da vida, mais rico, mais orgulhoso, deixando atrás os limites estreitos da cozinha, das panelas e dos afazeres cotidianos.

Ora, este é apenas o início do movimento que se está ampliando ainda, mas que já penetrou profundamente no campo, abrangeu a maior parte das operárias, e atingiu as espôsas dos operários.

E não é um assunto de interesse apaixonado o processo que ocorre no seio da nossa "intelligentsia"? Quantos dentre os nossos engenheiros já se transformaram e se identificaram com a nova vida! A luta continua ainda acirrada entre a nova e a velha vida, entre a influência do antigo meio, dos antigos hábitos e tradições, a submissão ao americanismo, de um lado, e, de outro, a irradiação das massas operárias, do partido, do novo meio, da nova ideologia e da nova realidade, que abala e traz interrogações só respondíveis de modo positivo.

E aqui de novo pode-se saber, por numerosas cartas, como essas transformações profundas ocorriam em homens que, muitas vezes, nos eram estranhos, ou mesmo hostis, que abalos eles sofriam internamente, saber como somente agora, nos últimos anos, sentiram ter em mão a possibilidade de criar coisas grandiosas; saber como essa corrente os arrancou, como fez arder nêles a força interior, que antes nem mesmo sentiam.

Temos o mesmo fenômeno entre os professores, particularmente entre os mestres-escolas rurais. Observamos lá um impulso para estudar, para progredir.

Ou tomemos os médicos. Quando por ventura os médicos tiveram entre nós possibilidades tão extensas de trabalho construtivo? Como não se sentir entu-

siasmado e dedicado ao trabalho nessas condições? E aqui também vemos o choque da velha bagagem de preconceitos e prevenções com a nova vida, que desbarata as velhas formas e atinge a consciência dos médicos e cientistas. Mesmo os grupos mais sensíveis da "intelligentsia" são atraídos pelo curso construtivo da nova vida, pela sensatez do planejamento, que não permite extraviar-se em pormenores, pegando pelos chifres as questões sociais e permitindo em poucos anos desenraigar as calamidades sociais que dizimavam a nossa população.

AO CALOR DA LUTA PELO NOVO REGIME FORMA-SE O ATIVO

Algum "filósofo" sofisticado dirá talvez que se trata de um processo normal de formação de uma nova elite. Nada de mais falso. Não se trata de um grupo que se fecha em si mesmo, entra na sua casca e se contrapõe à classe e à nação. É uma vanguarda que se origina em sua classe, e somente tem sentido na medida em que coloca tôdas as suas forças a serviço da sua classe e da nação. E por isso mesmo ela atrai às suas fileiras todos os mais capazes, o que há de melhor na classe trabalhadora.

Ao calor da luta pelo novo regime social está se formando entre nós o ativo. Assim se forma o ativo dos mais laboriosos, o ativo do partido. E nada poderá compreender a respeito do que ocorre entre nós aquele que não quiser compreender o papel do partido, o papel do ativo do partido.

Obviamente, aqui e acolá as organizações do partido têm ainda muitas falhas e sobre elas pode pesar o cunho dos velhos hábitos e tradições. Mas não verá o motor das nossas transformações aquele que se perder nesses detalhes e cochilos, sem ver o que é mais real: a idéia e o dinamismo dessa gente, a expansão de seus horizontes, o crescente sentido de responsabilidade pelo conjunto, a busca de resposta a todos os males humanos. Não se trata de um grupo de homens que procura adquirir a técnica de governar, mas de um ativo ligado a milhões de homens e que tira da vontade e energia desses milhões a fonte de sua força e a possibilidade de dirigir o Estado.

E por isso conviria que, observando a multiplicidade das cousas, assuntos e homens, vós pudésseis apreender o processo do crescimento do ativo do partido, da formação do partido e da formação de seu papel.

Lembremo-nos ainda que a luta está se travando numa escala internacional, que não estamos isolados, que somos o objeto de uma feroz penetração do inimigo, dos agentes do imperialismo, agentes que se recrutam entre os sobreviventes das classes esmagadas, capitalistas, latifundiários, policiais, secretas e indivíduos pervertidos.

No Pleno do Comité Central temos mobilizado a vigilância de classe. Graças a essa mobilização, pudemos liquidar mais de um atentado, mais de um ataque do inimigo. Essa luta dramática, repleta de tensão e de perigos, está sendo travada diariamente, está sendo travada nos estabelecimentos de trabalho. E quanto mais

consciente, mais vigilante, mais combativa é a atitude dos operários, tanto mais insignificantes são os resultados dessa ação inimiga.

MILHÕES DE LEITORES A ESPERA DE NOVOS E BONS LIVROS

Acabo de enumerar uma série de contradições da nossa vida em cuja superação reside a fonte de nosso desenvolvimento. O escritor que se integra nessa luta, que a exprime do modo mais completo em sua obra, resguardando a inteira liberdade de tema e forma literária, este escritor acelera o nascimento das novas forças, que se expandem para o alto, auxilia a liquidação das forças que nos arrastam para trás, acelera o nascimento de um homem novo e melhor, aumenta as forças do socialismo.

O exemplo da literatura soviética é a melhor prova disso. A literatura soviética soube conquistar a posição honrosa e importante de co-criador da vida. Não apenas o reflexo desta, não apenas a sua transformação artística, mas a ação, o aprofundamento, a aceleração do crescimento do novo homem socialista.

Escritores como Gorki e Maiakowski trouxeram uma enorme contribuição à edificação do socialismo, sulcaram profundamente a gleba literária, criaram um novo clima na literatura soviética. Escritores-educadores como Makarenko ajudaram os escritores a penetrar nos segredos das transformações que ocorriam nos homens e formar o homem soviético. Poderíamos muito aprender, muito facilitar o nosso trabalho, examinando o caminho e as tentativas cheias de nobre paixão e obstinação dos escritores soviéticos. O que há de mais nobre do que a vocação de escritor socialista?

À medida que a revolução cultural está se aprofundando entre nós, aumenta a fome de bons livros sobre a nossa vida. Milhões de homens principiam a viver uma vida conscientemente cultural. Eles exigem novos e bons livros, poemas, peças de teatro, filmes.

As transformações que ocorrem entre nós, e que se relacionam com o Plano Sexenal, produzem grandes feitos, criam novos homens. Milhões de leitores esperam de vós obras que ajudarão a formar estes homens, heróis de nossos tempos, nossos grandes tempos.

Alguém dirá: mais um apêlo à consciência do escritor? Sim, mais um apêlo àqueles que, dentre os escritores, querem extrair da vida e das lutas a matéria de seu trabalho literário, que não pretendem tornar-se narcisos concentrados em sua solidão e no seu passado, que não querem que o rápido curso da vida os deixe à margem.

Milhões de trabalhadores vos estendem as mãos. O país intensifica o seu esforço, e pode também exigir um esforço intensificado por parte dos seus escritores.

* Apreciação dos problemas do escritor feita pelo Ministro da Cultura da Polônia, Sr. Jakub Berman, ao se encerrar uma mesa redonda de escritores que partiam para estágios de observação em diversos setores da reconstrução polonesa.

A C R I S E

DE ENERGIA ELÉTRICA

Aquêles que acompanham de longa data o desenvolvimento econômico de nosso país, ainda se lembraram, forçosamente, da crise sem precedentes ocorrida na indústria elétrica em S. Paulo, em 1925. O pretexto foi, então, a seca e também o surto rápido de progresso; argumentos estes, apresentados apenas para confundir incautos; pois bem sabemos que uma grande empresa dispõe de estatísticas que a orientam, não só quanto à previsão de progresso de consumo, como quanto à ocorrência de secas normais ou excepcionais, aquelas que promovem os chamados *minimos-minimorum* da vazão dos rios, elemento este fundamental para o projeto das usinas.

O município da Capital e suas circunvizinhanças eram então supridos pelas usinas hidroelétricas de Sorocaba e Parnaíba, cuja potência somava 90.000 kw., e uma usina termoelétrica de emergência, localizada na rua Paula Sousa, com potência de 3.000 kw.

A ocorrência da crise de 1925 trouxe enorme perturbação ao consumo em geral e grande prejuízo à indústria. Por outro lado, facilitou a rápida aprovação dos pedidos de concessão feitos pela companhia Light, visando assenhorear-se de todas as possibilidades hidroelétricas das cabeceiras do Tietê. Naquela ocasião, como demonstração de boa vontade para com as indústrias e como propaganda recordista, comprometeu-se a montar a usina de Rasgão, com 28.000 kw., dentro do prazo de um ano.

USINA DO CUBATÃO

Logo após a crise de 1925, obteve a Light duas vultosas concessões que correspondiam à potência total de cerca de 900.000 C. V. Foi ela autorizada, primeiramente, a barrar o rio Grande nas vizinhanças de Sauto e Amaro e inverter o curso de suas águas para a Serra do Mar; concomitantemente foi ela autorizada a elevar o nível de sua represa do Guarapiranga (represa velha), de forma a que suas águas pudessem transbordar para a bacia do rio Grande, obra esta que não foi executada.

Na mesma época, uma segunda concessão permitia à Light represar e regularizar a vazão de todos os afluentes do rio Tietê, acima de Moji das Cruzes, canalizar o rio Pinheiros e inverter o sentido de suas águas, através de duas usinas de recalque que colocariam as águas do rio Tietê dentro da bacia do rio Grande.

E' evidente que tais concessões deveriam ter saciado perfeitamente

os desejos e ambições da Light, que, após 25 anos de desenvolvimento, montou unidades no Cubatão que correspondem a pouco mais de 50% da potência total então concedida. Tal não se deu. A Cia. que, diante das conseqüências da crise, havia obtido com tanta facilidade as concessões de todas as possibilidades do Alto Tietê, voltou suas vistas cubiçosas para outro grande manancial das vizinhanças da Capital — o das possibilidades de transbordamento do rio Paraíba em Caraguatatuba — cuja potência é da ordem de 1.000.000 de C.V., e cuja montagem exige obras civis de muito menor porte do que as que se tornaram necessárias à montagem da usina do Cubatão. Acresce ainda que o desvio do Paraíba dispensa usinas de recalque, enquanto que o desvio das águas do Tietê é feito através de duas usinas elevadoras do canal do rio Pinheiros, o que encarece de muito o preço da energia em alta tensão. A usina em Caraguatatuba era, portanto, concorrente perigosa; vejamos quais as manobras que desenvolveu a Light no sentido de se apoderar do grande manancial do Paraíba.

PEDIDOS DE CONCESSÃO NO ALTO PARAÍBA

Enfrentava a Light, então, um novo problema: apossar-se do Vale do Paraíba. Era preciso porém, procurar um motivo plausível para a Cia., que já era detentora de concessões que já iam a mais de 1.000.000 de C. V. O pretexto surgiu em 1928, quando a Sorocabana, iludida por informações erradas que lhe haviam sido fornecidas pela própria Light, lançou os trilhos da Mayrink-Santos dentro da bacia do Guarapiranga, em zona já concedida à Light. Como compensação a esta perda, pediu a Light concessão para lançar o rio Paraíba no Tietê e aumentar assim as águas disponíveis para o Cubatão — perdia a concessão de um córrego e ganharia a de toda a bacia hidrográfica de um grande rio, o Paraíba.

Estes fatos foram trazidos a público logo após a revolução de 1930, pelo engenheiro Plínio de Queirós, assistente técnico do Secretário da Viação, o saudoso Dr. Monlevade. Em artigo publicado em "O Estado de S. Paulo" de 14-12-1930, declarava este ilustre engenheiro que a Light havia fornecido informações inexatas à Sorocabana que, em consequência localizou os seus trilhos dentro da área concedida à Light; que a companhia, apesar de conhecedora da situação, deixou de notificar

CATULO BRANCO

a Sorocabana, para finalmente propôr ao Governo, como compensação, o direito de poder lançar o Paraíba no Tietê.

A denúncia oficial de tais fatos escandalosos pôs em dificuldade a pronta realização dos desejos da Light. Em 1938, estudos topográficos e hidrologicos da região vieram revelar, não só o absurdo do pedido, uma vez que as águas do Paraíba estavam duzentos metros abaixo das do Tietê, como também a existência de situação topográfica extremamente favorável ao lançamento do Paraíba serra abaixo, com possibilidade para montagem de ... 1.000.000 de C. V. em uma usina próxima a Caraguatatuba. Esta usina iria ainda resolver um problema muito sentido em todo o Vale do Paraíba, o da regularização da vazão, evitando enchentes que são grandemente desfavoráveis a agricultura.

DESVIO DO PARAÍBA EM BARRA DO PIRAI

Não obstante haver fracassado em sua primeira manobra, em 1930, nem por isto abandonou a ideia de se apossar do grande manancial hidroelétrico representado pelo rio Paraíba. Nova ofensiva foi por ela desenvolvida em 1945, na ocasião em que pediu autorização para desviar o rio Paraíba em Barra do Pirai no Estado do Rio. Sob pretexto de necessidade de maiores disponibilidade de água, pediu autorização para represar o alto Paraíba, obrigando-se o Governo a não permitir o transbordo das águas do rio Paraíba para fora de sua bacia hidrográfica; isto é, o Governo não executaria e nem permitiria que alguém executasse a usina de Caraguatatuba. E este pedido absurdo foi aprovado sob pressão de nova crise de energia, crise esta, pela qual a única responsável é a própria Light.

Conseguida esta vitória e como estas obras são de execução demorada e com possíveis mudanças de orientação e recuo, obtém do Conselho de Águas e Energia Elétrica uma exigência especificada na parte final da Resolução n.º 558, referente ao racionamento de energia elétrica no Distrito Federal: fica a Light "obrigada" a realizar estas obras com prazo de 90 dias para entrega dos primeiros trabalhos. Assim se exigiu, portanto, aquilo pelo que luta há 20

anos. É ainda interessante observar que a Light cumprisse obrigatoriamente, com a primeira crise de energia, obteve a Light as concessões do Alto Tietê e, com a segunda, a do Alto Paraíba.

PROJETOS ECONOMICAMENTE ERRADOS

Esta revista, em seu n.º 14, já abordou um assunto, ao qual se deve aqui fazer referência. É o fato da Light sempre projetar usinas, em que a água passa por bombeamentos sucessivos ante de poder ser usada no desnível útil para a produção da energia. Assim é na usina do Cubatão, em que passam as águas primeiramente por duas usinas de bombeamento no canal do rio Pinheiros; assim é também no caso de Barra do Pirai, em que as águas passam por duas usinas de bombeamento; assim também no aproveitamento do baixo Tietê, em que a usina de Parnaíba será transformada em usina de bombeamento; e assim também no proposto lançamento do Paraíba no Tietê com elevação de 200 metros em usinas de bombeamento. Naquele artigo ficou bem demonstrado o objetivo imperialista de semelhantes erros que visam impedir o desenvolvimento das indústrias eletroquímicas em nosso país, indústrias estas que não suportam tarifas elevadas acima de certo limite.

A ATUAL CRISE DE ENERGIA ELÉTRICA

No desenvolvimento desta política de restrição de energia elétrica, com o objetivo primordial de impedir o desenvolvimento das indústrias básicas, nosso país, frequentemente outros setores do consumo têm sido atingidos. Foi o que se verificou na crise de 1925, com enormes prejuízos ocorridos em nossa pequena indústria, e é o que presentemente está ocorrendo frente à atual crise, cuja justificação apresentada ao público pela Light baseia-se, ora no crescimento muito rápido do consumo, ora em sécas muito pronunciadas. Evidentemente não iremos admitir, que uma grande e velha empresa argumente com a falta de previsão do aumento de consumo; e quanto ao outro argumento, o das sécas, foi inteiramente contestado com as cheias excepcionais de todos os rios.

O que aqui convém assinalar, é que a Cia. havia sido seriamente advertida pelos engenheiros das Repartições Públicas, já em 1942, quando para o Brasil veio a Comissão chefiada pelo cidadão americano chamado Morris Cook.

Sobre este assunto encontramos no trabalho do engenheiro Plínio Branco — “Crise de Energia Elétrica e Aumento de Tarifas” — à pag. 35:

“Tendo em vista o imenso “dossier” com que daqui partiu o Sr. Morris Cook, de volta à sua terra, podemos di-

zer que jamais se forneceu a uma potência estrangeira maior soma de informações sobre as nossas dificuldades, sobre as nossas deficiências e necessidades mais prementes de toda a espécie sem que daí resultasse qualquer vantagem.”

E no mesmo trabalho, vemos à pag. 12 que, de 1940 a 1948, enquanto o consumo aumentou de 179%, a potência instalada aumentou de apenas 18%.

E como sabe a Cia. que da restrição do produto só pode resultar aumento de seu preço, vai logo reivindicando novas tarifas com aumento de preço que por vezes chega a 300%, como é o caso da calefação, cujas tarifas são regulamentadas pela Portaria n.º 187, assinada pelo Ministro da Agricultura — Sr. Daniel de Carvalho — que, sem qualquer cerimônia, declara no preâmbulo desta mesma Portaria, desconhecer o elemento fundamental para o estabelecimento de tarifas — o Capital da Light — não obstante os enormes aumentos ali impostos ao público.

Este último agravamento da crise deste produto básico — a energia elétrica — ocasiona enormes danos à nossa população. As consequências principais do racionamento poderão ser assim resumidamente discriminadas:

- a) Paralisação do progresso industrial — impossibilidade de

No Parlamento italiano, por duas vezes, o nome de Kerênski foi evocado pelos dirigentes da Democracia cristã, os quais, diante da oposição que reclama respeito às leis e uma política de reformas sociais, faziam entender que, se o governo nada concede a este respeito é porque quer ser um governo forte, quer evitar de seguir as pegadas do homem de Estado russo que precisamente pelas suas fraquezas em frente do movimento revolucionário, teria aberto o caminho à revolução bolchevista e assegurado o seu triunfo. Os dirigentes demo-cristãos que assim se expressam sobre Kerênski podem ser desculpados. A sua cultura histórica é limitada. Não se lhes pode exigir que estejam perfeitamente informados sobre o modo como se desenrolaram os fatos no período compreendido entre março e outubro de 1917, na Rússia. Eles não podem, portanto, fazer mais do que repetir uma opinião que os historiadores recusam, mas que nem por isso deixa de circular em toda a literatura política burguesa, nesse sentido. Esta opinião, porém, é substancialmente falsa.

É falso admitir que Alexandre Kerênski, que esteve no poder, primeiro como ministro de diferentes pastas, e depois como chefe de governo, nos últimos meses de sobrevivência na Rússia do regime capitalista, tenha sido um homem de governo “fraco”, no sentido que vulgarmente se atribui a este termo, e no sentido subentendido por aqueles que esconjurando-o, lhe citam o nome. Lênin, com muita justeza definiu Kerênski como um agente ativo do imperialismo e da contra-revolução, um serviçal das classes reacionárias. Kerênski pôs a serviço desta sua função uma teatralidade e uma retórica de baixa qualidade, como o poderiam fazer, por exemplo, um Sforza ou um Pacciardi, e também um Scelba; prestou-se por conseguinte ao ridículo, mas a substância dessa sua ação foi uma luta sem distinção contra o movimento revolucionário dirigido pelos comunistas.

Basta recordar os fatos. Na primavera de 1917, coube a Kerênski, que era então ministro da guerra e da marinha, o desencadeamento, por ordem dos governos imperialistas dos

QUEM É

PALMIRO TOGLIATTI

aliados, da ofensiva nas frentes orientais que custou ao povo russo rios de sangue. A ofensiva foi precedida e seguida, em todo o exército, de uma violenta ação repressiva do movimento dos comitês dos soldados com o escopo de restabelecer a antiga disciplina. Por obra de Kerênski introduziu-se de novo no exército, como medida disciplinar largamente usada para estrangular o movimento revolucionário, a pena de morte. Kerênski estava no poder quando foi afogada em sangue a manifestação popular organizada em Petrogrado no mês de julho pelos bolchevistas. Foi ele quem mandou destacamentos da polícia reacionária atirar, naquela ocasião, contra os operários. Foi ele quem, depois da manifestação de julho, dissolveu a Guarda Vermelha e iniciou a perseguição contra o movimento dos Sovietes e contra o Partido Comunista, apoiando-se para isso na organização dos oficiais contra-revolucionários. A direção do Partido Comunista foi perseguida e acusada, tanto que, por decisão do Comité Central, Lênin foi obrigada a afastar-se de Petrogrado e a viver clandestinamente longe da cidade, até o dia da insurreição. Os bandos de tipo fascista que então começavam a formar-se, estipendiados pela burguesia reacionária para esmagar a revolução, foram efetivamente apoiados pelo governo de Kerênski, sendo verdade que este não esteve em condições de fazer nada por ocasião do golpe de mão do general Kórnilov,

serem montadas novas fábricas — diminuição das horas de trabalho na indústria.

- b) Desemprego.
- c) Montagem de caldeiras e motores de explosão, onde houver necessidade de mais força motriz.
- d) em decorrência, elevação do preço de instalação industrial e aumento dos preços dos produtos.
- e) aumento do consumo de óleo, gasolina e carvão e conseqüente agravamento do nosso déficit no comércio exterior.
- f) aumento do consumo de lenha e carvão de madeira — e conseqüente desmatamento, erosão e empobrecimento da terra.
- g) agravamento das dificuldades de transporte, suprimento de água e conseqüente encarecimento da grande maioria das utilidades, e mais o estabelecimento de verdadeiro câmbio negro na obtenção de futuras ligações de luz e força.

A LEGISLAÇÃO FISCAL EM NOSSO PAÍS

Há cerca de 20 anos aportou no Estado de São Paulo, a Bond and Share e, a toque de caixa, adquiriu quase todas as empresas de suprimento de energia elétrica do interior, formando um empreendimento que passaria a funcionar sob a agradável

denominação de “Empresas Elétricas Brasileiras.” Da mesma forma, a Light adquiria todas as empresas existentes na região da Estrada de Ferro Central do Brasil e lutava por se apossar de todos os mananciais hidroelétricos da região.

Foi tão pronunciada a operação econômica, que chamou a atenção de muita gente, desenvolvendo-se, em nosso meio social, a discussão e o estudo do assunto. Entre os trabalhos mais notáveis aparecidos então, achava-se o do Professor Anhaia Mello em seu livro “Serviços de Utilidade Pública”, repositório de preciosas informações que até hoje muito nos auxiliam no estudo do problema.

A sua tese fundamental era a de que este serviço de utilidade pública, o de produção da energia elétrica, era realmente um monopólio, princípio este aceito, aliás, por todos os grandes juristas norte-americanos. Aceita a idéia do monopólio, decorre a da fixação do preço da energia, na base de seu custo (isto é, incluindo todas as despesas). Não se poderia mais aceitar a teoria do “valor do serviço”, difundida até hoje pelas empresas, e de acordo com a qual o preço é uma função da necessidade do consumidor.

Após muitas discussões sobre o assunto, à grande maioria das pessoas, apresentou-se, como uma idéia evidente, a do “monopólio de fato”, decorrente daí a necessidade da fiscalização e da prestação de “serviços pelo preço de custo.”

Mas, para execução deste processo, tornar-se-ia necessária a fiscalização das empresas especialmente em sua contabilidade e, para isto, era de suma importância a fixação do capital despendido no empreendimento.

Decorridos alguns anos, em 1934, estes princípios tomavam base legal no Código de Águas. Passados, porém, alguns anos, as duas maiores empresas do Brasil — Light e Empresas Elétricas Brasileiras (Bond and Share) — nem ao menos reconheciam valor legal ao Código de Águas e, só após 4 a 5 anos, é que a Light apresentava os documentos preliminares exigidos pelo Código (o chamado manifesto.)

As cartas enviadas pelo General Juarez Távora ao Congresso Federal vieram documentar de forma irrefutável: a) que a Light havia desrespeitado as leis do País; b) que a Light se havia apossado ilegalmente do acervo da “Société Anonyme du Gaz”; c) que a Light havia agido junto aos poderes públicos para impedir a construção da usina do Salto, agindo por métodos ilícitos, conseguindo inclusive o desvio de documentos oficiais.

Não obstante todos estes fatos, agressivos agentes do imperialismo norte-americano continuam a se apresentar em nosso país, pleiteando modificações em nossas leis que permitam maiores facilidades e amplas liberdades de ação ao capital estrangeiro. Não só em Congressos patronais nacionais, como o de Araxá,

K E R Ê N S K I

golpe este que se não obteve êxito, se deve exclusivamente à resistência do povo, guiado pelos bolchevistas.

E' absurdo, pois, apresentar Kerênski como um ministro que houvesse pecado pela “fraqueza”, isto é, que em lugar de servir-se da força armada com finalidades repressivas, tivesse feito compromisso com a vanguarda da revolução, provocando assim seu próprio naufrágio. A repressão desencadeada e dirigida por este “socialista” marca Noske, foi sem dúvida mais ampla e mais cruel, do que a praticada pelo regime fascista e por Mussolini nos anos que precederam o 25 de julho de 1943. Não obstante isso, Kerênski foi batido, esmagado, arrastado pela revolução bolchevista, obrigado a fugir da Rússia vestido de mulher, entre os apupos e a maldição do povo. Seu exemplo, não deveria portanto ser citado mais precisamente para demonstrar que, em determinadas circunstâncias históricas o recurso à força brutal, à repressão sanguinolenta, ao emprêgo de força armada policial contra o movimento popular, etc., são expedientes que não servem absolutamente para salvar regimes afinal destinados a desaparecer. Seu exemplo, não deveria por conseguinte, reforçar a convicção de que não é na ausência de violência e brutalidade na repressão do movimento popular que deve ser procurada a causa do fracasso destes regimes, mas em uma direção completamente oposta?

As condições da Rússia em 1917 eram profundamente diversas das dos países capitalistas nos dias de hoje. A guerra, as derrotas, a má administração a corrupção, tinham criado condições de extrema desordem. Em condições análogas, ou melhor, em circunstâncias ainda piores, depois da Revolução de Outubro, o governo soviético, dirigido pelos

bolchevistas, conseguiu apoderar-se de todo o país e organizá-lo em condições tais que o habilitaram a rechazar o ataque armado dos governos da Entente e a insurreição das classes reacionárias. Onde está a diferença e, portanto, quais foram as verdadeiras causas da derrocada de Kerênski, de seu governo e do regime que ele defendia? A diferença está no fato de que a crise aberta pela guerra imperialista e irrompida com a Revolução de Março havia colocado na ordem do dia do país alguns problemas vitais, que não podiam ser protelados, mas, ao contrário, era necessário resolvê-los a qualquer custo, de tal forma que, não somente surgia como um imperativo da situação objetiva, mas se impunha como uma necessidade à consciência das grandes massas da população. Tomemos alguns exemplos desses problemas vitais: o da paz, o da terra, e o da criação de uma nova administração do país. Para salvar-se a si mesmo da catástrofe o povo russo teve necessidade antes de tudo de sair da guerra, de fazer a paz a qualquer preço. Esta era uma necessidade objetiva e ao mesmo tempo, a aspiração ou melhor, a vontade precisa da parte ativa da nação: operários, soldados, camponeses. Era preciso resolver a questão saindo da guerra, ou então ser arrastado por ela. E assim, impunha-se dar a terra aos camponeses, se se queria de igual modo resolver um problema inderrogável, encaminhando a maior parte do povo para um trabalho produtivo. Precisava-se livrar a Rússia de todas as sobrevivências da velha burocracia czarista e criar novos órgãos de governo que extraísse sua própria força do povo, constituindo-se a base de um sólido poder. A “fraqueza” de Kerênski não consistiu em não saber atirar sobre o povo e dar caça aos comunistas, mas em não ter

como em tôdas as reuniões feitas sob a direção dos grandes representantes do capital estrangeiro, tais como Abbink — Kennan — Miller e Kemper, exigências claras e positivas têm sido feitas no sentido de que: a) plenas garantias sejam dadas contra a encampação; b) garantias e privilégios relativos à tributação; c) garantias de que os lucros possam sempre ser transferidos para o país de origem do capital; d) garantias de disponibilidade de cambiais para a retirada de juros e lucros; e) nenhuma discriminação contra diretores e técnicos estrangeiros. São estas, exigências que, se satisfeitas, nos levarão à dependência econômica integral. A concessões desta natureza se referiu o Presidente Wilson, declarando que conduziam a uma situação intolerável.

Para que tais exigências sejam satisfeitas, necessário se torna a anulação de diversas leis do país e, entre estas, com especialidade, o Código de Águas. Assim se explica a campanha sistemática que, de alguns meses para cá, vemos desenvolverem contra tal lei — jornais da imprensa mais reacionária, revistas técnicas e comentários sobre convênios e congressos semelhantes ao realizado pelas organizações patronais em Araxá. O que exigem os cavalheiros que escrevem nestes periódicos é invariavelmente a modificação do Código de Águas e isto, porque este Código deu fundamento legal a vários princípios altamente interessantes para a defesa da economia do nosso país, entre os quais: a) o do custo histórico para o capital; b) o das concessões con-

feridas exclusivamente a brasileiros; c) o da exigência de maioria de diretores brasileiros e mínimo de dois terços de engenheiros e três quartos de operários brasileiros, nas empresas de serviços públicos.

Felizmente, porém, os acontecimentos têm ultimamente conduzido ao desmascaramento das manobras imperialistas, tendentes a destruir as bases legais dos princípios acima expostos.

O FUTURO DA INDÚSTRIA ELÉTRICA EM NOSSO PAÍS

Os fatos aqui apontados; as acusações do General Juárez à Light, acusações estas confirmadas pela Assembléia Federal; o caso do escabroso empréstimo feito à Light; e o agravamento da situação desta indústria, nos esclarecem a ação imperialista desta empresa e a contradição profunda entre os seus interesses de lucro e as necessidades de progresso de nosso país.

Não temos dúvidas, porém, que caminhamos rapidamente para a unificação de tôdas as empresas de energia elétrica em mãos do Estado; é esta, na hora atual, uma operação imprescindível ao progresso. Nesta época, em que compreendemos toda a necessidade indiscutível de ver realizadas obra progressistas para conservação do solo, através de represamento de rios, através de barragens e usinas — águas regularizadas — campos irrigados — produção de energia elétrica farta e barata — desenvolvimento das indústrias eletroquímicas, especialmente as

de nitrato e fosfatos — poderemos nós ter esperanças de ver a política de nosso país orientar-se neste sentido e opôr-se ao interesse imperialista de poderosas forças econômicas que sólidamente se aninharam em nosso meio social e econômico? Poderá tudo isto ser realizado em país, onde empresas estrangeiras e imperialistas são detentoras de concessões para o uso dos rios?

Evidentemente tal não é possível. E foi por isto que, ao estudar o problema do reerguimento do Vale do Paraíba, a nossa bancada, a bancada comunista, declarava em conclusão na Assembléia Legislativa Estadual em 1947:

“...é que só conseguiremos afastar as dificuldades legais e o desenvolvimento do Vale do Paraíba, com a encampação da Light; e, para isto, precisamos promover a preparação financeira. Nada deveremos esperar de uma empresa que, em 1947, toma atitude absolutamente idêntica à de 1930, isto é, obstruindo a possibilidade do desenvolvimento através de subtis pedidos de concessão. Esta empresa nos seus atuais fundamentos, já chegou à sua etapa final de desenvolvimento. A única saída para uma nova etapa de desenvolvimento em que se promova o reerguimento do Vale do Paraíba, será aquela que corresponde ao afastamento do maior antagonismo a este reerguimento: será a de encampação da Light.

sabido reconhecer, enfrentar e resolver radicalmente estes problemas da vida nacional. Mas, esta “fraqueza” nêla, era orgânica, insuperável e incorrigível. De fato, êle estava no govêrno em nome e em função de grupos sociais incapazes pela sua própria natureza de resolver estes problemas. Não podia dar a paz à Rússia porque era o agente dos imperialistas estrangeiros e dos militaristas indígenas. Não podia dar a terra aos camponeses, porque se apoiava nos capitalistas e nos financistas que não queriam saber de medida revolucionária, nem mesmo de reforma agrária decente. Não podia criar novo poder democrático porque o separava do povo toda a sua orientação política contra-revolucionária.

Poderá servir para alguma coisa haveremos recordado estes elementos de fato aos chefes da democracia cristã que tanto medo têm de se parecerem, pela sua “fraqueza”, ao Kerênski que não conseguiu impedir o triunfo da Revolução de Outubro? Não o cremos, porque estes chefes, em verdade, tal como aconteceu há trinta e dois anos a Kerênski, longe de se orientarem segundo as lições dos fatos, ou por um raciocínio, ou para as objetivas necessidades da vida nacional, obedecem a um complexo de interesses e de sentimentos que são depois de tudo, nêles e para êles, mais fortes do que qualquer raciocínio.

De nada serve evocar neste segundo após guerra europeu, que deveria ser chamado a confirmar nos fatos, em toda a Europa, a condenação do capitalismo egoísta e explorador, provocador de miséria e de guerra, amadurecida afinal na consciência de milhões e milhões de homens. Da fortaleza capitalista sobrevivente nos Estados Unidos veio a palavra de ordem de salvar a qualquer custo o capitalismo, na vã tentativa de fazer retroceder a roda da história, e ei-los todos entregues a esta obra, com seu plano Marshall, com seus absurdos e ridículos “volta ao liberalismo”, mas em verdade com o sacrifício real dos interesses populares e da possibilidade de construção de um mundo renovado.

De nada serve proclamar a absoluta necessidade de paz da Europa e do mundo, a vontade de paz dos povos, as concretas propostas de permanente colaboração internacional

feitas pela União Soviética. A fraternidade de classe prevalece sobre a razão. Em nome desta fraternidade o imperialismo norte-americano a todos arrasta a uma política de guerra em que se exaurem as riquezas e a tranquilidade das nações.

De nada serve despertar a atenção para as questões vitais que surgem da realidade da vida do nosso país, a necessidade de profundas transformações sociais para iniciar uma renovação. O velho grupo dirigente privilegiado fêz do atual partido de govêrno o seu partido, assimilou-lhe os quadros, sem permitir afastar-se da velha política de defesa da ordem constituída.

De nada serve apontar a generosidade e a sabedoria com as quais os partidos avançados da classe operária, conscientes de sua força quanto de suas necessidades objetivas, se desdobram para que a sociedade italiana se renove seguindo a estrada menos dolorosa, que importe menos riscos e menos sacrifícios. As velhas forças reacionárias, empenhadas na defesa obstinada dos seus privilégios a qualquer preço, reexumaram do pútrido lodaçal fascista o anticomunismo como amálgama “ideal” do bloco criado para esta defesa. A Igreja Católica aspergiu-a com água benta. Inútil pois, raciocinar, demonstrar, procurar convencer. És um bolchevista! És um ser infernal, és um homem dotado de rabo e três narinas. Seja confiada à física violência da “Celere” o aniquilamento das tuas razões!

Quem, pois, faz o papel de Kerênski, nesta situação? São aqueles que ignorando ou desprezando as necessidades vitais da nação, do povo, da Europa e do mundo inteiro no momento presente, tentam em vão impedir o curso dos acontecimentos, obstruir aquela marcha para a renovação que é imposta pelas coisas e pela consciência dos homens. E, não importa que êles também, a exemplo de Kerenski, lancem anátemas, ameacem, recorram à violência, persigam e matem. Isto, quando muito, serve para tornar ainda mais inevitáveis as soluções que com o recurso à violência êles pretendem esconjurar.

LEMBRANÇAS

AFONSO SCHMIDT

No catálogo dos poetas paulistanos do começo deste século não se deve omitir o nome de Artur Goulart. Seria desmarcada injustiça. Não digo que ele tivesse escrito obra de polpa ou deixado tradição de genialidade, mas venceu galhardamente no mundo das letras, criando e mantendo um alarido ensurdecido à volta do seu nome. Nutria sincero amor pela literatura e o seu sentimento era tanto mais respeitável quanto os seus detratores, assaz numerosos, afirmavam de pés juntos tratar-se de um amor não correspondido.

Com tenacidade a toda prova, ele nunca se deu por vencido. Escrevia. Escrevia sempre. Prosa, verso, crítica, ensaio, teatro, artigos de jornal e, principalmente, livros didáticos, nos quais desasnou-se toda uma geração. Aquela geração que, se não fez esbórnias de talento, pelo menos não desmereceu das anteriores, nem das que se lhes seguiram. Nas festas escolares de fim de ano letivo, o nome de Artur Goulart brilhava, dos programas escolares constavam peças teatrais, poesias, monólogos, diálogos e discursos saídos de sua pena prolífica.

Cá fora, porém, ele não encontrava a mesma unanimidade admirativa. Lembro de três ou quatro jornalistas de 1906 ou 1907 que, uns por bom, outros por mau humor, encontravam na literatura de Artur Goulart um alvo propício a mofinas e verrinas. E ele, firme, topava a parada. Rebentavam as polêmicas. Engalfinhavam-se nas colunas dos jornais. Por isso, o seu nome esteve sempre em evidência. Foi, durante vinte anos pelo menos, um escritor negado, afirmado, discutido, com a sua turma de partidários recrutados dentro e fora do território conflagrado das letras...

A verdade, entretanto, é que Arthur Goulart tinha mérito, se não o valor imenso que ele próprio se atribuía, pelo menos talento, amor à literatura e uma bondade que o levou a amparar incipientes plúmicos, tanto de São Paulo, como de outros Estados. Sua facção não era talvez a mais brilhante, mas era com certeza a mais numerosa. Francisco Gaspar, outro poeta, admirava-o cem por cento.

Artur Goulart e Francisco Gaspar entendiam-se às mil maravilhas. O primeiro, diretor do Grupo Escolar do Marco de Meia Légua, o segundo entregue ao descanso de funcionário público aposentado. Quando conheci Artur Goulart, era ele um quarentão de estatura mediana, arremiscado, de *pince-nez* e barba à moda nazarena. Vestia quase sempre terno cinza zento, de fraque, o chapéu redondo da mesma cor. E era exigente nos "plastrons", das tonalidades mais sugestivas. Publicava com dificuldade uma revista, "A Nova Cruz", em cujas páginas muitos estreates alcaram vôo. Contou-me ele, certa vez, com legítimo orgulho, que o seu soneto "Celeste" já havia sido reproduzido por mais de duzentos semanários do País inteiro.

Seu amigo Francisco Gaspar parecia um literato alfacinha, do Chiado como

aqueles que tinham retrato no Almanaque de Lembranças". Conheci-o já aos cinquenta e muitos janeiros. Alto, grisalho, cara rapada — o que não era comum naquele tempo — sobrecasaca preta, chapéu mole de largas abas, *pince-nez* de ouro com um cordão de seda negra preso à lapela. Passava as tardes a remexer nas estantes das livrarias, cortejado pelos caixeiros e fregueses, distribuindo frases sibilinas. São Paulo inteiro conhecia e apreciava esses dois homens de letras.

Artur Goulart sentia sincera admiração por Francisco Gaspar. Francisco Gaspar, por seu lado, retribuía largamente o sentimento do ilustre amigo. Tanto assim que, todos os anos, Gaspar publicava uma "plaquette" sobre Goulart. E Goulart, para corresponder a esse ato de justiça, dava uma "plaquette" sobre Gaspar. Eram, pois, literatos à conta inteira. E deram cor ao seu tempo. Por isso, aqui lhes consagro um pensamento de simpatia e uma florzinha roxa a que, naquele tempo, se dava o lindo nome de saudade...

LIMA BARRETO

Francisco de Assis Camargo, escritor carioca, está escrevendo a biografia do romansista Lima Barreto. Por intermédio de Edgard Leuenroth, pediu-me que lembrasse os meus encontros com o grande boêmio. Para falar a verdade, tais encontros não foram numerosos.

Ali por 1918 ou 1919 eu dirigia a "Voz do Povo", diário da manhã, com escritório à Rua da Constituição n.º 12. De quando em quando, ia à Associação Brasileira de Imprensa, que, nos seus primeiros tempos, estava instalada à Rua 13 de Maio, num casarão baixo e escuro. Lá havia um salão com máquinas de escrever e uma pequena biblioteca, com livros de consulta. Ali eu me encontrava com diversos colegas, entre os quais Oduvaldo Viana, redator de "A Noite" e já autor de revistas e operetas.

Um dia saindo em companhia de Oduvaldo Viana, passamos pela porta de um modesto café qual ficava nas proximidades da Associação. Na porta estava um homem alto, magro, de cor, que nos abria os braços com alegria. Aproximamo-nos. Vestia terno de cor amarelada, já no fio, colarinho que na véspera deveria ter sido engomado e uma gravata de laço mal feito. A palheta, escura, ora pendia para a frente ora para o lado.

Oduvaldo disse-me:

— É o Lima Barreto. Você não conhece?

Dali a pouco estávamos íntimos. Mas o escritor parecia indignado com alguns elementos políticos de São Paulo e aproveitou a nossa presença para fulminá-los com a sua cólera.

— Ainda hei de ir procurá-los, a cavalo e de facão! Assim...

Encontrei-o algumas vezes, nesse café ou em outros. Notei que ele, apesar da vida desregrada, tinha tempo para muita

coisa, o que não acontecia comigo. Lia todos os jornais, estava a par do movimento literário no País e no mundo, correspondia-se com pessoas residentes em outros Estados. E residia com a família no subúrbio.

Tanto me convidou para almoçar com ele que um dia aceitei.

— É fácil — explicou-me, você toma o trem, desce em Todos os Santos, toma a rua fronteira e logo encontra a nossa casa.

— Domingo está bem?

— Domingo. Não falte.

No domingo seguinte, apei em Todos os Santos e ao deixar a estação tomei a rua indicada. Já não lembro o número que ele me deu. Era um chalé cor de oca com duas janelas azuis. Entrava-se pelo portãozinho ao lado. Segui-se um muro descarnado. Sobre ele, espiavam as bananeiras, os mamoeiros, os nês de resedá. Bati no portão. Uma senhora apareceu na janela.

— Que deseia?

— Sou amigo do Lima Barreto. Ele está?

— Quando o senhor encontrou com ele, pela última vez?

— Há uns quatro dias.

— Pois ele até hoje não apareceu em casa: estamos com cuidado.

Convidou-me para entrar. Se o Lima Barreto tinha marcado encontro para aquele dia, talvez não demorasse a chegar. Mas eu preferi despedir-me, tomar o subúrbio e voltar para a cidade. Logo depois, a situação do país escureceu. Tive de deixar o jornal e regressar a São Paulo. Aqui, chegou-me às mãos uma carta de Lima Barreto. Ainda tenho de cor as primeiras palavras:

"Meu caro Xará. — Trato-o de xará porque, não sei se você sabe, eu também me chamo Afonso..."

Onde andarás essa carta? Seria difícil, impossível mesmo, encontrá-la assim do pé prá mão.

MARIA LACERDA DE MOURA

Em fevereiro de 1945, um jornal do Rio de Janeiro, entre numerosos avisos fúnebres, publicou modesto convite para o entêro de uma senhora, convite que, por certo passou despercebido a muita gente. Encimava-o o nome popular de Maria Lacerda de Moura. Embalde procuramos nesse e nos outros jornais cariocas, da mesma data, as linhas habituais na secção de falecimentos da véspera. Nada.

No entanto, Maria Lacerda de Moura deixou fortes vestígios de sua passagem pela terra. Nascida em Alfenas, Minas, formada pela Escola Normal dessa cidade, dedicou-se desde muito jovem ao magistério e às letras. Mas trazia na alma, cheia de idealismo e de desprendimento,

EXIJAMOS A INTERDIÇÃO

MARIO SCHENBERG

Um movimento geral de indignação e horror abalou todos os homens de bom senso, ao saber que Truman ordenara a fabricação de uma bomba de hidrogênio, ainda mais destruidora do que as bombas atômicas de urânio e plutônio lançadas sobre Hiroshima e Nagasaki. Figuras eminentes das igrejas protestantes, homens de ciência como Einstein e até líderes políticos reacionários, como Mac Mahon e Millard Tydings, protestaram contra a nefasta decisão que ainda mais veio agravar a criminosa política atômica do governo norte-americano. É certo que não devemos nos iludir com o clamor dos Mac Mahon e Millard Tydings, que visam apenas enganar o eleitorado norte americano nas eleições que se aproximam. Não deixa, porém, de ser extraordinária significação, o fato de dois chefes de comissões militares do Congresso americano terem achado necessário um protesto, ainda que demagógico, contra uma decisão atômica de Truman. Diz a imprensa norte-americana que Mac Mahon recebeu mais de sete mil cartas de seus eleitores, exigindo ou apoiando sua atitude. Os três órgãos mais influentes da imprensa dos Estados Unidos — O New York Times, o New York Herald Tribune e o Washington Post — também manifestaram grande frieza para com a decisão de Truman e a política de força preconizada por Acheson. Fora dos Estados Unidos a onda de protestos foi obviamente muito maior.

Pode-se dizer que, atualmente, mesmo os que crêem ser inevitável uma terceira guerra mundial, justamente por desejá-la, não podem mais deixar de ver quão

imperiosa se tornou a necessidade de por termo à corrida aos armamentos atômicos. O próprio Churchill, um dos iniciadores da "guerra fria", inesperadamente veio reconhecer a necessidade de novas negociações com a União Soviética. É verdade que isso aconteceu durante a campanha eleitoral e deu aos conservadores um de seus melhores trunfos. Não parece porém, descabido supor, que a atitude de Churchill traduza preocupações dos círculos mais reacionários da Grã-Bretanha, pois, não estamos mais nos dias felizes em que Churchill dizia poder dormir tranquilamente porque só os norte-americanos dispunham da bomba atômica. Não devem ter escapado, ao atilado homem político britânico, os inconvenientes de se encontrar no "receiving end" numa eventual guerra atômica. A perspectiva de servir de "coussin atomique" também causa bastante desgosto a muitos bons fautores de guerra da França e arredores.

Walter Lippmann é, incontestavelmente, um dos mais autorizados e inteligentes jornalistas "respeitáveis", isto é, que traduzem o pensamento do punhado de famílias "respeitáveis" que dão o tom em Wall Street e dirigem toda a vida econômica e política da chamada parte "cristã e ocidental" do mundo. Lippmann reconheceu que toda a política atômica do governo norte-americano fracassara, porque se baseara na ilusão de um monopólio prolongado da técnica de produção da bomba atômica. Na sua opinião, o plano Baruch de controle da energia atômica só poderia ter sido aceito pela União Soviética, se os seus

dirigentes não tivessem esperanças de um desenvolvimento rápido da tecnologia atômica em seu país. Ora, diz Lippmann, quando Mólotov e Gromiko repudiavam na O.N.U. o plano Baruch, já sabiam que estava bem próximo o dia em que a bomba atômica poderia ser fabricada na União Soviética, e, assim sendo, nenhuma vantagem teria o seu governo em aceitar as duras condições impostas no plano apresentado pelo ilustre financista ianque. Na realidade, a União Soviética, ou qualquer outro país livre da tutela ianque, nunca poderiam ter aceitado um plano que visava entregar a um truste, dirigido de fato pelos Estados Unidos, o controle total da produção da energia atômica e dos estudos atômicos, tanto para fins militares como pacíficos e que ainda deixava ao governo norte-americano a posse de suas instalações e estoques de bombas atômicas por um prazo indefinido. Parece mesmo pouco provável que o próprio governo norte-americano tivesse podido supor que tal plano pudesse ser aceito pela União Soviética e as democracias populares. A apresentação do plano Baruch foi uma tentativa para embair a opinião pública mundial, fazendo-lhe crer que o governo norte-americano desejava impedir o emprego militar da energia atômica, e constituiu um golpe para obrigar os países capitalistas a entregar aos Estados Unidos as suas riquezas de minérios atômicos. Aliás, o governo de Washington obteve grandes sucessos com esse últi-

toda a inquietação do seu tempo. Daí, talvez, os obstáculos que encontrou na carreira e que foram crescendo a cada passo que ela dava, a ponto de lhe impedirem a conquista do lugar de relêvo no nosso mundo intelectual, lugar a que tinha incontestável direito.

Ainda estava em Barbacena quando publicou "Renascença", sua primeira obra. Foi um grito tão alto, tão inesperado, na defesa dos direitos da mulher que a América Latina fixou nela olhos perplexos. Os patrícios, porém, taparam os ouvidos para não escutá-la. Seu nome tornou-se corrente na Argentina, no Uruguai, no Chile, no México, em todas as repúblicas continentais. Colaborou nas grandes revistas de arte e filosofia de toda a América. Um dia, os admiradores longínquos quiseram conhecê-la pessoalmente. Mandaram-lhe uma passagem de ida e volta e anunciaram as suas conferências. Foi uma viagem triunfal por Montividéu, Buenos Aires, Santiago. A França, que era a capital do pensamento, notou a sua presença. Han Ryner, filósofo quase centenário, que morava numa trapeira do Bairro Latino, nomeou-a seu apóstolo.

Ao rumor dos primeiros triunfos ela deixou Alenas, transferiu-se para o Rio de

Janeiro, depois para São Paulo. Aqui lutou desesperadamente para viver. Publicou a revista "Renascença", que literariamente alcançou êxito, mas financeiramente lhe agravou as amarguras. Montou uma pensão. Passava os dias na cozinha, as noites debruçada sobre a mesa, a encher tiras de papel. Os pensionistas eram estudantes, poetas, artistas sem contrato que o mundo atirava em São Paulo. Muitos não pagavam. E eram os mais exigentes...

Assim mesmo, Maria Lacerda de Moura escreveu livros, folhetos, artigos de jornais. Fêz conferências. Traduziu obras de Han Ryner. Um dia, depois da primeira guerra mundial, a brutalidade humana se organizou sob a forma de fascismo, de nazismo. Sua oposição data do primeiro dia e foi admirável. No nosso meio provocou inquietações, tumultos. Certa vez realizou uma conferência sobre a personalidade de Matteotti, a grande vítima. O vespertino "Il Piccolo" excedeu-se em críticas. O povo tomou o partido da conferencista, foi ao Anhangabaú e empastelou o jornal italiano.

Mais tarde, desgostosa da multidão, retirou-se para Guararema e lá viveu alguns anos, num rancho à beira da estrada. Mas aí mesmo não encostrou a paz que dese-

java. Transferiu-se para o Rio de Janeiro. Foi morar num daqueles subúrbios que parecem situados a mil léguas da cidade. Estudava como sempre e o seu estudo foi tão profundo que ela acabou por perder o contacto com os seus semelhantes. Penetrou-se, alcançou climas tão altos e tão diferentes pela porta estreita da Metafísica, libertantes que quando falava das suas conquistas os homens do quarteirão sorriam...

Ela esqueceu-se do mundo, o mundo esqueceu-se dela. Havia bem uns dez anos que o seu nome não aparecia como antigamente, no alto de um livro, de um folheto, ou mesmo numa coluna da imprensa. As últimas colaborações foram para o "Jornal do Comércio". Mas isso já faz muito tempo. Ninguém se lembra daqueles artigos, uns artigos de cultura que ela, a pobre, convertia em artigos de primeira necessidade. A 20 de fevereiro de 1945, segundo o aviso fúnebre publicado pela família, na secção paga de um jornal carioca, a sonhadora de mundos melhores cerrou serenamente os olhos para os mundos piores em que viveu. Nem sequer esperou o fim do nazismo, contra o qual tão valentemente se batera, no livro, no jornal e na mesa de conferência.

DAS ARMAS ATÔMICAS

mo objetivo, invocando a defesa do mundo "ocidental" pretensamente ameaçado por uma União Soviética a que se atribuíam propósitos agressivos. Deixemos, momentaneamente, de lado, o exame dos planos de controle da energia atômica, para apreciar outros aspectos interessantes da argumentação de Lippmann. Segundo o jornalista americano, a adoção dum plano de controle da energia atômica não era premente, enquanto a União Soviética não podia dispôr de armas atômicas, mas tornara-se urgente desde que isso se dera. Observe-se, de passagem, que essa foi também a atitude do Vaticano, que só se pronunciou em favor da interdição das armas atômicas no fim de 1949, quando já não era mais possível duvidar da capacidade da técnica soviética no domínio atômico. Agora, conclui Lippmann, já caducaram completamente as premissas do plano Baruch e impõe-se uma revisão da orientação do governo norte-americano, que deveria participar de novas discussões sobre o controle da energia atômica, com uma atitude diferente, não se limitando a rejeitar sistematicamente quaisquer proposições soviéticas. O "Times" de Londres avança um pouco mais e enxerga que o plano Baruch não é tão perfeito como se supunha, nem o plano soviético tão insatisfatório... Apesar das numerosas críticas e das grandes reservas que lhe são feitas, mesmo em círculos "ocidentais", "cristãos" e "atlânticos", esse plano continua a ser a base da resolução da maioria da Comissão de energia atômica da O.N.U. e Truman acabou de reafirmar que, por enquanto ainda é o único plano aceitável para os Estados Unidos. Noutras palavras, o governo norte-americano nega-se a discutir qualquer esquema realista para impedir o emprego de armas atômicas. Essa atitude ainda mais se agrava com o início de uma corrida armamentista atômica desabalada. A medida que cresce o movimento mundial contra a guerra e que se manifestam as primeiras vacilações sérias de forças do campo imperialista, intimidadas pela pressão popular e o assombroso surto econômico, científico e tecnológico da União Soviética e dos países de democracia popular, os círculos dirigentes da política norte-americana procuram reforçar o seu controle sobre o povo americano e as classes dominantes dos países capitalistas, por uma intensificação da política de força e dureza e pelo aumento frenético dos armamentos em geral e, especialmente, dos atômicos.

A chantagem atômica desempenhou continuamente um papel de primeira ordem na política exterior americana, desde 1945. O criminoso bombardeio atômico de Hiroshima e Nagasaki foi decidido enquanto Truman e Churchill se encontravam em Potsdam. O objetivo era diminuir a importância política das grandes vitórias soviéticas sobre a Wehrmacht e forçar a capitulação do Japão antes que as tropas soviéticas atin-

gissem Pequim. Henry Stimson, ministro da guerra norte-americano durante a última guerra, conta, em suas memórias, o grande temor dos dirigentes norte-americanos em Potsdam. Stimson revela cingidamente nesse livro, que os dirigentes ianques chegaram a pensar que a bomba atômica forçaria os povos soviéticos a "renunciar ao socialismo e a restaurar o capitalismo." As experiências atômicas de Bikini, em julho de 1946, visaram influenciar a Conferência de Paz com os satélites do Eixo. As experiências atômicas de Eniwetok, em 1948 coincidiram com o início das conversações sobre o chamado bloqueio de Berlim. A fim de contrabalançar o efeito das notícias sobre a aplicação na União Soviética da energia atômica para destruir montanhas, foi ordenada a fabricação de bombas a hidrogênio. Já tinham começado a surgir vacilações no campo imperialista. "Para que serve agora o Pacto do Atlântico?" perguntava de Gaulle. Taft declarava no Congresso norte-americano: "Ninguém acredita que a Rússia se prepare para invadir a Europa ocidental... Este programa levará antes à guerra do que à paz, e a velha corrida aos armamentos recomeça." Depois de uma publicidade bem orquestrada sobre o poder mágico da nova bomba — publicidade que dava a entender que só os americanos poderiam fabricá-la — foi apresentada ao mundo a imagem hamletiana de um Truman indeciso, debatendo-se em dolorosos exames de consciência, que enfim resolve dar a ordem fatídica de fabricar a bomba de hidrogênio.

Como no caso das bombas de urânio e plutônio, a importância militar de uma eventual bomba de hidrogênio foi exagerada desmesuradamente. No episódio atual da chantagem atômica há uma circunstância nova: ainda não existe a bomba de hidrogênio, nem se saberá tão cedo se a adjunção de substâncias hidrogenadas e outros elementos leves aumentará consideravelmente o poderio das bombas atômicas. Afirmam alguns dos mais autorizados cientistas atômicos norte-americanos que, só dentro de três anos, conseguirão saber se uma superbomba de hidrogênio é possível. De qualquer modo, mesmo sem superbombas atômicas, as perspectivas de massacre indiscriminado de populações civis, em tempo de guerra, por bombas atômicas ordinárias, são uma triste realidade e revoltam as grandes massas de todos os países. A tentativa de insuflar o balão murcho da chantagem atômica redundou numa tremenda "gaffe". Em vez de facilitar a preparação guerreira dentro dos quadros dos Pactos do Atlântico e do Rio de Janeiro, galvanizando a burguesia dos países do campo imperialista, veio dar um ímpeto ainda maior à luta de todos os povos pela paz, mostrando de modo indiscutível o monstruoso desprezo pela vida de milhões de homens que anima os círculos dirigentes ianques.

Qualquer tentativa honesta de pôr um termo à corrida atômica deve se basear numa análise objetiva da atual situação dum mundo dividido em dois campos, ideologicamente antagônicos, mas podendo coexistir pacificamente e mesmo colaborar. No momento atual, há na Assembléia das Nações Unidas, uma maioria considerável de representantes de governos que obedecem incondicionalmente às ordens de Washington. A Assembléia não é, portanto, um órgão adequado para dirigir uma Comissão de controle da energia atômica. Qualquer plano de controle das armas atômicas propondo o estabelecimento de uma Comissão de energia atômica subordinada à Assembléia da O.N.U., ou outro organismo de mesma composição, é uma manobra diversionista e uma sabotagem do controle efetivo, porquanto a União Soviética, a China e as democracias populares não poderiam entregar o controle da energia atômica a uma Comissão em que o domínio ianque seria total. A comissão de controle das armas atômicas tem que ser subordinada ao Conselho de Segurança da O.N.U., de acordo com o espírito da Carta das Nações Unidas. Aliás, seria preciso que o Conselho de Segurança pudesse funcionar, o que não acontece atualmente, em virtude da insistência do governo norte-americano em negar ao povo chinês o direito de participar do Conselho mantendo o representante de Chiang-Kai-Shek. O direito de veto das grandes potências no Conselho de Segurança permite aos países do campo socialista participar em condições de relativa igualdade, apesar da maioria do Conselho obedecer fielmente às diretrizes de Washington.

Há dois aspectos essencialmente distintos no problema do controle da energia atômica, que o imperialismo procura confundir deliberadamente: o problema das armas atômicas e o problema da utilização pacífica de energia atômica. As armas atômicas devem ser proibidas, os estoques existentes destruídos e os estudos de novas armas atômicas interditos. Não é porém admissível qualquer restrição ao emprego pacífico da energia atômica, nem à verdadeira pesquisa científica atômica, que devem ficar livremente afetos a todas as nações. É indispensável o estabelecimento de um processo eficaz de vigilância a fim de impedir a fabricação e o ensaio clandestino de novas armas atômicas. Para que essa vigilância seja possível, é imprescindível que as instalações destinadas à produção pacífica da energia atômica também sejam fiscalizadas pela comissão internacional de controle. Não é porém necessário que as instalações para a utilização pacífica pertençam à comissão de controle e, muito menos, as jazidas de minérios.

A União Soviética propôs a assinatura simultânea de dois acordos: um proibindo o emprego militar da energia atômica e determinando a destruição dos

estoques existentes; outro estabelecendo uma comissão internacional de controle, subordinada ao Conselho de Segurança da O.N.U., e dispondo de todos os poderes de fiscalização necessários. O plano americano (plano Baruch) não propõe a proibição imediata da fabricação de armas atômicas nem a destruição imediata dos estoques acumulados; a interdição só entraria em vigor quando todo o mecanismo de controle estivesse em pleno funcionamento. A comissão de controle prevista pelo plano americano não estaria subordinada ao Conselho de Segurança, nem haveria o direito de veto nesta comissão. Isso daria ao governo norte-americano o domínio total da comissão, por meio da maioria de votos que caberia aos países do campo imperialista. O controle seria estabelecido por etapas sucessivas, começando pela prospeção geológica em todos os países e terminando, num futuro indeterminado, pelo controle das instalações de produção de armas atômicas e de energia atômica. A comissão internacional seria proprietária de todas as jazidas de minérios atômicos e de todas as instalações e fixaria as quotas de produção de energia atômica de cada país. A comissão internacional dirigiria todas e quaisquer pesquisas científicas relacionadas com a energia atômica. Uma comissão constituída de acordo com o plano Baruch poderia limitar arbitrariamente a produção pacífica de energia atômica nos países do campo socialista e restringir a seu bel-prazer, todas as pesquisas científicas que não interessassem ao governo norte-americano. Os trusts, que dominam a produção de carvão, petróleo e eletricidade no mundo capitalista, poderiam assim dificultar consideravelmente o desenvolvimento pacífico da energia atômica, usando da enorme influência que exercem sobre os governos de todos os países capitalistas. O imperialismo yanque poderia conservar seus estoques de bombas atômicas, e aumentá-los ainda mais, durante um período indefinido.

De um ponto de vista abstrato, fora de qualquer realidade, parece ótima a idéia de dar o monopólio da energia atômica a um truste internacional, em que todos os governos teriam o mesmo voto. Levando-se porém em conta que o funcionamento de um tal organismo só seria possível se as grandes potências o consentissem, vê-se que, na prática, um tal sistema apresentaria todas as desvantagens oriundas do direito de veto, reconhecido às grandes potências no Conselho de Segurança, sem apresentar nenhuma das vantagens efetivas de um organismo subordinado ao Conselho de Segurança. Insistir em planos idealmente magníficos mas praticamente inoperantes, redundando em sabotar efetivamente qualquer controle, procurando iludir os ingênuos. Felizmente, o número dos que podem ser iludidos em sua boa-fé diminui rapidamente em todo o mundo, apesar dos esforços ingentes da imprensa *marshallizada* e de todos os demais recursos de propaganda do imperialismo anglo-yanque.

Os povos saberão impôr sua vontade aos fatores de guerra, através de sua luta organizada pela paz que dia a dia adquire maiores proporções. A interdição das armas atômicas é o primeiro objetivo a ser atingido e o será porque já mobiliza as grandes massas de homens honestos em todo o mundo.

Contribuição do III

JOÃO PALMA NETO

Os escritores que estiveram presentes ao III Congresso aproveitaram os debates encetados sobre literatura, sobretudo no concernente à maneira como conduzir o seu trabalho de ficção, por uma senda verdadeira, real, honesta, de modo a dar uma contribuição eficaz e decidida para a construção de um mundo justo.

Reconheceu o III Congresso a liberdade ampla e ilimitada para os escritores produzirem o que quiserem. Mas reservou-se, também, o direito de orientar e esclarecer os escritores quanto ao desvirtuamento da literatura a serviço de uma elite decadente, que está infelicitando, no seu desespero e estrebuchamento de morte, os povos, pretendendo ensanguentar a humanidade.

Ficou constatado, também, que, na etapa histórica presente, quando se separam em torno dos problemas sociais cada vez mais em dois campos — forças do ontem e do amanhã — os homens, necessariamente em torno dos problemas literários opera-se essa divisão.

As reflexões em torno desses problemas levaram o III Congresso a conclusões objetivas, no que tange a literatura brasileira.

É óbvio que o problema foi abordado pelo lado positivo.

A literatura de um país deve ser a expressão da vida econômica, social e política, principalmente desse país, seu povo, seus problemas, suas lutas, seus sofrimentos e seus ideais, transportados para a obra de arte, com objetividade crítica, realismo puro e romantismo revolucionário.

A verdadeira literatura, hoje, a literatura do campo da paz, do progresso, da liberdade e da felicidade humana, é a que se cerca desses atributos, nasce retratando a vida em sua época e vive em função da verdade, das conquistas sociais que agitam a história dos povos, veiculando experiências e apontando caminhos para a libertação, enfim, co-construindo a nova vida.

Tal literatura, objetiva, realista, crítica, romântica revolucionária, estará escoimada dos artificios de construção literária puramente formais, do subjetivismo inconcludente, da metafísica que nenhuma solução preconiza, das metáforas de efeito que não representam o belo. Será sim, uma literatura vazada em estilo simples, direto, assimilável. O seu arcabouço de construção, as próprias situações da vida nela refletidas, a realidade transplantada, nas quais influirá conscientemente o escritor sobre os fenômenos que retratar; as linhas gerais do movimento social de vanguarda projetado na sociedade, crescendo, agindo e reagindo no homem e no meio social, precipitando o processo evolutivo, quebrando os padrões do velho sistema e com eles as verdades e os valores ultrapassados, na medida da receptividade da massa humana; os choques que determinaram mudanças, a consciência das forças motoras da sociedade levando-as à posição determinante.

Os seus personagens, o elemento humano que conduz essa luta, seus heróis, os vanguardeiros do movimento social em todos os setores da atividade humana a massa que se alevante para cercar e fechar sobre essa época as portas do passado e fazer do futuro grandiosa realidade presente, viva, palpitante.

Verificou-se, ainda, ser esse campo o único em que o escritor pode participar cumprindo a sua função social, ajudando, contribuindo com a sua arte.

E só nele encontra o escritor possibilidades de se realizar de fato. Campo amplíssimo, nele está fermentando o mundo novo, a nova sociedade. Seus temas são inesgotáveis, e os únicos que se prestam às obras de fôlego, ao épico, ao heróico no sentido humano, porque dão à obra de arte a intensidade da época em que vivemos, porque nele se desenrolam os processos de morte do velho e do nascimento do novo, a superação dos antagonismos sociais pelo sacrifício, pelo heroísmo, pelo amor à humanidade que é o ideal dos povos.

O III Congresso, reconhecendo a liberdade do escritor, chamou a atenção dos delegados e dos escritores brasileiros para a outra literatura. A literatura do campo da guerra, do desnivelamento social e econômico, da opressão, da decom-

MENSAGEM DOS ESCRITORES ALBANESES

Nossos melhores votos pelo êxito do Congresso, bem como pela luta dos escritores brasileiros em defesa da paz mundial. Sentem-se felizes os escritores da República Popular da Albânia, ao saberem que no Brasil a magna causa da paz é cada dia enriquecida pela conquista de novos adeptos. — União dos Escritores da Albânia, Tirana.

MENSAGEM DA ASSOCIAÇÃO DOS ESCRITORES POLONESES AO III CONGRESSO BRASILEIRO DE ESCRITORES

Em nome dos escritores poloneses enviamo-vos calorosas saudações, assim como votos de debates bem sucedidos e fecundos. Os escritores do vosso país, juntamente com os escritores das vossas nações irmãs da América do Sul, per-

tencem à vanguarda dos combatentes da frente mundial de luta pela paz e pelo progresso — Amado, Neruda e Varela — perseguidos pelos governos reacionários de seus países, somente pelo fato de que, fiéis aos ideais da Democracia e do Humanismo, eles se opõem aos propagandistas do genocídio atômico. Estes mesmos nomes causam entre nós amor e respeito.

Não poderia acontecer diferentemente num país que sentiu os efeitos da guerra imperialista contemporânea.

Estes exilados e prisioneiros representam para nós os verdadeiros sentimentos e a vontade das suas nações.

Representam, também, o espírito da literatura combativa, seu otimismo popular, sua fé na transformação da vida, na superioridade do trabalho humano e criador, sobre o egoísmo destrutivo de classe da oligarquia capitalista.

Congresso de Escritores

posição social. A literatura decadente, a serviço de uma elite desesperada que quer se manter entre os escombros da própria desgraça. A literatura representada por decantadas obras de arte, em que não mais a boêmia desenfreada, o sensualismo exarcebado, o pessimismo inconseqüente, o misticismo grotesco, a angústia, os dramas passionais, de que foram porta-vozes um Forjaz Sampaio, um Pitigrilli, um Proust, são os temas preferidos, mas a podridão moral, o charco em que se promiscui a burguesia moribunda, a degradação, o sexualismo como fonte criadora, as perversões morais, tôdas, o sadismo, a morbidez, a pusilamidade, a traição, estão na ordem do dia como temas. E são impingidos aos desavisados ao público leitor, não como as misérias engendradas pela sociedade de classe, mas como se fossem os próprios sentimentos humanos. Temas êsses que só conduzem à loucura, ao suicídio, à depravação como soluções para o desespero em que se debate o mundo capitalista, e que tem num Gide, num Artur Koestler, num Truman Capote, num Camus, num Jean Paul Sartre, manipuladores de talento a serviço, conscientemente, dos imperialistas, que pretendem governar o mundo mergulhando-o no obscurantismo, na degradação, na expansão das taras e deformações que são exceção no homem.

O III Congresso evidenciou que a literatura brasileira tem sofrido, se bem que em proporções ínfimas, os influxos dessa literatura de escombros. Os chamados novos principalmente, se têm embalado e enveredado por temas dêsse jaez, que não são nossos, felizmente, e não encontram receptividade no público leitor nacional.

Como contribuição ao combate à essa enxurrada de lodo, fêz ver que o patrimônio cultural brasileiro, se bem que novo e posterior a outras culturas, delas tendo sofrido influências, possui os vínculos nacionais que sobreviveram às influências tôdas e dão-lhe o caráter nacional, da verdadeira cultura do nosso povo, e tão pronunciados, que derribaram a própria falsificação da nossa cultura.

Essa literatura nacional traz em seu bojo as características da verdadeira literatura. Constitui para nós, um respeitável patrimônio, uma grande experiência, uma partida segura para a nova literatura que faremos, a literatura do campo da paz e do humanismo, aquela que virá em auxílio do povo brasileiro.

Amar e ajudar a libertação dêsse povo é a obra dum escritor honesto.

A fim de cumprir tão grande e histórica missão, é mistér que o escritor esteja armado para tal. Não poderá prescindir daquilo que Monteiro Lobato chamou de «lastro científico e filosófico».

Não de qualquer lastro bronco e pseudocientífico, mas daquele lastro que encerra os conhecimentos científicos e filosóficos de vanguarda, capaz de desvendar as verdades do desenvolvimento social, suas leis e sua determinação científica. Mas ainda, aliar a êsses conhecimentos os de outros ramos de ciência, como história, biologia, sociológica, a exemp'lo de Jacú London.

Só assim, preparados e capacitados para sentir o mundo e a vida em sua marcha inexorável, tendo uma visão panorâmica do mundo e dos seus processos evolutivos, mesmo os mais sutis, poderão os escritores produzir qualitativamente a contento.

Não basta o talento apenas; se bem que imprescindível, sozinho êle nada conseguirá na etapa presente, perder-se-á em abstrações ou descambará, no melhor dos casos, para uma literatura inócua, contraproducente, isenta de idéias e diretrizes, restringida à patologia e aos dramas passionais. Incapaz, por conseguinte, de abarcar os processos sociais, retratar a época e ajudar a evolução da sociedade.

O talento aliado à ciência social de vanguarda e aos conhecimentos complementares, são as armas dum escritor honesto.

O III Congresso Brasileiro de Escritores não poderia ser mais grandioso em suas conclusões, apontando aos intelectuais caminhos tão seguros para a sua reatização artística e humana.

Separados de vós pelo oceano, cujo nome serve hoje para ornamentar pactos sombrios e conluos imperialistas, vemos em vós companheiros e combatentes da luta comum, colocados na primeira linha da frente mundial da Paz, nas posições mais avançadas, contra os inimigos da Humanidade.

Fazemos votos para que luteis com persistência. Fazemos votos pela vitória total da Liberdade e da Democracia em vosso país. Tende a certeza de que a nação polonesa, com a classe operária à frente, pelo seu esforço cotidiano e pela ingente obra de edificação socialista, de ano para ano, de mês para mês, fortalece o poderio das forças populares da Paz em todos os continentes.

Que vossos poemas e vossos livros indiquem o caminho da vitória para vossa nação. Que êles sejam a inspiração e o impulso para tôdas as nações do mundo.

as.) Leon Kruczkovski, Presidente da Associação dos Escritores Poloneses.

OS ESCRITORES TCHECOSLOVACOS

O III Congresso Brasileiro de Escritores recebeu a seguinte mensagem da União dos Escritores Tchecoslovacos, firmada pelo seu presidente, Jan Drda:

«Os escritores tchecoslovacos enviam calorosas e fraternais saudações aos escritores brasileiros por ocasião do seu III Congresso. Seguimos com grande interesse o novo desenvolvimento de vossa literatura e acompanhamos com profunda simpatia a participação ativa dos escritores e intelectuais brasileiros na luta mundial pela paz.

Para nós, como para vós, a vitória nessa luta — que dia a dia se torna mais violenta, mas também mais importante — não significa somente a garantia de uma vida livre e feliz para nossos povos, e sim, ao mesmo tempo, a única possibilidade de continuarmos nosso trabalho literário e artístico.

Devemos trabalhar para criar obras que ajudem nossos povos nessa luta decisiva pela vitória mundial da paz.

Convictos de que é nesse espírito que se desenvolverão os trabalhos do vosso Congresso, enviamos os nossos melhores votos pelo seu grande sucesso.»

DECLARAÇÃO DE PRINCÍPIOS DO TERCEIRO CONGRESSO

Tem o seguinte texto, a Declaração de Princípios aprovada por unanimidade no III Congresso Brasileiro de Escritores:

«Os escritores brasileiros, reunidos em III Congresso na histórica Cidade do Salvador, com firme consciência dos seus deveres e responsabilidades perante a Nação e inspirados na tradição dos I e II Congressos, proclamam que um dos principais obstáculos ao desenvolvimento da cultura é a situação de atraso econômico de nosso país.

Em tal situação, o povo cada vez menos encontra meios de utilizar livros e publicações como fatores de aperfeiçoamento cultural, limitando-se, na mesma medida, as possibilidades ao exercício da atividade profissional do escritor.

Considera igualmente o Congresso que a liberdade é essencial à plenitude da criação literária e artística. Entretanto, no âmbito nacional, sucedem-se os atentados à liberdade de pensamento, entrando a missão do escritor e impondolhe o dever de vigilância e combatividade na defesa da livre manifestação das idéias.

No momento em que os escritores brasileiros realizam êste Congresso, aumenta o perigo de uma nova guerra mundial com a ameaça de extermínio em massa das populações pela arma atômica. Na condenação e na repulsa a êsse crime, unimo-nos às melhores consciências de nosso tempo.

Fiéis às tradições e aspirações de nosso povo e de nossa cultura, que são de paz, amor à Pátria e à liberdade, os escritores brasileiros adotam os seguintes princípios:

I — É indispensável ao exercício da profissão do escritor a existência de condições materiais adequadas. Sentem, por isso, os escritores, necessidade de lutar pela emancipação econômica e o desenvolvimento do nosso país;

II — É condição do livre exercício da atividade criadora no domínio da literatura e da arte um clima democrático e de garantias constitucionais. No Brasil tais garantias têm sido constantemente violadas por atos de arbítrio do poder público e postas em perigo por projetos de leis obscurantistas e retrógradas como os de imprensa e de segurança nacional;

III — Os escritores brasileiros, em face da ameaça de guerra e do emprego da bomba atômica, proclamam sua vontade de lutar pela interdição dessa arma de agressão e de extermínio e pela conclusão de um entendimento entre as principais potências que integram a O N U ;

IV — Para alcançar tão nobres objetivos devem os escritores trabalhar por uma ampla unidade, acima de quaisquer divergências. Assim, ao mesmo tempo que traduzem os anseios da maioria, identificando-se com a realidade, poderão colocar sua arte a serviço do povo, dos ideais de paz, democracia, progresso e bem-estar.

Cidade do Salvador, Dia de Tiradentes 21 de abril de 1950.

APRO... fundamentos

ANO I



Diretor: BARÃO DE ITARARÉ



JUNHO 1950



N.º 3

UMA TRISTE E REPUGNANTE HISTORIA



Durante a vigencia da lei seca, nos Estados Unidos, havia um pobre e miseravel chefe de familia que, para sustentar sua numerosa prole, embarcava todas as semanas, de avião, para Cuba e ali tomava formidaveis carraspanas de rum e outras bebidas fortissimas. (Este detalhe não é absurdo porque na America do Norte é tão elevado o nivel de vida que até os mendigos podem andar em aviões de propulsão a jato). Quando o infeliz ebrio sentia o estomago estourando e os miolos encharcados pelos vapores alcoolicos, tomava o avião de retorno e, ao desembarcar em Nova York, se postava nas proximidades do "Empire Building", que é, depois do Martinelli, o predio mais alto do mundo. As emanções etilicas que o envolviam, numa nuvem de perfume embriagador, chamavam tanto a atenção dos transeuntes que logo se aglomerava em torno dele uma enorme e tumultuosa multidão. Mas, como os americanos são também os homens mais organizados e praticos do mundo, dentro de poucos minutos formava-se uma extensa fila, que dava quatro voltas em torno do quarteirão, e o nosso heroi, então, colocando ao lado a sua maquina registradora portatil, passava a vender o bafo por um dolar, na mais perfeita ordem.

CONSELHOS UTEIS

Um cão policial nunca chegará a detetive, por mais cão e mais policial que seja.

Os homens deviam morrer como as arvores; — de pé e secando ao spoucos.

Para conservar os vinhos e licores finos, o melhor processo é mante-los escondidos e guardados a sete chaves em lugar que nem o nosso querido pai desconfie.

Os filhos de pais vegetarianos podem ter vegetações no



A MOÇA E O BURRO A principio, este burro só fazia estrepolias e queria dar coices em todo o mundo. Então, a mocinha, com muita paciencia, foi lhe mostrando que, assim ele ia tomar um bonde errado, porque ha, por toda parte, muita gente que não é burra e não está disposta a levar coices sem reagir. O burro foi se amansando e agora já dá a entender que quer ficar bonzinho, para ganhar uma roupinha de marinheiro e uma bombinha de hidrogenio de brinquedo, só para assustar as crianças.

RETARDADOS

As crianças na Alemanha ocidental, na zona de ocupação americana, com dez e até quinze anos de idade, ainda não sabem dizer "Pai" nem "Mãe". Dizem, em vez, "Fater" e "Mutter".

PRECAUÇÃO

O Barão de Itaboraí, ao terminar o almoço, levantava-se da mesa, recomendando á esposa: — Não me ofereça café, porque me tira o sono na repartição.

CONSELHOS UTEIS

Para não manchar a roupa

Para evitar que as canetas-tinteiro se derramem no bolso e manchem a roupa, o mais pratico é não enche-las de tinta, mantendo-as sempre secas e limpas e escrevendo a lapis, sempre que fôr necessario.

PACIFISTA

Aquele cidadão era tão pacifista que se recusou terminantemente a morar num edificio de cimento armado.

SINTOMA

Quando os politicos começam a falar muito nos "altos interesses da nação", é sinal de que estão preparando um golpe muito baixo.

CONSELHO

Casa-te, rapaz. Mas casa-te com uma mulher que não tenha o senso do humor. Só assim, irmão, terás a certeza de que ela não se rirá de ti.

★

O porco é um bicho que tem um rabinho com ondulação permanente.

★

Poesia é um conjunto de linhas que não chegam até o fim.

★

Apolonio Sales é mais feio que cuspir em cima de um tapete novo numa sala de visita de cerimonia.

O HOMEM E O GATO

A nossa decantada civilização ocidental acabou rebaixando o homem a uma condição moral muito inferior ao gato. Um escritor, por exemplo, para poder viver, nos dias que correm, é forçado a exibir, sem nenhum respeito pelo publico, o produto de suas malcheirosas elocubrações intellectuais. O gato, entretanto, ainda póde dar uma demonstração de bom-senso, tapando com terra, discretamente, a sua produção.



— Que é que você acha da companhia dos "lencinhos brancos"?

— Magnifica. Quando eles perderem as eleições já terão com que secar as lagrimas...

A TRAGÉDIA PEQUENO-BURGUESA NUM PALCO DA BROADWAY

JACOB GORENDER

A linha dominante na mais recente literatura norte-americana vem sendo, fora de qualquer dúvida, aquela que interessa à ordem social dominante, em cuja suprema hierarquia se encontram as sessenta famílias de barões financeiros. A esta linha aderiram ou pelo menos se mostraram incapazes de resistir vários escritores de maior projeção. Também isto explica porque já se tornaram os Estados Unidos o melhor mercado de exportação do existencialismo francês.

Mas, em luta contra a linha dominante e produzindo obras literárias de alto valor, existem escritores de tendências progressistas ou abertamente comunistas, como é o caso de Howard Fast, que tem o seu lugar, no plano mundial, entre os maiores romancistas de assuntos históricos. Apesar do boicote a que os submete a monstruosa ditadura capitalista yanque e que não deixa de afetar e entibiar os menos firmes, conseguem esses escritores alcançar em alguns casos extraordinária repercussão com as suas obras, dentro mesmo dos Estados Unidos, o que seria manifestamente impossível sem a existência de um amplo movimento democrático-progressista, cercado pela simpatia de importantes setores das massas. Esta parece-me a razão do grande sucesso obtido pela peça de teatro "Death of a Salesman" (1) — "Morte de um Vendedor" —, escrita por um autor ainda jovem, Arthur Miller, e apresentada na Broadway pelo famoso metteur-en-scene Elia Kazan. A consagração que a peça recebeu do público foi a maior dos últimos anos, o que naturalmente exerceu a sua influência para a outorga ao autor dos mais relevantes prêmios, inclusive do "Pulitzer Prize."

A apresentação e o sucesso da peça de Arthur Miller revela que o teatro tem sofrido um pouco menos do que o cinema o controle implacável da alta finança yanque. Exigindo muito menores capitais e sem depender de mercados tão vastos como os de que necessita o cinema, oferece o teatro algumas brechas dentro do sistema "cultural" monopolizado e espiritualmente dirigido pelos barões da Wall Street. E' aproveitando-se dessas brechas, evidentemente poucas, que conseguem chegar às massas norte-americanas certas manifestações artísticas inspiradas pelo inconformismo, de variável clareza, diante da mais capitalista de todas as sociedades e, por isso, daquela que mais brutalmente esmaga a pessoa humana. O que não preocupa, por exemplo, aos camelots do Vaticano, este desde a Idade-Média impertérrito defensor da pessoa humana e da liberdade em que pese as autos de fé, etc. etc.

De "Death of a Salesman", que o próprio autor denominou de "certas conversações privadas eu dois atos e um requiem", vai a seguir um ligeiro resumo, sem a pretensão de transmitir sequer uma parcela da força dramática e, algumas vezes, do climax patético, que o original encerra.

Willy Loman, sua mulher Linda e seus dois filhos, Biff e Happy, são as principais "dramatis personae". Willy Loman, aos sessenta e três anos, é um homem completamente esgotado. Durante mais de metade da sua vida trabalhou como caixeiro-viajante para uma mesma firma. Conseguiu levar apenas uma mesquinha existência pequeno-burguesa, contraindo dívidas das quais nunca pôde se desembaraçar. Na velhice, as suas antigas relações comerciais vão desaparecendo e ele não tem mais a capacidade para renová-las, nem para rodar com o seu carro através das estradas, de cidade em cidade. Mas, "negócio é negócio" e não deve ser outra a norma de um patrão. Embora Willy ouse dizer ao seu patrão que ele não pode comer a laranja e jogar fora a casca e que um homem não é uma laranja, o fato é que o pobre vendedor, após trinta e seis anos de serviço infatigável, vai para a rua da amargura, com a triste recompensa de uma sumária despedida do emprêgo. Trágico, sem dúvida. Há, porém, um outro aspecto no caso de Willy, realmente mais terrível. E' este aspecto, aliás, o leit-motiv da tragédia.

A sociedade ensinou a Willy, desde a sua juventude, que os homens existem para atingir uma determinada finalidade suprema. E' de acordo com o grau em que a atingem que podem ser socialmente aferidos. Esta finalidade consiste simplesmente em enriquecer. Willy, ele mesmo, chega à idade madura com a sensação de haver fracassado. Caráter sem firmeza, "mercurial", como o define Miller, o caixeiro-viajante mergulharia num tenebroso sentimento de frustração, em que de fato mergulhará mais tarde, não fôsse o desvêlo da esposa e, principalmente, a esperança que deposita nos filhos, sobretudo em Biff, o mais velho. E por que não haveriam os filhos de vencer no mundo dos negócios?

Que era necessário para isto? Willy acredita piamente em que basta ter boa aparência física, personalidade, saber fazer amigos entre as pessoas importantes e agir com uma vontade rude e dominadora. E' de acordo com semelhante receita que educa os filhos. Transmite a estes a sua concepção da sociedade, a de que esta é uma jungle em que se pode vencer com facilidade: é suficiente ser destemido, não se deter diante de pequenos escrúpulos, atuar com audácia, etc.

Mas também ai Willy Loman se engana cruelmente. Biff nada consegue no mundo dos negócios e se transforma num semi-desclassificado, num vagabundo que vai de um a outro trabalho braçal, com a sensação íntima de estar desperdiçando a sua vida, malogrando as suas aspirações. O segundo filho, Happy, mal chega a insignificante empregadinho no comércio. Ao tempo em que escarnece dos filhos pelo seu decepcionante fracasso, Willy cristaliza subjetivamente um atroz sentimento de culpa e de frustração. Atribui a si mesmo a responsabilidade pelo fracasso dos filhos, acusa-se de não os haver preparado suficientemente para vencer na jungle. A si mesmo se acusando, por um momento sequer não vislumbra que é a sociedade em que vive que deve ser julgada. Velho e desempregado, dilacerado pelo sentimento de culpa e já desfeitas as últimas expectativas, o infeliz caixeiro-viajante recorre ao suicídio, ainda aqui com a esperança de legar os vinte mil dólares de seu seguro de vida aos filhos, a fim de que estes possam tê-los como ponto de partida para a grande conquista da... opulência.

A última cena, que o autor denomina de requiem, transcorre diante do túmulo de Willy Loman. Depois do emocionante final do segundo ato, o requiem aparece como um misto de tranqüila compaixão e de ironia. O caixeiro-viajante é chorado pela fiel companheira, que não compreende o seu gesto, precisamente quando, após vinte e cinco anos, havia sido paga a última prestação da casa em que residiam e quando até a conta do dentista havia acabado... Como deixar a vida depois de se libertar dessas contas? "Estamos livres..." diz Linda e, com estas palavras, imaginariamente dirigidas a Willy Loman, termina peça.

A trama não é, porém, exposta por Arthur Miller da maneira direta que tem neste ligeiríssimo resumo. Ao subir o pano, todos os dados da tragédia já estão lançados, à maneira clássica. O autor chega a empregar, não de todo, mas até certo ponto, as diretrizes clássicas da unidade de tempo (tudo se passa durante uma noite e um dia) e de lugar (a casa da família Loman, aos fundos do palco, é um cenário permanente, embora algumas cenas se desenvolvam fora dela). Para voltar ao passado o autor se utiliza não só da narrativa de um ou outro personagem, mas principalmente das reminiscências de Willy que servem para o emprêgo de um recurso semelhante ao "flash-back" cinematográfico. Nesse particular, a maestria de Miller é extraordinária. Através de Willy, o presente e o passado estão em constante interpenetração e os momentos de transição de um tempo para o outro são explorados com originalidade para criar situações dramáticas. A utilização de um "fundo musical", segundo as indicações do autor, é feita com muita sensibilidade e sutileza. As cenas que se passam fora da casa da família Loman não requerem decoração especial. O autor se limita a mandar iluminar determinado canto da parte dianteira do palco, deixando tudo o mais às escuras. Dois ou três móveis devem caracterizar, quando necessário, um escritório ou um reservado de restaurante... A pesar de sua complicação aparente, a peça é de uma grande simplicidade técnica.

Sem demorar na análise das qualidades formais da peça, cumpre, todavia, ressaltá-las, porque se é verdade que a forma deve existir em função do conteúdo, em função da necessidade de pleno desenvolvimento da sua riqueza interior, não é menos verdade que nenhum conteúdo pode ter validade para a arte sem uma forma efetivamente estética.

Arthur Miller não se afirma, em "Death of a Salesman", como um poeta de vôo alto. Evidentemente, não. Mas é um mestre do ritmo, o que lhe permite dosar as cenas e passar de uma para outra com admirável segurança, criando uma atmosfera de permanente interesse e, às vezes, como já foi dito, de climax patético. E' no momento justo que ele corta toda situação ameaçando cair no melodrama piegas, armadilha comum aos temas que abordam as relações entre pais e filhos. Os personagens são desenhados de modo nítido, completo e inconfundível: cada

(1) Arthur Miller — "Death of a Salesman", Viking Press, New York, 1949.

CIPRIANO BARATA,

A representação brasileira nas Côrtes era de 70 deputados, — número, porém, jamais completado. O efetivo português ia a 130 cadeiras. A maioria de votos bafejava inalteravelmente aos interesses de Portugal. E, na ocasião, Portugal planejava a nossa recolonização, contando com as tropas sediadas no Brasil e o auxílio dos seus nacionais derramados pela administração pública. Outro agente valioso de sua causa era o comércio, todo, ainda, em mãos dos lusos.

Nas Côrtes de Lisboa avultou a ação de Cipriano Barata. O desempenho do árduo mister, em tão difíceis circunstâncias, requeria coragem, pertinácia, desassombro. Nesta conjuntura, quando a Pátria corria o maior perigo de sua vida, após haver dividido a independência, Cipriano agigantou-se, superando José Bonifácio de Andrada e Silva e os demais colegas.

Juntamente com outros representantes brasileiros, opôs-se a que Portugal remetesse reforços para o comandante das armas na Bahia — brigadeiro Luís Madeira de Melo —, o qual persistia em manter a província submissa à soberania lusa.

Sua determinação em resguardar a autonomia da pátria, levou-o ao extremo de acreditar o colega marechal Luís Paulino Pinto da França, defensor da tese recolonizadora.

Nem quando chegou à velha Metrópole a nova do Fico, arrefeceu Cipriano a paixão com que defendia suas idéias. Em perigo de vida, prosseguiu no seu

evangelho, culminando por negar-se a assinar e jurar a Constituição portuguesa recém-elaborada. As reuniões finais das Côrtes celebravam-se pela firmeza e audácia com que patrocinou os interesses brasileiros contra esmagadora maioria refratária aos mesmos.

Agravaram-se, mais e mais, as relações entre Portugal e Brasil. Aos representantes deste escasseavam as últimas garantias indispensáveis ao desempenho dos mandatos. À míngua de segurança e ante a possibilidade de serem molestados, resolvem nossos deputados deixar o país, com destino à Inglaterra. Embarcam às ocultas, para evitar a animosidade da população.

Na Inglaterra, Cipriano redige um protesto esclarecendo sua atitude. Inseriu-o Hipólito da Costa no *Correio Brasiliense*. Mais tarde, seria o documento reproduzido em Pernambuco e no Rio de Janeiro.

INDEPENDÊNCIA DO BRASIL

Habilmente atraído para a causa dos autonomistas, o príncipe-regente terminou por concluir a empresa encetada, havia tanto, pelos patriotas. Fôra declarada, enfim, a Independência.

As contradições econômicas do Brasil, acentuadas pelos interesses políticos postos em jogo nos últimos anos, deram azo a choques de rua e sérios recontros nas províncias, notadamente no Pará, Maranhão e Bahia. Nesta, nos embates contra o brigadeiro Madeira de Melo, distinguiram-se Sôror Joana Angélica e Maria Quitéria de Jesus Medeiros.

Custou-nos a Independência, ainda, mais sangue e sofrimentos, pois ao brado de Pedro I, — irreprimível onda revolucionária esprou-se por largos trechos do território, só indo perder o impulso em fins da primeira metade do século.

Do momento da inversão à conquista real da Independência, digladiavam-se no cenário político duas facções distintas: a portuguesa e a brasileira. Obstinava-se aquela em manter seus privilégios, procurando obter as simpatias do regente, a princípio, e, depois, as do filho. Consistia a tarefa da outra em afastar a ambos do grupo luso, acenando-lhes, no caso de anuência, com o desfrute tranqüilo do Governo.

Na hipótese de insucesso, haveriam de prosseguir os motins deflagrados desde os tempos mais recuados da Colônia e os quais, mais dia menos dia, acabariam por derrubar a realeza.

Triunfante o partido nacional, entraram seus agentes a fracioná-lo, arregimentando-se em novas parcialidades, consoante as forças econômicas que representavam. Blocos hostis entre si sucederam à unidade primitiva, — circunstância de que se valeu o inteiro partido português para alcançar proventos.

Desenharam-se distintamente duas correntes no partido brasileiro: a conservadora e a liberal, de quando em vez matizadas de vivas nuances radicais e passadistas. As duas iriam atuar por longos anos, refletindo no

um com o seu movimento próprio e coerente. A curta cena final, que o autor denominou de requiem, apesar de sua beleza, pareceu-me, porém, desnecessária (nada acrescenta de substancial à exposição do argumento), constituindo mesmo uma quebra do ritmo, após o forte final do segundo ato, que poderia perfeitamente encerrar a tragédia.

Qual a força e, ao mesmo tempo, qual a debilidade de "Death of a Salesman?"

A sua força está em que, através de uma tragédia pequeno-burguesa, traz ao hanco dos réus à própria sociedade capitalista norte-americana. Esta sociedade é que é responsável pela vida mesquinha da família Loman, pela deformação e pela asfixia da personalidade dos protagonistas. É esta sociedade que alimenta as ilusões subjetivas de um ser humano, sussurrando-lhe as mais sedutoras promessas, e obietivamente, leva-o a uma frustração cruel. Naturalmente, alguém poderá argumentar que esta conclusão não se encontra explícita na peça: o caso de Willu Loman é um caso individual. Mas a verdade é que o autor, apesar de seu excessivo cuidado em não generalizar, deixa claro, em certas passagens, que não considera individual o caso de Willu Loman (— "Você nunca foi mais do que um caixeiro que sempre deu duro no trabalho e caiu numa lata de lixo como todos eles! diz-lhe o filho Biff). Isto, todavia, em essência pouco importa. O que conta é que na tragédia individual de Willu Loman milhares de pequeno-burgueses chegarão facilmente a reconhecer, ajudados por um penetrante ponto de vista crítico, aspectos de sua própria vida. O sucesso da peça não poderá ser explicado de outra maneira. Com a intensidade de um símbolo, ainda que imperfeito, o caso de Willu Loman concentra e condensa as multiformes maneiras através das quais se apresenta na vida real a tragédia da pequena burguesia.

Uma circunstância a notar é que o autor não se deixa cair na tentação, que certos detalhes do argumento oferecem, de explicar pelo esquema da psicanálise os conflitos psicológicos dos personagens, como vem sendo muito de moda nos Estados Unidos. O que prevalece é a explicação social desses conflitos, que o autor da peça aprofunda com enorme talento. Particular referência merece a maneira como focaliza uma série

de preconceitos típicos da classe média e os relaciona com os conflitos psicológicos dos personagens.

Entretanto, "Death of a Salesman" tem uma debilidade importante. É que, sentindo estar a solução para a tragédia da pequena burguesia fora dos seus limites de classe, o autor apenas indireta e vagamente acena para ela. Em uma das últimas cenas do segundo ato, Biff Loman chega a compreender que devia acabar com a mentirosa e desprezível ilusão da corrida atrás da riqueza e verifica, com íntima alegria, que o seu caminho está na proletarização honradamente aceita. Biff chega mesmo a compreender o que há de puro e belo na vida do trabalhador, em contraste com a vida pequeno-burguesa, misto de humilhação, hipocrisia e vã expectativa. Isto já significa, sem dúvida, ultrapassar os limites de classe da pequena burguesia. Mas, por si mesmo, ainda não constitui um chamado para a luta consciente contra a sociedade capitalista. Este chamado, se desenvolvido através de sua própria trama, seu recurso ao propagandismo retórico, poderia impregnar a peça de uma força poética, que ficou longe de atingir.

A quem, entretanto, responsabilizar pela ausência nesta peça de uma força poética mais densa, dentro do sentido a que aludimos e que seria o único coerente com o seu argumento? Parece-me que aí se trata menos da insuficiência do próprio autor — ainda que esta exista — do que da teroz perseguição reacionária que se abate, nos Estados Unidos, sobre toda manifestação cultural progressista. O autor não poderia ultrapassar certos limites impunemente: veria a sua peça sem possibilidade de representação. Sofreu com esta circunstância terrível o valor artístico de sua obra. O que não deixa de ser uma prova magnífica da espécie de liberdade de criação que existe na civilização ianque, mui cristã, ocidental e capitalista...

De qualquer maneira, porém, Arthur Miller cumpriu bem a sua tarefa, como diria Engels, ao fazer uma descrição fiel das relações reais e ao abalar o otimismo do mundo burguês, mesmo sem indicar diretamente a solução histórica. Já isto é um grande mérito para o artista que o faz, embora mais ainda dele exija a era crucial em que vivemos.

JORNALISTA POLITICO

Império e no interregno regencial as contradições econômicas da novél nação americana.

Enquanto a reação dos portugueses se levantava coesa, evoluiu para o absolutismo, com D. Pedro à frente, lavrava a cizania entre conservadores e democratas radicais. Desejavam aqueles consolidar, a custa do regime formado, as vantagens adquiridas sobre os antigos colonizadores.

Os segundos aceitavam a Independência como simples etapa da obra de libertação econômica e social do Brasil, a qual devia completar-se com o federalismo, a libertação dos escravos e a república.

Constituíam o grupo dos conservadores os proprietários rurais e seus aliados. Os democratas englobavam as classes populares. Estas aspiravam por reformas sociais profundas. Oprimidas desde sempre, sua situação se agravava com o mercantilismo, o crescente numero de escravos introduzidos no país e a concorrência dos estrangeiros.

Sua composição era bastante heterogênea. De um lado, o imenso contingente da massa escrava, sem direitos políticos nem acesso à instrução, espantava pela imensidade do território, segregada nas propriedades rurais. De outro lado, as camadas médias e inferiores, cuja disparidade de interesses mais as repelia do que aglutinava. Por isso, quando atuavam contra a ordem estabelecida, sua atitude revolucionária era "inconsequente" (10).

O projeto da Constituição de 1823, redigido por Antônio Carlos, reflete claramente o conflito entre os proprietários rurais e a burguesia mercantil do país e traduz o receio da recolonização lusa. São limitados os poderes do imperador em proveito da soberania nacional, o que equivale dizer: em favor desses mesmos proprietários, ainda há pouco tão oprimidos pelo regime colonial.

Mas a Constituição não chega a ser votada. Caem os Andradas, é dissolvida a Constituinte. O partido nacional perde o controle dos negócios públicos e os absolutistas (portugueses) ascendem ao poder. Durante os próximos anos serão eles os dominadores.

Ante a ameaça que inimigo tão poderoso representa para a sorte do país, voltam a unir-se os grupos brasileiros. A imprensa e a praça pública, são palco de embates formidáveis, quer na capital, quer nas províncias. E' tal o desespero dos nacionais que se chega a planejar o assassinato do monarca.

O JORNALISTA

Cipriano Barata não era estranho a tão decisivos acontecimentos. Muito ao contrário. Ora participando em pessoa das agitações de rua, ora redigindo jornais inflamados, sua passagem notabiliza-se no cenário nacional.

Por essa época, opera-se fundamental mudança em suas atividades políticas. O parlamentar que até ali tivera os movimentos tolhidos pelas formalidades do cargo, o agitador que até então se valera das comissões secretas ou dos

clubes acanhados para dar expansão ao seu patriotismo, passa a utilizar-se de um veículo mais amplo, de penetração mais funda: a imprensa.

De volta à Pátria, é através do jornalismo que se fará sentir sua atuação. Inicia a vida de imprensa propriamente dita em 1823. "E apenas pasquiereiro será daí por diante, até 1835, com as interrupções de duas longas prisões, sob o Primeiro Reinado e a Regência Trina, motivadas pelo inegável perigo representado por seus constantes incitamentos à revolta e pelo habitual recurso à intriga entre brasileiros e portugueses, aos quais passou a dedicar o mais intenso ódio" (11).

Estréia aos 60 anos na *Gazeta Pernambucana*, fundada por Manuel Clemente do Rêgo Cavalcanti e redigida pelo padre Venâncio Henriques de Resende. No dia 9 de abril de 1823 apareceu o primeiro número da *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco*, que escreveu juntamente com a *Gazeta*. A *Sentinela* circulou até novembro desse ano, quando seu redator foi prêsso, apesar das imunidades parlamentares de que era portador.

Ambos êsses periódicos alcançaram grande repercussão. Impetuoso e combativo, Cipriano imprimia-lhes suas convicções republicanas e a antipatia que votava aos lusitanos.

José Bonifácio, seu antigo companheiro nas Côrtes, combatia-o tenazmente. Cipriano opusera-se à instauração em Pernambuco duma seção do Apostolado da Nova Ordem dos Cavaleiros de Santa Cruz, — sociedade secreta que congregava os políticos mais reacionários da Côrte: palacianos, funcionários do Estado, eclesiásticos, negociantes, fazendeiros, "elementos da direita" (12), em oposição aos liberais, denominados pedreiros-livres e autonomistas.

O Apostolado era criação de José Bonifácio, que também presidia, na qualidade de Grão-mestre, o Grande Oriente do Brasil, sociedade maçônica temida pelos Cavaleiros de Santa Cruz... Sua fundação ocorreu a 2 de junho de 1822. Eis alguns de seus membros proeminentes: José Inácio da Cunha, desembargador intendente da polícia; Francisco da França Miranda, desembargador que presidiu à *bonifácia* (devassa contra os liberais); Miguel Nunes Vidigal (Major Vidigal), comandante da Guarda Real da Polícia.

José Bonifácio, ministro de D. Pedro, ordenou à Junta de Pernambuco obrigasse Cipriano Barata a deixar a Província. Êste, no número 47 da *Sentinela* (13.IX.1823), escreveu que o Apostolado não passava duma "conspiração adotada pelos senhores Andradas para restaurarem no Brasil o govêrno realista tirânico e lançarem cadeias à sua Pátria, com a condição de serem êles os grandes e poderosos. Sua definição particular é a seguinte: uma sociedade ou um clube de espíões, espalhados pelas nossas províncias com ocultas correspondências e em benefício do Ministério, a fim de restabelecerem a monarquia absoluta."

FERNANDO SEGISMUNDO

Além do mentor principal do Apostolado, eram inimigos de Cipriano Barata os portugueses e os defensores destes, como a Junta Governativa Provincial de Pernambuco, que acabaria por prendê-lo.

A mando dos governistas, soldados rasgavam-lhe as fôlhas. Pasquins manuscritos, de procedência lusa e oficiosa, declaravam-no "destruidor perpétuo de Pernambuco."

No Rio repercutiam suas atividades. Na sessão de 4 de novembro da Assembléia Constituinte, o deputado Francisco Moniz Tavares pronunciou violento libelo contra êle, dando-o como desejoso de "plantar a anarquia" em Pernambuco e "sublevar os habitantes e fazê-los separar da União Brasileira."

Por fim, o jornalista despediu-se dos pernambucanos e pediu à Junta, dirigida por inimigos seus (Pais Barreto e Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque) passaporte para a Bahia. Responderam-lhe que embarcasse para a Côrte, a fim de ocupar o cargo de deputado à Assembléia Constituinte.

Negou-se Cipriano a atender aos seus desafetos. Soldados cercaram-lhe a residência na madrugada do dia 17 desse mês e, com "alaridos, assuadas e violência" (palavras suas), intimaram-no a se lhes entregar. Recolheram-no à Fortaleza do Brum no dia imediato. Aí, decorridas apenas 24 horas, prepara a *Sentinela da Liberdade na Guarita de Pernambuco, atacada e prêsso na Fortaleza do Brum por ordem da fôrça armada reunida*.

Do cárcere dirige-se à Junta em longo documento, acentuando a incompetência da mesma para ordenar sua prisão. "Não têm (os componentés da Junta) poder, nem sôbre os deputados da sua Província, quanto mais sôbre os da Província alheia; os deputados só estão sujeitos às Côrtes soberanas e não têm nada com o Govêrno Executivo; os deputados não podem ser obrigados, nem pelo Imperador, a tomar assento na Assembléia."

Nesse mesmo papel chama os membros da Junta de traidores e indignos "satélites de manobras tenebrosas do Gabinete do Rio de Janeiro," que se combinam "com muitos europeus portugueses... para perseguirem os brasileiros e oprimirem a Pátria." Acaba denunciando sua prisão como manobra do Apostolado, isto é: dos Andradas.

Embarcado à fôrça para o Rio de Janeiro, ao chegar aqui, no dia 4 de dezembro, a Constituinte já fôra dissolvida. Então segregam-no na Fortaleza de Santa Cruz e abrem devassa contra êle.

CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

Em consequência da dissolução da Assembléia Constituinte, caiu a Junta Governativa de Pernambuco. Designada outra, sobrevieram vários incidentes, que concorreram para que não tivesse

curso o pedido de devassa. Agravando a exaltação dos ânimos, começou a circular (25.XII.1823) o *Tifis Pernambucano*, de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, destacado participante da Revolução de 1817 e "bem aproveitado discípulo de Barata." (13)

Ante a iminência de se concretizar a reintegração do Brasil no regime colonial, os liberais empunham armas (24.VII.1824). De Alagoas ao Ceará ecoa o grito de guerra ao *traidor* Pedro I. Pela efetiva independência do país e pela implantação da república organiza-se a *Confederação do Equador*, da qual "Barata pode ser, com toda justiça, considerado um dos mais autorizados precursores." (14)

Da nova tentativa autonomista, a custo reprimida pelo Governo Imperial, sagraram-se heróis, entre outros, Frei Caneca, o Padre Mororó, João Guilherme Ratcliff e Tristão Araripe, — este morto em combate e os mais fuzilados ou enforcados.

A favor de Cipriano Barata, levantam-se apelos na Bahia e no Ceará, logo após sua detenção arbitrária e no decorrer do ano de 1824. As Juntas dessas províncias e a Câmara do Salvador pedem reiteradamente sua libertação. Os cearenses chamam-no "ídolo do povo brasileiro" (15). Mas só em novembro de 1824 começa o processo.

Atentando para os "enormes delitos" do jornalista ("anarquizar os povos, chamá-los à rebelião"), ordena Pedro I que se o condene "como exige a boa administração da justiça, tranqüilidade e segurança pública e salvação do Império."

Transferido para a Fortaleza de Laje, desde junho desse ano, aí redige Barata importante memória intitulada *Motivo de minha perseguição e desgraça em Pernambuco e Rio de Janeiro etc.*, dando conta de suas atividades políticas, das represálias dos portugueses e da vilania dalguns compatriotas (abril de 1825).

Influenciados, de certo, pelo recente movimento liberal (Confederação do Equador), os juizes condenaram Cipriano Barata à prisão perpétua. De nada valeram as defesas, requerimentos, alegações e falas que redigiu a seu favor. Apenas a transferência de presídio lhe foi concedida, por motivo de saúde. Em 1828 passou para a Fortaleza de Santa Cruz. Quando o Imperador visitava as cadeias, Cipriano voltava-lhe as costas "acintosamente." (16)

Afinal, ao cabo de quase sete anos de encarceramento, um recurso de seu advogado, interposto na Relação da Bahia, deu-lhe ganho de causa. Estava livre, mas os magistrados da Côrte não tiveram pressa em expedir-lhe o alvará de soltura.

Era em 1830. Um ancião franzino, as cãs a lhe caírem até aos ombros, deixava o presídio, alquebrado pelo diabetes. Festejou-o a "ativa imprensa oposicionista, que o considerava um mártir, receberam-no seus admiradores no Largo do Paço." (17)

A IMPRENSA LIBERAL NA BAHIA

A imprensa representava papel dos mais salientes nos acontecimentos polí-

ticos. Fundada havia poucos anos, sua presente exuberância, como que pretendia justificar o tempo anteriormente perdido.

Durante três séculos a Metrópole portuguesa não consentira no estabelecimento da imprensa no Brasil. Tôdas as tentativas dos elementos progressistas redundaram inúteis, com a queima e destruição das letras e dos prelos. Ainda em 1747, uma carta regia de D. João V advertia não ser "conveniente se imprimam (na Colônia) papéis no tempo presente." De Portugal deviam vir os livros e jornais com as licenças da Inquisição e do Conselho Ultramarino.

À transmigração da Côrte deve-se o estabelecimento da imprensa no Brasil. A edição de qualquer manuscrito dependia da aprovação da junta diretora da Imprensa Regia (Rio de Janeiro). Se o manuscrito se relacionava com a religião ou a política, era revisto por outras pessoas, que o podiam corrigir. A importação de livros continuava a depender de licença do desempargo do paço.

Na Bahia, o Governador D. Marcos de Noronha e Brito, animando a montagem duma oficina tipográfica, autoriza o dono a trabalhar desde que os escritos se lhe apresentem com as competentes e precisas aprovações." Nenhum manuscrito, livro ou jornal poderia ser impresso sem licença dos censores do Governo ou do arcebispo da diocese. E, após tantos óbices à difusão do pensamento, podiam os trabalhos impressos ser apreendidos.

Com a repercussão do movimento constitucional iniciado nas Côrtes Gerais de Lisboa, o príncipe regente ordenou cessasse a revisão prévia das obras que se imprimissem (Aviso de 20.VIII.1821).

Durante o Primeiro Reinado "e, sobretudo na capital do Império, a liberdade de imprensa foi illusória, devido à intervenção constante do poder, opondo-lhe por vèzes restrições que de fato a aboliam." (18)

Na verdade, os patriotas, para fazerem circular seus jornais, tiveram de sustentar constante luta, muitas vèzes heróica.

Na Bahia, onde atuava Cipriano Barata, e após o motim deflagrado nas ruas da Capital (10.XI.1821) em consequência dos sucessos de 1820 em Portugal, moveram as autoridades lusas obstinada perseguição aos jornais pró-independência, procurando, por todos os meios, impedi-los de circular.

Em oposição ao *Seminário Cívico*, arauto da facção européia, lançaram os baianos o *Diário Constitucional*, sob a responsabilidade de Francisco Côrte Real (mais tarde Côrte Imperial), Francisco Gomes Brandão Montezuma (depois Francisco Gê Acaíaba Montezuma e Visconde de Jequitinhonha), José Avelino Barbosa e Euzébio Valério.

Embora competisse à Junta Governativa assegurar a liberdade de imprensa, o *Diário Constitucional* foi vítima de tais arbitrariedades que teve de suspender a publicação, só voltando a aparecer meses depois, sob o governo presidido por Francisco Vicente Viana.

Nomeado o "autoritário e impetuoso" general Inácio Luís Madeira de Melo

governador das armas "tornou-se (êle) o supremo árbitro dos destinos da província." (19) Repetidamente representa o general à Junta contra o *Diário*. Segundo as denúncias, o destemido órgão concitava "aos povos para se reunirem ao Rio de Janeiro; era incendiário e os seus autores perturbadores da ordem estabelecida." (20) Por seu turno, a Junta oficiava ao ouvidor do crime, recomendando-lhe a severa aplicação da lei de imprensa aos redatores do periódico, os quais "cada dia se tornam mais arrojados, espalhando doutrinas que excitam os povos à rebelião..." (21)

Mas a fôlha detende-se de tôdas as investidas. O negociante português e procurador da Camara Joaquim José da Silva Maia, que já editava o *Seminário Cívico*, opõe ao *Diário* mais três publicações: a *Sentinela Baiense*, o *Analisador* e o *Baluarte*.

Debalde. O jornal resiste e prossegue na campanha redentora. E' quando os inimigos do Brasil recorrem à destruição das máquinas e à violência física. Executando ordens superiores, o Tenente-Coronel Vitorino Jose de Almeida Serrão (alcunhado o *Ruivo*) dirige-se em companhia de oficiais e soldados à tipografia onde era impresso o *Diário*.

Aí, após insultarem o proprietário da casa, "empastelaram o numero do jornal que se achava composto", cercaram a residência de Côrte Imperial, que lá não estava, quebraram todos os moveis, foram às lojas onde se vendia a fôlha e despedaçaram tudo, "espancando os vendedores." "Assim terminou, vítima de selvagem atentado, a gloriosa carreira de *O Constitucional*.

Ferozmente perseguidos, foram os partidários da Independência refugiarse na Vila de Cachoeira, constituída em núcleo de resistência à Metrópole e onde D. Pedro já fôra reconhecido príncipe regente (25.VII.1822).

Enviada numa escuna pelo Imperador, chegou, em fevereiro de 1823, uma tipografia. Acompanhava-a, na qualidade de diretor, José Francisco Lopes. Com o título de Tipografia Nacional, dela saíram várias publicações oficiais e avulsos, além do primeiro jornal "cachoeirano — *O Independente Constitucional* redigido pelas mesmas penas de *O Constitucional*. Este, transferida a Tipografia para Salvador, continuou a sair ali até 1827 (22).

O JORNALISMO LIBERAL DO IMPÉRIO

No Parlamento e na imprensa defrontavam-se, cada vez mais aguerridas, as hostes absolutista e liberal. Na capital; como nas províncias, sucediam-se os pronunciamentos nativistas, enèrgicamente repellidos pela reação.

O império assentava no latifúndio e na escravaria. Não quiseram os conservadores, orientados pelos Andradas, extinguir a escravidão africana; ao revés tornaram letra morta os tratados de 1815, firmados entre Portugal e Inglaterra. A lei posterior, de... 7.XI.1831, já na Regência e pela qual os escravos vindos de fora do Império eram declarados livres, também não seria cumprida. O comércio de carne haveria de prosseguir até meados do século XIX.

A economia imperial repousava principalmente no açúcar, no algodão e na pecuária; secundariamente, no tabaco e no café. Nosso comércio, iniciado em 1808 com a Inglaterra, desde logo favorecida com taxas menores que as pagas por outros países, generalizou-se, a partir de 1826, com a França e outras nações, às quais, por fim, se outorgaram os mesmos benefícios obtidos pela "rainha dos mares."

Em última instância, os elementos dos dois partidos — conservador e liberal — recrutavam-se dentre os senhores de engenho, os fazendeiros de café e os estancieiros. Daí, o vigor oposto por ambos os partidos, excetuadas as camadas médias e populares integrantes da facção democrática, a tôdas as medidas a libertar os africanos, a estabelecer a república e a melhorar a sorte do povo. Tanta pertinácia na defesa de seus interesses e no combate às aspirações populares, por parte das élites nacionais, levou respeitado historiador a reconhecer:

"Parece que o sangue dos mártires da Conjuração Mineira e da Revolução

Pernambucana de 1817 caíra em terreno impróprio aos germes da árvore da liberdade..."

"Com efeito, não soa o menor apêlo aos ideais republicanos em nenhum dos diversos atos que definiram e coroaram triunfalmente a nossa crise libertadora" (23).

Representantes voluntários das massas abandonadas faziam repercutir nas colunas dos jornais os seus desejos mais sentidos, ao mesmo tempo que verberavam o procedimento das classes dirigentes.

Faziam-no com audácia, em perigo constante de vida, face às vindictas que se lhes opunham. Virtualmente, após a Independência e durante o período regencial, estêve suprimida a liberdade de imprensa. Ofensas pessoais, empastelamentos de fôlhas, perseguições de todo o gênero, aureolavam o exército da profissão.

Evaristo da Veiga, orientador da *Aurora Fluminense*, de tão destacada atuação nos preparativos da Independência e, ao depois, membro do reacionário partido conservador, foi vítima

dum atentado mandado perpetrar pelos Andradas.

Antônio Borges da Fonseca, que iria notabilizar-se com *O Republico*, mal estréia no jornalismo da Côrte, propugnando pela federação, é levado a júri (24).

Menos afortunado que os predecesores, Luís Augusto May, diretor de *A Malagueta*, sofreu agressões também às mãos da gente dos Andradas. A primeira, em 1823; a segunda em 1828, quando, vestido da função de deputado, deixava a Câmara. Dessa vez, atingiram-lhe a cabeça e fraturaram-lhe um braço.

A Líbero Badaró, responsável pelo *Observador Constitucional*, de São Paulo, mandou o Imperador assassinar (20.XI.1830).

Outros grandes jornalistas agitavam as questões mais decisivas da nacionalidade: Joaquim Gonçalves Lêdo, José Inácio de Abreu e Lima, a quem o povo apelidara de *General das Massas*, Teófilo Otôni, um dos principais colaboradores do *Sete de Abril*, através da *Sentinela do Serro*.

Ao sair do cárcere, Cipriano Barata encontra o ambiente político ainda mais tenso do que em 1823. D. Pedro voltava-se cada vez mais para os portugueses e já se valia de batalhões estrangeiros para reprimir as manifestações populares. Atacado sem cessar, tanto pelos conservadores como pelos liberais, sua popularidade desaparecera há muito, sendo substituída por um quase unânime sentimento de rancor do povo. Avizinhava-se a Abdicação.

Prostrado pela idade e pela moléstia, e desejoso de rever a terra natal, despediu-se o velho lidador dos companheiros do Rio. Quis a sorte fôsse *O Republico* o veículo de suas palavras. Em tão extraordinário momento dos destinos do Brasil, os dois maiores jornalistas da época apertavam-se as mãos, emocionados, em breve pausa de seu apostolado exemplar.

Borges da Fonseca, então com 22 anos de idade, iria ser o continuador da grandiosa obra de Cipriano Barata, dobrado ao pêso dos 68 anos, da doença e das vicissitudes.

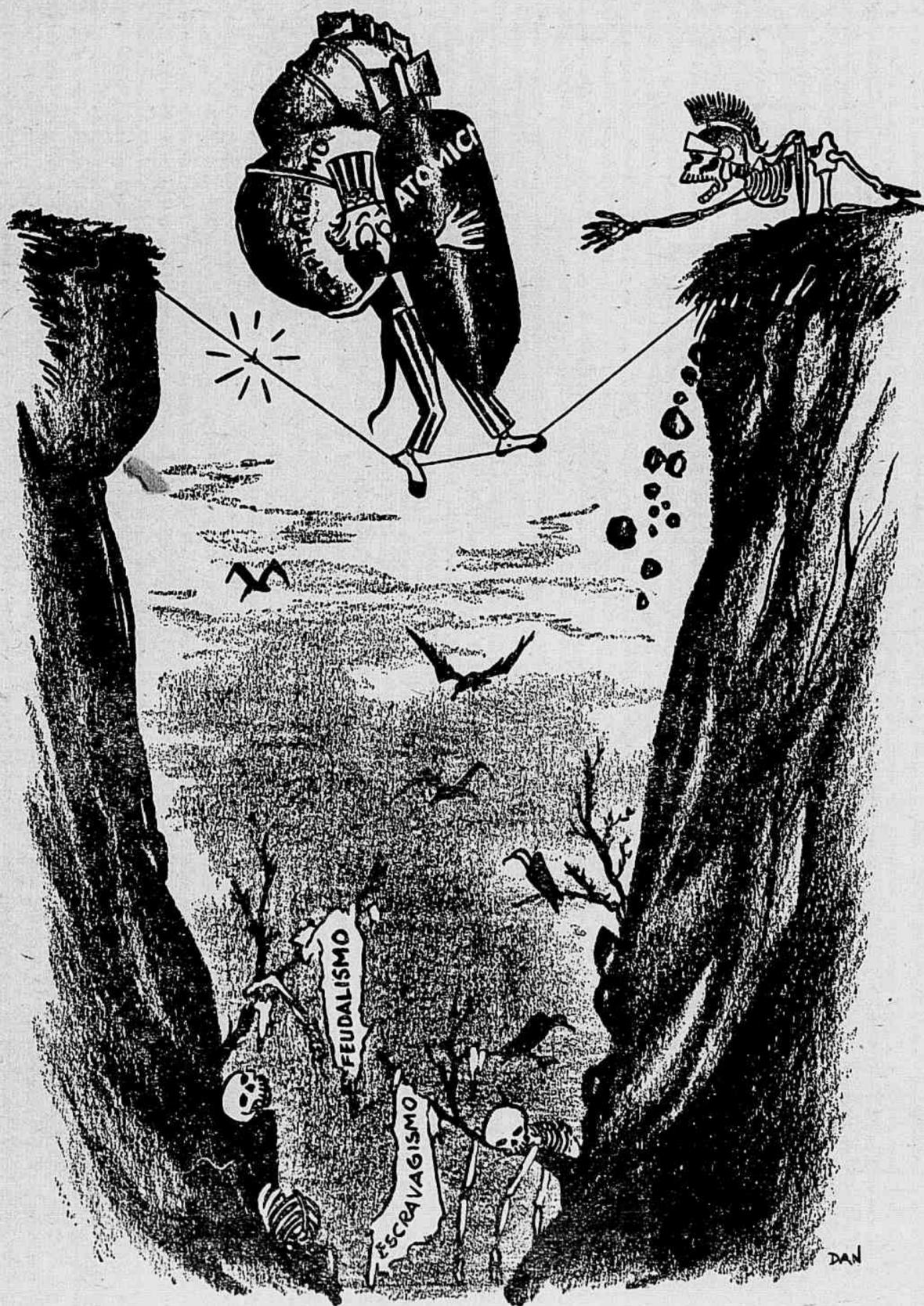
A REGÊNCIA — ÚLTIMA PRISÃO

Voltando ao Salvador, reinicia Cipriano, a 12 de janeiro, a lida jornalística, publicando nova *Sentinela da Liberdade*, — hoje na *Guarita do Quartel General de Pirajá, na Bahia de Todos os Santos*.

Ao *Sete de Abril* sucederam-se, na província, desordens provocadas pelos portugueses, inconformados com a nova situação. Nelas envolveu-se o incansável lutador. Seus antigos camaradas, convertidos, agora que desfrutavam o poder, em moderados, mandaram prendê-lo. Recolhido ao Forte de São Pedro, aí redije, a 29 de maio, nova *Sentinela*.

O exaltado Cipriano era um obstáculo aos senhores do dia. Por isso remetem-no de novo para o Rio de Janeiro, onde deverá ser julgado por atentar contra as instituições e "promover a rebelião dos pretos." (25)

O movimento liberal de 7 de abril fôra, em grande parte, obra da imprensa. Pregaram-no com desassombro Evaristo da Veiga, Gonçalves Lêdo,



Teófilo Otôni, Borges da Fonseca e, ao carcere, o indomito Barata.

Destes, nem todos negariam às suas últimas consequências "Evaristo não fez mais do que conformar-se com a revolução, aceita-la como uma fatalidade, sem jamais acariciá-la como um ideal." (26) "Ledo não nascera para martir. Faltavam-lhe a abnegação e a persistência de um Cipriano Barata." (27) Os outros, sim, iriam prosseguir na obra por que sempre se bateram: a federação e a república.

Borges da Fonseca foi dos primeiros a negar ao Campo de Santa Ana quando do amotinamento do povo e de parte da tropa contra o imperador. Dias antes, sua vida corria perigo. Os portugueses percorreram as ruas brando pelo seu nome, indicando-o à ira do povo. Em pos, haveria de continuar na senda revolucionária, alvoroçando o povo em varias provincias e levantando-o, finalmente, na seccão de 1848, da qual se tornou talvez a figura maior.

Quanto a Cipriano, como vimos, não lhe foram favoráveis os exitos de sua accção na Bahia. Foi uma das primeiras vítimas da nova classe ascendente. Cneie de ponderáveis massas populares, constituia ele, tanto quanto seus seguidores, serio perigo a estabilidade da ordem recém-imposta.

Ate ali, as classes populares e abastadas lutaram em comum contra o estrangeiro e seu representante máximo; deposto este e anulado o poderio dos portugueses, ficaram, na arena politica, as duas facções brasileiras, a disputarem-se o governo. Entre ambas travou-se immediata, longa e sangrenta luta, que só se extinguiria na metade do século.

Abalando a consolidação das classes conservadoras, explodiram, através da Regencia e da Maioridade, varias revoltas, dirigidas, tambem, contra o elemento português, cujo dominio não fora de todo liquidado. Ocorreram, ainda, bernarças de carater social e liberalista.

Dentre tais rebeliões, assinalaram-se a Cabanagem (1835), a Farroupilha (1835), a dos negros na Bahia (1835), a Sapinada (1837) e a Balaiada (1838).

Cipriano e os de sua grei, na qual sobressaam os baianos Ferreira França, representavam, ja agora, a plebe, os anarquistas, aos quais os proprietarios e industriais iriam opor severo enfreamento.

De volta ao Rio de Janeiro, é Cipriano encarcerado na ilha das Cobras (junho de 1831). Sem tardança redige nova *Sentinela* e instiga um levante militar. Mudam-no de prisão por isso. É levado para o forte de Villegagnon (dezembro de 1831) e para bordo da fragata "Niterói" (janeiro de 1832). Das duas prisões saem novos números da *Sentinela*, indicando os respectivos locais de redação.

Dominavam amplamente os conservadores. Diogo Antônio Feijó, Ministro da Justiça, e, a seguir, Regente do Império, do qual Evaristo da Veiga seria o maior sustentáculo, é apontado por Cipriano como inimigo da liberdade de imprensa. Violentos ataques são dirigidos aos portugueses e aos jornais simpáticos ao Governo. A repressão movida pelos moderados à imprensa radical e aos militares que discordam do situacionismo é denunciada vigorosa-

samente, com nomes, fatos, minúcias.

A vida política das provincias e os atos do governo merecem-lhe comentários e críticas veementes. Tudo é analisado e combatido, exceto o povo, cujas qualidades jamais deixou de enaltecer.

Como os tribunais da capital não o quisessem julgar, reenviam-no para a Bahia (dezembro de 1832), onde continua na prisão até o ano seguinte.

Sólto, não esmoreceu, e a tal ponto atuou contra a situação dominante que lhe moveram, os antigos correligionários, assíduas perseguições. Era imenso, então, seu prestígio. A Paraíba e Minas Gerais indicam-no, em lista tríplice, nos anos de 1833, 1834 e 1835, para o Senado do Império.

Septuagenário, sentindo as forças diminuir-lhe, recolhe-se a Pernambuco, à sua primeira Guarita. Escrita ou inspirada por ele, sai no Recife a fôlha federalista *Razão e Verdade*.

A última das *Sentinelas* publica-se entre 16 de agosto de 1834 e 2 de agosto de 1835. Na Guarita da amada provincia pernambucana, tão patriótica e revolucionária, lança ele seu derradeiro grito de alerta.

MORTE E EXEMPLO

"...Sem que de suas longas atividades e sofrimentos resultasse qualquer conforto pessoal e estabilidade de posição..." (28), retira-se o altivo combatente para Natal, onde vai viver na miséria seus últimos dias, — lecionando primeiras letras e línguas ou exercendo a clínica, desde que lho permita a saúde combalida.

Expira a 11 de junho de 1838, deixando família — mulher e filhos — nas maiores dificuldades. José Bonifácio, palaciano, monarquista, restaurador, demagogo e seu maior adversário, morrera dois meses antes.

Expirou, mas não se extinguiu Cipriano José Barata de Almeida. Seus exemplos de pugnacidade, desprendimento, amor ao povo e fervor patriótico recolheram-no, ainda em sua vida, jornalistas e batalhadores como Vicente Ferreira Lavor (29) — o periodista da Cabanagem —, Borges da Fonseca — *O Republico* — e Abreu e Lima — redator do *Diário Novo* dos praieiros.

Mais tarde, nas campanhas da Abolição e da República, ei-lo que resuscitaria nas penas fulgurantes de Joaquim Serra, Alcindo Guanabara, Lúcio de Mendonça, Ferreira de Menezes, Saldanha Marinho, Tavares Bastos, Quintino Bocaiúva, Ferreira de Araújo, José do Patrocínio e Rui Barbosa.

Hoje, no instante em que o Brasil se encontra, de novo, assoberbado por tremenda crise econômica e política, tendo, de um lado, o estrangeiro a asfixiá-lo, e, do outro, filhos degenerados a cometerem contra o regime democrático, porfiando em liquidar as liberdades públicas, mórmente a de expressão do pensamento escrito, — hoje é para figuras imortais como Cipriano Barata que nos voltamos, ao retemperar energias para o combate decidido a um e outro desses grupos, e em prol duma Pátria livre, soberana e progressista.

No ensejo dum congresso de jornalistas, reunido na gloriosa terra de Castro Alves, e tendo o pensamento voltado para Cipriano Barata, conclamamos contra tôdas as tentativas de

cerceamento das liberdades, como sejam a de reunião, a de manifestação do pensamento oral, a de consciência, a de associação e a de imprensa.

Quanto a esta repitamos, incessantemente, com Rui Barbosa: "DE TÔDAS AS LIBERDADES É A DA IMPRENSA A MAIS CONSPÍCUA: SOBRANCEIA E REINA ENTRE AS MAIS. CABE-LHE, POR SUA NATUREZA, A DIGNIDADE INESTIMÁVEL DE REPRESENTAR TÔDAS AS OUTRAS." (30)

(10) CAIO PRADO JR. — *Evolução política do Brasil*, 2.^a edição, pág. 127.

(11) HÉLIO VIANA — Ob. cit., pág. 459.

(12) CARLOS RIZZINI — *O livro, o jornal e a tipografia no Brasil*, pág. 411.

(13) HÉLIO VIANA — Ob. cit., pág. 472.

(14) Idem, id., pág. 472.

(15) ALCIDES BEZERRA, segundo HÉLIO VIANA, ob. cit., pág. 473.

(16) HÉLIO VIANA — Ob. cit., pág. 478.

(17) HÉLIO VIANA — Ob. cit., pág. 479.

(18) ALFREDO DE CARVALHO — *Gênese e progressos da imprensa periódica no Brasil*, pág. 29.

(19) JOÃO N. TORRES e ALFREDO DE CARVALHO — *Anais da imprensa da Bahia*, pág. 23.

(20) MELO MORAIS — *História do Brasil Reino*, I, pág. 273, apud João Torres e Alfredo de Carvalho, ob. cit., pág. 23.

(21) JOÃO TORRES e ALFREDO DE CARVALHO — Ob. cit., pág. 24.

(22) Além de *O CONSTITUCIONAL*, cujos servigos à causa brasileira são inestimáveis, e das valorosas *Sentinelas* de Cipriano Barata, divulgaram-se na Bahia muitos outros jornais que bem revelam o grau de madureza politica e cultural de seu povo. Ocorrem-nos os seguintes: *O menor da infancia*. (1846), uma das primeiras publicações brasileiras dedicadas à educação; *A Estrela Infanti* (1872); *CASTRO ALVES* (1884), periódico literário e abolicionista; *A República Federal* (1888-90), órgão destinado à propaganda republicana; *O Democrata* (1890), órgão do Centro Republicano Democrático; *O Socialista* (1890-91), órgão de propaganda republicana.

(23) BASÍLIO DE MAGALHÃES — *Estudos de História do Brasil*, pág. 22.

(24) Foi absolvido e "a assistência, de mais de 200 pessoas, depois da leitura da sentença, prorrompeu em vivas à Constituição, à liberdade de imprensa e ao artigo sobre a federação" Cf. a *Aurora Fluminense*, n.º 409, de 19.I.1831.

(25) HÉLIO VIANA — Ob. cit., pág. 482.

(26) OTÁVIO TARQUÍNIO DE SOUSA — *Evaristo da Veiga*, pág. 139.

(27) CARLOS RIZZINI — Ob. cit., pág. 384.

(28) HÉLIO VIANA — Ob. cit., pág. 493.

(29) Vicente Ferreira de Lavor Papagaio, por extenso. Redigiu e imprimiu avulsos no Pará. Em 1832 iniciou a publicação da *Sentinela Maranhense na Guarita do Pará*, — nome influenciado pelas *Sentinelas* de Cipriano. Quando se declarou a revolta dos cabanos, nativistas e republicanos, contra os restauradores e a Regência, Lavor foi ter ao quartel dos insurretos e pôs sua pena a serviço da causa liberal. influenciado por Cipriano Barata, Teófilo Otôni deu ao seu periódico o nome de *Sentinela do Serro*.

(30) *A Imprensa*, Rio de Janeiro, 5.X.1898.

TIRADENTES

DIEGO PIRES DE CAMPOS

Brasileiro!

Exaltemos a história de um símbolo!
Dêste homem cujos passos lendários
ainda retinem nas fraldas das serras,
no bojo dos vales,
no colo dos rios...

Era um filho do Povo.

Vibrava-lhe a alma no cimo das montanhas,
a terra sentindo morrer exangue, sugada,
por bôcas estranhas...

Cresciam os dizimos que a Côrte exigia...

A cruz que os homens tristes das minas
levavam nos ombros
não tinha
mais fim.

E tôda a riqueza da Terra,
corria das serras aos barcos que o mar de branco tingiam,
com velas bordadas,
em forma
tranqüila...

Por isso, êle andou de casa em cabana,
de mina em grotões.

Nas noites compridas — fantasma de lenda! —
pregava convicto:
lutar ou morrer.

A voz do guerreiro subia as montanhas,
nos vales descia,
corria nos rios,
infiltrava-se na terra,
que abria suas furnas:
o grito a reboar...

E poetas havia, lutado ao seu lado,
sem medo, sem nada, até perecer.

Silvério dos Reis, um dia, surgiu...

As mãos que se ergueram, ficaram sangrando
em duros grilhões.

Depois...

à fôrca subindo, sòzinho,
pelo Povo explorado e oprimido,
vai, firme e impoluto, morrer
com valor.

Os olhos imóveis, distantes...

— no azul do céu e nos montes que saltam depressa
prá levar o grito rebelde
a todos os rincões —

pareciam ver todo o Brasil raiar soberano
sôbre o sangue que ia correr.

Vestido de branco,
o corpo é um dia em humana alvorada

que se agita
no ar.

O Corpo dêste símbolo, cujos passos lendários,
ainda retinem nas fraldas das serras,
no bojo dos vales,
no colo dos rios...

MISTIFICAÇÃO E PLANO MARSHALL

COMO SE COMPRA A MÁ-FÉ DA IMPRENSA
CAPITALISTA

CARLOS FREDERICO

Um dos fenômenos sociais de enorme significação na atualidade é a perda de prestígio, cada vez mais crescente, dos jornais burgueses capitalistas, tenham o colorido político que tiveram... O "democrata" — assim êsse se intitula hipòcritamente — "O Estado de S. Paulo", acolhe na redação figuras remanescentes do fascismo italiano ou do nazismo germânico: Giannino Carta e Frederico Heller, último subserviente servidor dos interesses americanos que vem ilulindo a boa-fé dos diretores do setuagenário órgão de Júlio Mesquita. Nem a própria burguesia — classe social que se alimenta do noticiário tendencioso das agências telegráficas estrangeiras, tão fértil naquele matutino — se impressiona mais com as suas campanhas, tal o setarismo de que se revestem. Isso sem falar na manipulação dos telegramas, devidamente dosados e selecionados, coisa que todos os órgãos da imprensa mundial costumam praticar com a maior desfaçatez... Na "Folha da Manhã", "Diário de São Paulo" e outros de menor porte, as notícias passam pelo crivo comum pelo qual todos se pautam: o balcão de anúncios. E aí, pontificam as emprêsas de propaganda, tôdas sem exceção ligadas a poderosas firmas norte-americanas, desde a Sear's até a Anderson, Clayton & Cia. Elas é que orientam o sentido das informações. Aquela falta de prestígio pode ser facilmente avaliada se considerarmos que só a população da cidade de São Paulo atinge agora cêrca de 2.000.000 de habitantes e que a circulação diária dos principais matutinos e vespertinos, somada, não atinge, na capital 300.000 exemplares... No rádio se verifica o mesmo fato: ao povo é dado música, piadas e futebol, além dos dramalhões, comédias e episódios policiais pejados de tolices. Servem, porém, para nêle amortecer qualquer veleidade de luta contra um estado de coisas por êle reputada má... Enquanto isso, os donos dos jornais e das rádio-emissoras se enriquecem, não obstante os balanços anuais procurem precisamente mostrar o contrário. O melhor atestado da incapacidade de penetração dos jornais nas massas populares é que todos escondem a circulação, conhecida, e geralmente com inexactidão, apenas das emprêsas de propaganda... E' por êsse motivo que os leitores mais atilados não lêem os editoriais, dando preferência às informações. O comentário sem assinatura procura sempre mistificar. Nunca é sincero, salvo nos casos em que a direção do jornal percebe perigo para seus interesses... Todos se dizem "independentes", mas nenhum dêles o é. Uns estão presos aos cordões dos cofres do Banco do Brasil, do Banco do Estado ou da Caixa Econômica Federal. Outros, estão amarrados diretamente ao Tesouro Federal ou do Estado, quando não ao do município. São tantos os jornais e tão poucos os anúncios que se vêem na contingência de apelar para o poder público ou, então, para os "otários" que dispõem de capitais, de onde o lançamento de empréstimos "populares"... Êsse é o clima em que vive a imprensa burguesa, em São Paulo, no país e no resto do globo. Sejam "apolíticos" ou sirvam a ideologias favoráveis ao capitalismo, todos informam o público de acôrdo com as conveniências pessoais dos diretores ou dos grupos financeiros e industriais a que prestam obediência.

A "MARSHALLIZAÇÃO" DA EUROPA E OS JORNAIS PAULISTANOS

Já notaram os leitores habituais dos nossos matutinos e vespertinos como nos anos mais próximos vêm êle mantendo tácito silêncio sôbre a elevação do custo de vida? Já observaram que procuram evitar tocar sem rebuços no "mercado negro" de dólares, automóveis, geladeiras e problemas que dizem respeito à vida do homem da rua? Já se deram ao trabalho de acompanhar com cuidado como se processam certas campanhas de imprensa, inclusive aquelas em que se tacha o industrial Francisco Matarazzo Júnior de "tubarão", quando o proprietário do jornal que assim procede paga aos redatores ordenados dos mais miseráveis, incompatíveis com a profissão de jornalista? Já compreenderam por que o noticiário do SESI é tão bem difundido? O leitor inteligente — mesmo burguês — deve ter tirado suas deduções e meditado sôbre a inutilidade de ler

notícias filtradas por interesses de toda sorte, cujo fito exclusivo, único é o de GANHAR DINHEIRO ILUDINDO O POVO. Nenhum jornal, dos qualificados como "honestos" ataca um grande tubarão; podem voltar suas baterias contra figuras políticas de seu desagrado, mas para fim em regra ilícitos, que sabem mascarar de legítimos com a refinada hipocrisia da decadente sociedade burguesa-capitalista contemporânea... Sua Eminência o Cardeal, ah! esse é um dos intocáveis... Sua Excelência, o Sr. Ministro da Fazenda, ah! (o nome não vem ao caso, basta que tenha acedido em conceder os empréstimos pedidos...) esse é um varão íntegro, de atitudes rígidas. Salvo, todavia, se procura servir a outro amigo — também "jornalista" — mas que pertence a outra cadeia de jornais. Nessa hipótese; então, pau nêle... Assim são todos os jornais conservadores de São Paulo, do Brasil, da América Latina e a maioria da Europa Ocidental. Os que servem ao povo, os que com este comungam nos mesmos ideais, esses só podem existir à custa da circulação ou de doações de cada um dos leitores. Se conseguem sobreviver é porque respondem a sincero anseio das multidões, que têm fome e sede de justiça. Só por isso. Embora as autoridades os persigam inexoravelmente, dia e noite.

O Plano Marshall é o exemplo mais típico de como atuam os jornais da burguesia capitalista. Você, leitor, já topou, por acaso, com algum estudo minucioso e verdadeiro acerca dos efeitos do Plano Marshall sobre a economia mundial? Não, a menos que leia as publicações realmente populares e democratas. O que relatam os órgãos burgueses tem o objetivo de ocultar a realidade, descrevendo-a diversa daquilo que é.

O fim do Plano Marshall é o de submeter toda a economia do globo ao poderio dos trustes e monopólios norte-americanos. A toda evidência, você deve ter lido nos "grandes" jornais que aquele plano tem por alvo libertar a Europa da influência comunista, do "totalitarismo de esquerda" como eles gostam de classificar os regimes democráticos populares dominantes na Polônia, Hungria, China, Tchecoslováquia outros países centro-europeus. Ai só reina a mais abjeta escravidão; não existe liberdade, os salários são ínfimos, o custo de vida sobe dia a dia e avulta de mês para mês o número de desempregados... Esse é o quadro por eles descrito.

Tudo isso é verdade?

Não.

Por que? Acompanhe o relato que vou fazer e depois você me dirá de que lado está a razão.

Falta de dólares; escassez de dólares; mercado negro de dólares... Isso lemos e ouvimos todos os dias desde o amanhecer até o anoitecer. Qual foi o fator desse fenômeno econômico-monetário? A queda das importações dos Estados Unidos.

O excesso das vendas americanas nos diversos mercados do mundo em relação às compras de mercadorias procedentes desses mesmos mercados foi em 1949 de 5.374.000.000 de dólares, e a isso denomina os ianques "the export over import gap" ou, numa linguagem menos artificial, o "buraco" causado pelo dólar nos mercados do exterior... Em 1939, ano inicial da guerra que devia prolongar-se até fins de 1945, esse "gap" ou "buraco" foi de 859.000.000 de dólares; em 1948 somara 5.544.000.000 e em 1947 totalizara 9.607.000.000 ou cerca de 80% mais que no ano anterior. De onde se origina tão volumoso deficit de dólares no comércio internacional entre os Estados Unidos e os outros povos? Da miséria desses últimos, da sua incapacidade em se libertar do domínio dos monopólios petrolíferos, de transporte marítimo, de fornecimento de energia elétrica (a "Light", por exemplo), de mineração (as minas de chumbo), cobre, estanho e outras da América Latina, de propriedade de trustes com sede nos Estados Unidos), de alimentos (o café dispõe de um único mercado, o americano, que dita os preços do produto, como, igualmente, a castanha do Pará, a cera de carnaúba, o cacau, o sisal e outros artigos da exportação brasileira, absorvidos, na quase totalidade, pelos americanos, que lhes fixam os preços, como e quando bem entendem...). Para o jornal "O Estado de S. Paulo", contudo, os preços são formados pelo livre jogo da oferta e da procura, na opinião de Heller e caterva... O que sucede com matérias-primas brasileiras acontece também com as procedentes de toda a América Latina, da África, da Ásia (a China, felizmente para ela e infelizmente para Washington, já constitui agradável exceção nesse quadro de exploração colonial pelo imperialismo capitalista), e da Oceânia. Visando ao despistamento, os americanos instalam "fábricas" de montagem, como ocorre com os automóveis, enceradeiras elétricas, aparelhos de rádio, etc. Só se dispõem a fabricar automóveis em países como a Grã-Bretanha, onde vão concorrer com as marcas locais e, por meio delas, "concorrem" com as suas próprias marcas no estrangeiro:

os rendimentos, isto é, os dividendos, vão para Nova York. Só são aplicados no país onde se originam diante de medidas de proteção que certos governos burgueses tomam, a fim de evitar maior saída de dólares e, com isso, maior depreciação de suas próprias moedas.

Asseguram os autores do famoso plano que a aplicação dele tinha por fito não só resolver o problema da falta de dólares, como ainda o de reanimar a vida econômica dos países beneficiários, restabelecendo o livre câmbio de mercadorias em toda a Europa e no resto da terra submetido ao dólar. Embora, sob certos aspectos, a economia européia tenha apresentado algumas melhoras, provenientes sobretudo do financiamento de indústrias de guerra pelos norte-americanos (siderurgia, aciaria, estaleiros e correlatas), a verdade é que o Plano Marshall falhou. Bem, o seu malôgro pode ser explicado do ponto de vista dos povos interessados, como o inglês, o francês, o italiano, o belga e outros. Do ponto de vista americano propriamente dito ele tem sido um êxito: o domínio econômico-financeiro de Washington cresce continuamente, fortalecendo a obra política do Departamento de Estado junto das camadas dirigentes dos países burgueses do Velho Mundo.

E quem assegura que as esperanças dos europeus no plano imperialista falharam não sou eu (velho marxista estudioso de questões econômicas) nem os jornais de Moscou. Quem o diz é uma revista de economia, dirigida pelo dominicano, o hoje célebre padre Le Bret. "Économie et Humanisme", de Paris, em número recente, afirma textualmente: "O Plano Marshall fracassou exatamente no seu objetivo principal, que era o de restabelecer o comércio livre internacional". Acrestando que esse resultado era de se prever. Pondera, a seguir:

"A fórmula atual do plano Marshall conduz fatalmente ao imperialismo econômico..."

São os católicos de esquerda que se condenam a execução de Plano Marshall, embora, como era de se prever, o aceitem sob certas condições... Só o fato de condená-lo, por essa forma, abertamente, expressa o estado de espírito de grandes correntes político-religiosas européias que temem a expansão do imperialismo, sob quaisquer de suas formas, seja vestido com estas ou aquelas roupagens. A consequência lógica do Plano Marshall é, sobretudo, de impedir o desenvolvimento da crise nos Estados Unidos (atenuada em virtude dos preparativos guerreiros) que marcha para uma eclosão (próxima ou remota, mas fatal), e que só poderá ser retardada mediante a obtenção de mercados onde possa abastecer-se de matérias-primas (ferro, manganês, bauxita, chumbo, areias monazíticas, borracha, etc.) cujos preços serão por eles ditados, como aliás toda a gente não ignora. E' inelutável, assim, o domínio dos americanos sobre o mundo, já que precisarão cada vez mais de mercados para escoamento de uma produção que não encontra clientes dentro do mercado interno, cuja poder aquisitivo apresenta tendências de declínio de ano para ano mais acentuado. "A economia americana — escreve aquela revista do padre Le Bret — está na dependência do mundo inteiro tanto para suas mercadorias como para as matérias-primas de que carece."

Acentuemos — de passagem e para finalizar — que a agudização da luta de classes no plano nacional e internacional é uma consequência da agudização da crítica no plano ideológico; essa tem por fim ressaltar o papel da luta de classes no desenvolvimento econômico, político e social, o que não agrada aos capitalistas e seus lacaios...

No Brasil os "benéficos" resultados da aplicação do Plano Marshall na Europa (efeito por tabela, me disse um jogador de bilhar...) estão refletidos num documento de grande valor, o relatório do diretor do Banco do Brasil sobre o exercício de 1949. Diz êle, a propósito do custo de vida:

"CONSIDERANDO OS DADOS DE 1946 COMO EQUIVALENTES A 100, TIVEMOS, EM FINS DE 1948, O ÍNDICE 126, E, AO TERMINAR O ANO DE 1949, O DE 136"...

Reconhecendo, embora, a alta do custo de vida, alega o autor do relatório que contribuiu para isso o "maior poder aquisitivo colocado à disposição das classes trabalhadoras". Trata-se de uma afirmação enganosa, ilusória porque esse aumento foi muito maior. Não mencionou êle o mercado negro de produtos importados, a queda nos preços das exportações (com exceção do café), e o mercado negro de cereais, os verdadeiros responsáveis pela alta do custo de vida e não o maior poder aquisitivo colocado à disposição das classes trabalhadoras. Maior poder aquisitivo vemos é nas mãos dos "tubarões", dos atravessadores, dos monopolistas, dos negociantes de toda sorte, para quem o estômago do povo é um veículo de enriquecimento. Equilíbrio econômico... História de ninar crianças.

NOTÁVEIS PROGRESSOS DA MEDICINA SOVIÉTICA

Prof. IVAN KOCHERGUIN

Na União Soviética foram criadas condições excepcionalmente favoráveis para o desenvolvimento da medicina. A medicina Soviética que é objeto de atenção especial por parte de todo o povo e do Partido Comunista, se enriquece de ano para ano com novas descobertas que tendem a aperfeiçoar os métodos destinados a prevenir e curar as enfermidades do homem.

Uma prova evidente dos êxitos obtidos pela medicina na U.R.S.S. são os Prêmios Stalin com que têm sido distinguidos os trabalhos mais relevantes realizados no campo da medicina em 1949.

O governo soviético outorgou prêmios Stalin de primeira classe a dois destacados cirurgiões soviéticos: Nicolai Bogoráz e Yustin Dzhanlidze.

O professor Bogoráz é autor de complexas investigações científicas e clínicas, no campo da cirurgia plástica, apresentadas em sua monografia «Cirurgia Plástica». Neste trabalho se faz um estudo completo das operações destinadas a restaurar os órgãos e partes do corpo humano perdidos ou atrofiados. N. Bogoráz elaborou e levou à prática médica vários métodos cirúrgicos originais destinados a alongar os ossos, corrigir defeitos do esqueleto e permitir aos paralíticos uma locomoção normal.

O professor Y. Dzhanlidze, membro da Academia de Ciências Médicas da URSS, foi laureado com o prêmio Stalin pelo seu trabalho dedicado ao tratamento das fístulas bronqueais, um dos problemas mais complexos da cirurgia torácica.

Baseando-se em sua grande experiência pessoal, no estudo minucioso e na análise crítica da literatura nacional e estrangeira sobre o assunto, o profes-

sor Dzhanlidze oferece em sua monografia «As fístulas bronqueais resultantes de feridas por arma de fogo.» Uma exposição detalhada dos métodos de exploração dos enfermos, descreve as alterações anatomopatológicas da parede torácica do tecido pulmonar que predis põe à formação de fístulas bronqueais e expõe diversos métodos para seu tratamento conservador e cirúrgico.

A monografia de Dzhanlidze demonstra com toda evidência que um dos problemas mais difíceis do tratamento racional e eficiente das fístulas bronqueais foi satisfatoriamente resolvido pela medicina soviética.

O professor Nicolai Stoiko foi distinguido com o prêmio Stalin de segunda classe por sua obra «Tratamento cirúrgico da Tuberculose Pulmonar», na qual resume sua experiência de trinta anos dedicados a esse problema e apresenta uma descrição completa de todas as investigações cirúrgicas aplicadas ao tratamento da tuberculose pulmonar, fazendo especial empenho nas indicações e contra indicações de cada uma delas. Faz também uma exposição detalhada do cuidado post-operatório dos enfermos.

Em seu trabalho, o professor Stoiko apresenta a grande experiência dos médicos soviéticos em relação ao tratamento cirúrgico da tuberculose pulmonar.

A obra do professor Lazar Rubitchenko «A Infecção Puerperal» foi distinguida pelo governo soviético com o prêmio Stalin de segunda classe. Esta obra apresenta as investigações científicas e clínicas relativas ao diagnóstico, à prevenção e ao tratamento das infecções puerperais, e resume 35 anos de

trabalho do autor, dedicado ao estudo completo deste problema. Ao mesmo tempo em que faz uma exposição e uma análise crítica dos trabalhos nacionais e estrangeiros, o professor Rubitchenko apresenta algumas teses novas sobre esta questão.

Lazar Rubitchenko oferece uma classificação simples e completa das enfermidades puerperais. Determina e salienta que no período puerperal as infecções se transmitem fundamentalmente por via sanguínea. Esta conclusão tem uma grande importância teórica e prática para a prevenção e o tratamento da infecção puerperal.

O professor Fedor Andreiev foi laureado com o prêmio Stalin de segunda classe, por ter elaborado e levado à prática terapêutica o método de tratamento das enfermidades internas, por meio de sono prolongado. Tomando como base a teoria do acadêmico Ivan Pavlov, que considera o sono como uma «inibição protetora» do sistema nervoso, o professor Andreiev foi o primeiro a aplicar o sono no tratamento das enfermidades internas. Depois de seis anos dedicados ao estudo experimental do problema, o professor Andreiev conseguiu demonstrar com toda evidência o grande valor terapêutico deste método, sobretudo nas úlceras gastro-duodenais e na hipertonia. Este método encontrou aplicação na prática terapêutica da União Soviética.

A concessão dos prêmios Stalin aos homens de ciência soviéticos é uma manifestação de solicitude staliniana pelo desenvolvimento da ciência mais avançada e mais revolucionária, posta a serviço do povo que está edificando o comunismo.

OS SÁBIOS ENTRE OS LOUCOS

MARCEL CACHIN

Encontramos no «New York Tribune», de 13 de maio último, a seguinte notícia:

«Dez professores e sábios da Universidade de Harvard e do Instituto Tecnológico de Massachusetts acabam de dirigir ao povo americano um Manifesto contra o emprego da bomba atômica.»

Esses sábios pertencem às instituições universitárias mais reputadas dos Estados Unidos.

Convidam o povo americano inteiro a discutir publicamente os problemas de estratégia militar. Declaram que esses problemas interessam em primeiro lugar aos civis. Os civis devem falar antes dos militares, porquanto os militares americanos professam uma «fé mal colocada» no valor dos bombardeamentos e das armas atômicas. A crença fundada no poderio estratégico das armas atômicas é ilusório. Ela não garante absolutamente a segurança!

Quais são seus argumentos?

1) O sistema estratégico atômico diminui a força moral e política dos Estados Unidos através do mundo. Os Estados Unidos pretendem dirigir moralmente o Universo. Ora, a estratégia de seus militares (embora jamais tenha sido aplicada) resultará em «uma destruição maciça da vida humana no

mundo». Ela não pode levar senão a uma catástrofe para os americanos e para toda a civilização em si mesma. Os Estados Unidos aparecem assim como um aliado muito perigoso! Seria melhor multiplicar os esforços políticos e econômicos para criar uma situação de paz durável.

2) A estratégia fundada sobre o emprego da bomba atômica não pode senão voltar-se contra os aliados da América e contra ela própria.

Contra ela própria! Porque a bomba atômica (pequena ou grande) não é um monopólio. E a América é duma excepcional vulnerabilidade. Sua população e sua indústria são muito concentradas. Seria ela própria vítima da arma atômica.

3) Quanto aos aliados da América, como a Grã-Bretanha e a França, qual será sua sorte em caso de guerra? Se for iniciada na Europa ocidental, o Exército Vermelho, que se pretende deter, não poderá ser atacado pela arma atômica senão com a condição de destruir inteiramente a população

Cientistas poloneses dirigem-se aos cientistas norte-americanos

Por iniciativa das redações de duas revistas científicas polonesas, os professores das escolas superiores na Polônia dirigiram uma carta aberta aos cientistas norte-americanos, os quais exigiram a interdição da produção e utilização das armas atômicas num apêlo enviado ao Presidente Truman. Na carta dos cientistas poloneses lêmos:

«Estamos convosco.

O apêlo de cerca de 100 personalidades dos meios científicos, sociais e religiosos dos Estados Unidos, dirigido ao Presidente Truman e exigindo a interdição da produção e da utilização de qualquer espécie de armas atômicas — causou uma profunda impressão nos meios científicos poloneses.

Estamos felizes, porque Vós não renegastes os ideais humanitários do Vosso grande sábio Benjamin Franklin, porque não concordais em que a ciência, cuja vocação é servir à humanidade, seja explorada para fins de guerra e de extermínio de homens em massa.

Nós, trabalhadores científicos poloneses, podemos vos certificar de que nos solidarizamos plenamente com a vossa atitude corajosa e nobre. So idarizamo-nos convosco junto com os cientistas da União Soviética, à qual devemos a vitória sobre a besta-fera de hitlerismo, junto com os cientistas da China Libertada, dos países de Democracia Popular, junto com os cientistas progressistas da Grã-Bretanha, França, Itália e outros países, junto com centenas de milhões de homens do povo no mundo inteiro, que estão assinando o apêlo do Comité Permanente do Congresso Mundial de Defensores da Paz sobre a necessidade de se considerar como crime contra a humanidade a utilização da energia atômica para fins bélicos. Solidarizamo-nos convosco profundamente convencidos de que vós representais a verdadeira opinião e vontade da nação americana, que deseja a paz tal como as outras nações.

Cientistas honestos nunca poderão concordar em que os resultados de suas pesquisas sejam utilizados para fins de destruição. A ciência deve servir ao Homem e edificar a sua felicidade. Os cientistas não permitirão que mãos tintas de sangue dos provocadores de guerra enlameiem a missão sagrada da Ciência.

A libertação da energia atômica — uma consequência das pesquisas sobre a radio-atividade, iniciadas há quase meio século por nossa compatriota Maria Sklodowska-Curie e o marido des'a Pierre Curie, — descortina perspectivas magníficas de florescimento feliz da humanidade. Dos cientistas, de vós e de nós, depende a Ciência se tornar uma maldição ou um benefício para a humanidade. A nós, cientistas honestos de todos os países, compete fazer com que a humanidade abençoe a ciência.

Para nós, poloneses, as feridas da última guerra são por demais recentes, as devastações por ela causada por demais fundas, lembramo-nos ainda por demais bem dos seus horrores, para que possamos nos situar fora do campo dos Defensores da Paz.

Todos os cientistas honestos, cuja consciência resiste à idéia da guerra, integrar-se-ão na possante frente da paz, que conta com centenas de milhões de homens no mundo inteiro, frente essa que aniquilará os planos criminosos que visam provocar um novo conflito».

A carta foi assinada por 587 professores.

e a herança cultural dos povos do Atlantico Norte, cuja defesa a América pretende garantir.

4) O emprêgo da bomba atômica no solo russo tornaria impossível toda a reconciliação no após-guerra.

5) Nessas condições, o primeiro dever dos americanos é submeter a uma discussão pública geral o problema da estratégia atômica que lhe querem impor seus militares. E' preciso livrar o povo americano e o mundo dêsse pesadelo».

A atitude corajosa dêsses dez sábios prova que na própria América do Norte se fazem ouvir vozes as mais autorizadas para que sejam colocadas fora da lei as armas atômicas. Dez dos maiores sábios dos Estados Unidos justificam assim, à sua maneira, o Apêlo de Estocolmo. Que milhões de homens e de mulheres o assinem na França como em todos os países do mundo!

OS HOMENS DE AMANHÃ

ESTHER CHIAVERINI

Campo desolado, sem gado pastando
Sem gente,
A pobre cabana de porta arrancada,
Os quatro pertences jogados no chão...
Campo abandonado, onde está,
Onde foi o teu lavrador?...
Bebeu, matou? Tirou o alheio?
Será que queimou o sitio vizinho?
Será que morreu?
Aquêlo que magro, silencioso, ossudo,
Pela chuva lavado, tostado pelo sol,
Sem grandes recursos, sem máquinas, nem ajuda,
De manhã e á tarde, que seja domingo
Que seja segunda,
Batia e arava e, num grande milagre,
Fazia gerar a terra alheia,
Está prêso.
Foi prêso, jogado no cárcere, torturado.
Sobre o corpo, descarnado pela vida difícil,
Os açoites desciam, uivando no ar.
Quebraram-lhe os dentes, fraturaram o braço...
Por que castigá-lo assim?
Nos anos de guerra, durante a carestia,
Levando aos lares o desespero da fome,
Teria vendido a carne, o pão
Por preço que só os ricos podiam pagar?
Enganou talvez a menina da roça
Com um belo vestido de sêda florida?
Ou falando bonito de Deus e da Pátria
Jogou na guerra milhares de homens,
Irmãos contra irmãos, em carnificina tremenda?
Ou leis criou que amparam o forte,
Castigam o justo, impedem a liberdade?
Não. Vendo a miséria da terra,
Dos sítios sem água, sem luz, sem escolas
Ouviu a voz de um homem como êle.
Deus, soube, era inocente da sua desgraça
E não o queria assim:
Amarelo e velho antes do tempo.
Soube também que no país oprimido
Surgia a luta por um mundo melhor
E, mesmo que pobre, podia querer
Alegria e saúde para si e para os filhos.
Lutou.
Lutou por aquêles que, construindo estradas,
nunca viajam de trem.
Lutou pelos pedreiros que moravam em tabiques,
pelas crianças que dormiam em porão.
Lutou por aquêles que nunca escrevem,
Não cantam, não pintam, não tocam,
Lutou pelas mães que, largando os seus,
Criam os filhos alheios.
Lutou pelos tristes, esfarrapados, famintos,
Esterco para ouro e café.
Lutou e foi prêso. Que importa?
Sôlto um dia, tornará a lutar.
Falará e será ouvido. E, junto com êle,
Outros irão:
Mártires de ontem, heróis de hoje,
Os homens de amanhã!

A GRANDE ARTE

O Cinema soviético não nasceu num deserto. Da mesma forma que toda a cultura soviética, ele cresceu e se desenvolveu em estreita ligação com a vida do povo. Suas fontes é necessário procurá-las nas tradições democráticas da arte e da literatura russa no século XIX e do início do século XX.

Já nos primeiros anos do século XX apesar da organização capitalista que dominava o cinema russo, diversos diretores e artistas deram numerosos exemplos de uma verdadeira criação artística.

A grande Revolução Socialista de Outubro inaugurou uma nova época na evolução desta arte. O poder soviético de imediato viu em "O Grande Mudo" um poderoso instrumento de instrução, de elevação cultural e de educação política das massas populares.

São bastante conhecidas as palavras de Lênin: "de todas as artes o cinema é a mais importante para nós." E' sabido também que por proposta de Lênin foi promulgado em 1919 o decreto de nacionalização do cinema. A partir dessa data memorável, há pouco comemorada pela União Soviética pela 30.ª vez o cinema soviético libertou-se dos entraves resultantes das preocupações comerciais e especulativas.

Como todo o país, o cinema soviético se desenvolveu sob a égide do bolchevismo. Em seus começos, o cinema soviético se lança na "Crônica filmada." Nas "Brigadas cinematográficas de agitação" que circulavam por todo país jovens e ardentes cineastas filmavam aquilo que eles viam tanto na frente de guerra civil, como nas regiões onde nascia a nova ordem social.

Esta "Crônica filmada" pode ser considerada como primeiro contacto da arte cinematográfica com a vida do povo. Dessas fitas de atualidade foram tirados filmes originais de carácter informativo, nos quais os realizadores se esforçavam por agrupar em torno de um tema único — a guerra civil, a reconstrução da indústria, a organização da agricultura — as imagens documentárias filmadas por operadores diferentes em lugares diferentes.

No domínio dos filmes de arte propriamente ditos, a evolução da união do cinema com o povo foi mais lenta e mais complexa. Todavia, desde o começo velhos cineastas se aproximaram dos novos temas. Entre eles citamos o diretor I. Protazanov realizador do primeiro filme sobre Lênin. Ou ainda I. Perestiani, a quem se deve o filme de arte "Os Diabretes Vermelhos".

Mas nesse domínio foram os jovens criadores recém-vindos ao cinema que

deram a contribuição mais importante. São homens de diferentes regiões vindos de diferentes horizontes: S. Eisenstein era engenheiro, A. Room médico, F. Ermler veio diretamente das fileiras do exército vermelho. Na Ucrânia o pintor A. Dovjenko, e na Geórgia o escultor M. Tchiaureli foram também, atraídos pela nova forma de expressão artística. Esses homens eram possuídos do elã de sua juventude, uma sede de ação, uma vontade de arrojarem-se na pesquisa de novas formas.

Desde o início o partido bolchevique deu apoio enérgico a esses jovens pioneiros, ajudando-os a produzir e assimilar os princípios do realismo socialista nascente. Essa ajuda produz seus frutos já em 1924, quando o "Couraçado Potemkin" faz sua aparição sobre as telas.

O mundo inteiro aplaude esse filme revolucionário. Seu grande mérito consiste em ter colocado em cena uma grande coletividade de homens unidos por sentimentos comuns e por uma atividade comum. Pela primeira vez a multidão deixou de ser um pano de fundo do qual se desenrolava entre um pequeno número de personagens a ação. A multidão ela própria torna-se um protagonista do filme. A influência do "Couraçado Potemkin" foi enormemente benfazeja sobre as obras posteriores dos mestres do cinema soviético. Um após outro aparecem "A Mãe" tirado do romance de Górkki, "O Fim de S. Petesburgo" e "Tempestade sobre a Ásia" (filme realizado por mim V. P.) Na Ucrânia Dovjenko roda "O Arsenal" e "Aerograde." Na Geórgia Tchiaureli produz "Khabarda" sátira mordaz sobre os meios intelectuais burgueses georgianos.

Todos esses realizadores não somente utilizam os numerosos novos elementos que foram trazidos pelo "Couraçado Potemkin" mas ainda eles investigam o jôgo dos atores fazendo-os render o máximo em profundidade e de verdade, da mesma maneira que eles procuram a exatidão e a veracidade das personagens. Nesta ordem de idéias as tradições realistas do Teatro de Arte de Moscou exercem feliz influência sobre a obra cinematográfica. Os conceitos da personagem da tela tornam-se pouco a pouco o do homem novo, do homem da sociedade socialista.

Por cerca de 1930 "O Grande Mudo" aprende a falar. A imagem animada se junta o som: um grande enriquecimento.

O filme "O Contra-Plano" de F. Ermler e S. Iutkevitch é precisamente servido por esse enriquecimento. Marca progresso na tendência que tem o cinema soviético de se inspirar nos temas

V. PUDOVKIN

gerais da época contemporânea. O tema da forma nova, socialista, o trabalho modificando a consciência do homem soviético, aproximando o último deste ideal preciso: o de ser um membro ativo da sociedade socialista.

Quase na mesma época aparece um filme de Dovjenko "A Terra" que relata, com lirismo e pujança os primeiros passos da edificação kolkoziana vitoriosa. Em 1934 é a vez de "Tchapaev" o grande filme dos irmãos S. e G. Vassiliev dar o seu testemunho da recente realidade soviética. A respeito J. Stálin escreve aos trabalhadores do cinema: "O poder soviético espera de vós novos êxitos, de novos filmes glorificando a imagem de "Tchapaev" a grandeza dos processos históricos dos trabalhadores e dos camponeses da União Soviética na luta pelo poder..."

Nos anos que se seguem, o trabalho kolkoziano atrai a camera de inúmeros realizadores, entre os quais, I. Raïzman, com "Terras Desbravadas", Ermler que produz "Os Camponeses". Desta coorte um recém-vindo se destaca: é I. Pjriev, que golpe a golpe roda três filmes sobre a vida camponesa: "A Noiva Rica", "Os Tratoristas" e "Encontro em Moscou". Esses filmes que são de novo gênero, a comédia lírica, marcam um grande passo na direção de uma arte profundamente nacional e socialista por sua vez.

Seria injusto passar em silêncio sobre outro gênero de comédias a comédia otimista, que reflete a alegria de viver. G. Alexandrov com "Os Alegres Meninos", "O Circo" e "Volga-Volga" parece ter se especializado nesse ramo onde ele é um dos melhores representantes.

Malgrado a amplitude e a variedade dos temas e gêneros dos filmes soviéticos, eles têm todavia, um laço comum: a determinação de mostrar na tela a personagem positiva do homem soviético, de o fazer aparecer como um exemplo digno de ser seguido. Essa personagem conquista progressivamente o lugar central na tela. Aparece no filme "Os Marinheiros de Cronstadt" de E. Dzigan, engrandecido nas três partes da trilogia de "Maxime" de G. Kozintsev e L. Trauberg, enfim se afirma e se impõe em "O Grande Cidadão" de Ermler.

É trabalhando na criação da imagem filmada do herói positivo soviético, na criação da imagem do homem comunista que os cineastas soviéticos foram naturalmente conduzidos a tentar levar à tela a imagem dos grandes dirigentes do povo. Esta delicada e árdua empresa, malgrado as dificuldades que apresenta foi co-

A ALUCINANTE ORQUESTRA

JORGE AMADO

O diretor do Instituto de Folclore da Rumânia esteve longo tempo na prisão pelas suas atividades subversivas contra o regime monárquico. Suas atividades pareciam particularmente suspeitas aos policiais de Carol e do imperialismo, porque este intelectual percorria o campo, recolhendo da boca dos camponeses as suas canções, procurando impedir que o riquíssimo folclore rumero se perdesse perante a invasão cosmopolita das estações de rádio rumenas provocada pela música dos foxes ianques (como acontece hoje com a música popular brasileira, cuja melodia e palavras são diariamente alteradas pelo cosmopolitismo da música impôsto pelo imperialismo ianque.)

Dirigia-se aos campos e aos portos do Mar Negro, escutando as canções tão doces e tão nostálgicas dos pescadores e dos marítimos. A sua atividade de militante revolucionário se juntava um trabalho de estudo do folclore. Foi durante os longos dias de sua prisão que projetou toda a estrutura deste Instituto do Folclore da República Popular Rumena. E nisso se encontra a admirável condição humana dos comunistas: jamais perdem de vista o futuro, sabem que a noite precede a aurora, e podem, nas condições as mais difíceis, olhá-lo de frente. Podem sonhar porque o seu sonho está profundamente enraizado na realidade. Eis aqui um exemplo: um jovem comunista grego, condenado à

morte pelo governo monarca-fascista, que os americanos mantêm pelas armas na infeliz Atenas, escreveu, há pouco tempo, de sua prisão ao romancista André Kedros, exilado em Paris, uma carta pedindo que lhe enviasse uma "gramática da língua chinesa." Quem nos diz que este prisioneiro, condenado à pena máxima, não será amanhã um representante de uma Grécia livre numa China igualmente livre? Pode acontecer que seja executado antes de ter terminado o estudo desta língua difícil. Mas a lição que se pode tirar do que sucede com o ex-prisioneiro rumeno e com o atual prisioneiro grego é que um comunista jamais perde a esperança.

Assim o folclore rumeno, obra de criação popular, ia se perder diante do desinteresse propositado de um governo antipopular, pela penetração de elementos estrangeiros antinacionais que deformavam a sua melodia. Os países de democracia popular, seguindo o exemplo da União Soviética, dão uma importância e prestam uma ajuda imensa ao folclore. Os coros populares se formam e se desenvolvem, assim como os conjuntos de dança popular regidos por maestros, músicos e especialistas em folclore, incumbidos de recolher e difundir as canções e as danças populares, de manter viva a tradição dos costumes típicos, de fazer reviver às vezes instrumentos de música do povo, já abandonados diante da avalanche dos "jazzes".

O Instituto de Folclore da República Popular Rumena é um modelo no gênero. Passei ali um dia inteiro escutando as gravações recolhidas por especialistas que percorrem todo o país acompanhados do material necessário, descobrindo às vezes grandes artistas entre os camponeses até então desconhecidos. Muitos cantores de talento já foram descobertos por essas equipes do Instituto. Vários camponeses e camponesas, operários e marítimos vieram de suas aldeias, fábricas ou portos para a rádio de Bucareste para figurar nos coros de dança popular.

Ouvi, no Instituto, uma cantora de voz inesquecível. Não decorrera ainda um mês que especialistas do Instituto a haviam descoberto numa fazenda coletiva. Fora chamada a Bucareste e atualmente gravava para o Instituto: professores educavam a sua voz; brevemente o seu nome será conhecido e amado por todo o povo da República.

Quero, porém, tratar de um outro aspecto da obra do Instituto de Folclore: da maneira como acompanha, pela gravação sistematizada, a evolução da música popular. Durante o regime semifeudal dos latifúndios, nos dias da dominação imperialista sobre um país semicolonial, os

roada de sucesso." "O Grande Clarão" de M. Tchiauxeli "Lenin em Outubro", e "Lénin em 1918" de M'khail Romm, "O Homem com fuzil", de S. Iutkévitsh, enfim "O Juramento" de M. Tchiauxeli e alguns outros filmes fizeram magnificamente viver na tela as grandes figuras, e também a obra de Lénin e Stalin.

Esses filmes provocam uma observação importante. Elaborando uma nova maneira de abordar a representação das personagens diante dos acontecimentos históricos, os cineastas soviéticos declararam uma guerra implacável às tentativas de limitar todo filme histórico a uma descrição do destino pessoal de um indivíduo isolado. Orientaram-se antes de tudo no sentido da atividade social da personagem histórica, no sentido da descoberta de suas ligações com as massas populares. "Alexandre Névski", de S. Eisentein, "Pedro o Grande", de V. Pétrov e os meus filmes "Minime e Pojarski" e "Suvorov" que foram rodados poucos antes da guerra, ilustram esta tentativa dos cineastas soviéticos.

Suas atividades, todavia não se limitaram a filmes destinados ao público adulto. Outros, gêneros apareceram enriquecendo a arte cinematográfica soviética. Além dos desenhos animados, e filmes de bonecos animados, mais especialmente destinados ao público infantil, um novo gênero conquista cada vez mais o agrado de todos os públicos: o filme artístico documentário, ao qual o cinema colorido e o cinema em relêvo fornecem diariamente novos aperfeiçoamentos.

O Filme artístico documentário fez grandes progressos ao correr da guerra. Operando, em todas as frentes, muitas vezes com as unidades de vanguarda do exército soviético, outras tantas em ligação com as unidades de guerrilhas, os cineastas — cronistas, recolheram uma rica colheita de imagens autênticas e poderosas. A partir desses materiais os filmes artísticos, foram rodados conservando escrupulosamente a exatidão documental dos acontecimentos e dos fatos que eles descrevem.

É esta preocupação de exatidão da parte dos cineastas, e a existência da verdade formulados pelos espectadores que interdita aqui para diante o cinema soviético de se colocar aquém de seu objetivo. Em particular, nenhuma falsificação, nenhuma omissão, nenhuma negligência serão toleradas. Em setembro de 1946 o comitê central do partido Comunista (bolchevique) da URSS, fazendo-se intérprete da grande massa do público, publicou uma resolução especial sobre certo número de filmes que apresentavam falhas mais ou menos graves. Esta crítica severa e justificada abrange os filmes "A Grande Vida" do diretor Lukov, a segunda parte de "Ivã, o Terrível", de S. Eisentein, "As Pessoas Simples" de G. Kusintev e L. Trauberg, da mesma maneira que o meu filme "Almirante Nakhimov".

Ao tratar com intransigência os defeitos de toda a obra artística em geral e da obra cinematográfica em particular, a política conseqüente do partido produziu resultados. Fortalecidos com essas críticas os cineastas daí em diante realizaram puras obras primas. Tais são:

"Lendas da Terra Siberiana", de I. Pyriev; "A questão Russa" de M. Romm; "A Jovem Guarda" de S. Guerassimov; "A História de um Homem verdadeiro" de A. Stolberg; "O Tribunal da Honra" de A. Room e numerosos outros filmes que enriquecem progressivamente o cinema soviético.

Hoje em dia o cinema soviético dispõe de uma possante base técnica. Ao longo destes últimos anos do após guerra, a rede de salas de projeção se estendeu como em nenhum outro país do mundo. No momento atual, tanto nas distritos, nas aldeias e kolkozoes, as instalações fixas e ambulantes permitem à enorme população da URSS seguir pela imagem a vida do povo soviético, seu passado seu presente e suas perspectivas para o futuro.

Porque os cineastas soviéticos, que se inspiram no grande partido de Lénin e de Stalin têm consciência de seus deveres para com o povo.

Desejam repetir em suas obras a luta heróica do povo soviético por uma vida melhor, pelo comunismo.

"A Contemporaneidade" tal é o termo que pode definir a arte cinematográfica soviética como atividade orientada para o objetivo preciso e não como o divagar errante sem finalidade da fantasia do artista através de um mundo imaginário e falsificado. O passado de um povo não é feito de recordações fúnebres. O futuro de um povo não é feito de sonhos vagos; o passado e o futuro do povo soviético estão estritamente ligados na sua realidade viva do presente, às profundas raízes do comunismo que sustenta na altura seus troncos saudáveis.

cantos de trabalho e suas danças eram melancólicas e por vezes mesmo desesperados: refletiam a vida dos servos da terra, o trabalho sem recompensa e sem alegria; os cantos das cidades e dos portos estavam impregnados do mesmo drama. Alguns refletiam também a luta, sobretudo os que eram compostos nas fábricas, por entre as greves. Hoje, sob o novo regime, as canções, os cantos de trabalho, as romanças têm outra significação: a alegria da terra conquistada, do trabalho livre, do governo do povo, do socialismo em construção. Os camponeses celebram agora os novos tempos em que a terra lhes pertence, em que o governo envia tratores para facilitar o seu trabalho. Os operários cantam a vitória dos trabalhadores, a edificação do novo regime; saúdam os dirigentes da República e os dirigentes soviéticos, mestres amados; saúdam o camarada Stálin:

*Zboara pasare im zbor
Peste Volga, peste Dan
Si te-aseza en zbor lin
Pe foreastra lui Stalin.*

Eis as palavras de um canto de camponeses; todo o amargor ou tristeza desapareceram. Os camponeses livres falam da boa colheita, do tratores; aclamam a República Popular: "E viva a nossa terra, a República Popular!"

*Vem munci grandini, ogoare
Cu masini si cu tractoare.
Si-o s'avem recolta buna,
Toata lumea sa ne spuna;
Sa traiasca a nosastra tara
Republica populara.*

Hoje, os cantos constituem alegres afirmações da vida e confiança no futuro. Também as danças. Assisti na Hungria a um espectáculo do corpo de ballets populares do exército húngaro. Os temas populares dos cantos e das danças foram sempre realistas: o realismo é a marca primordial da obra de criação popular. E com o mesmo realismo que se manifestava ontem para descrever nas suas danças os sofrimentos de uma vida amarga que os camponeses celebram hoje as suas vitórias e as suas lutas. Um dos ballets dan-

çados pelo conjunto do exército húngaro representava admiravelmente a luta do camponês pobre, apoiado pela classe operária, contra o kulak. O êxito alcançado por este ballet popular demonstra o sucesso do aproveitamento político da arte nascida no seio do povo. Nas suas danças e nas suas canções, os cantores do povo não contam apenas a sua vida: ajudam também as grandes massas a compreender os problemas e a procurar para eles as melhores soluções. Ao mesmo tempo, o imenso material recolhido é colocado à disposição dos compositores e dos profissionais do teatro, aos quais facilita a composição de obras que têm um conteúdo socialista e uma forma nacional.

Outra característica do Instituto de Folclore da República Rumena que é preciso não esquecer é o seu caráter multinacional. Na República Popular Rumena vivem, além dos rumenos, homens de diferentes nacionalidades: húngaros e gregos, turcos e búlgaros, albaneses e ciganos. Dezesete idiomas são falados na República, e o Instituto de Folclore, refletindo a sábia atividade do governo, baseada na política staliniana das nacionalidades, se preocupa não somente com a obra criadora de origem rumena, mas também com a de todas as nacionalidades que habitam o seu território.

É assim que, após haver visitado o Instituto, o seu diretor me diz ter ainda alguma coisa a me mostrar. Dirigimo-nos a um imóvel vizinho, também de propriedade do Instituto. De lá ouvimos a música executada pela orquestra, a mais fantástica que já ouvi.

Todos sabem que os ciganos perambulam pelo mundo, como vagabundos famintos e ladrões. A sua vocação é a música; as suas melodias são as mais românticas, os seus violinos são os melhores, instrumentos admiráveis que reproduzem o canto dos pássaros. Os ricos senhores feudais atiravam moedas a esses músicos vagabundos quando, nas estalagens das estradas, vinham alegrar os seus festins ou as suas bacanais desenfreadas. Eram então mendigos que viviam das sobras das boas mesas, muito mais que músicos.

O Instituto de Folclore reuniu em todo o território da Rumânia libertada os músicos ciganos, arrancou-os de sua vida humilhante e compôs com eles a mais extraordinária orquestra que os ouvidos humanos possam escutar. Eram mais de cinquenta músicos, de faces bronzeadas, trazendo ainda nas expressões de seus olhares a lembrança das paisagens vistas do alto de suas carroças ambulantes, com os seus diversos instrumentos, alguns dos quais eu até então desconhecia. Que maravilha de ritmo, que calor de execução, que riqueza de melodia: uma orquestra alucinante! Eu ouvia os solos; um maestro célebre dirigia a orquestra.

Eram vagabundos que percorriam as estradas mendigando a esmola dos senhores feudais, de latifúndio e latifúndios. Na sua maior parte analfabetos, mas a música nascera com eles e tal era o seu destino. Hoje têm casa, alimentação e percebem honorários, possuem uma escola onde recebem conhecimentos gerais, onde se ensina a ler aos analfabetos e onde se eleva o nível de cultura de todos; hoje aparecem nos grandes teatros, nas fábricas, nos estabelecimentos coletivos; hoje, levam a sua música às grandes massas do povo. Entre eles se encontram compositores cujas melodias se perdiam ontem pelas estradas e hoje são populares em todo o país.

Quando a orquestra lançava os seus ritmos impossíveis, o diretor do Instituto assumia uma expressão austera; ficava distraído e o seu pensamento distante: nos dias de opressão, quando a noite do fascismo se espalhava pelo mundo, ele sonhava com tudo isso, entre as grades de sua prisão, sonhava com as melodias populares, com os ciganos, com a música e com a poesia. Houve talvez quem o julgasse então louco, sonhador impenitente, mas sabia que o seu sonho se baseava na realidade da classe operária em marcha para o poder através das lutas e do sofrimento. Os violinos da orquestra iniciaram a música e a voz de uma camponesa se elevou, cantando a época da felicidade conquistada.

Lá fora brilhava o céu azul de Bucarest.

MUSICA

A publicação pela revista "Problemas" do discurso pronunciado por André Jdanov durante a discussão da música soviética veio, por si só, concorrer para o esclarecimento de uma série de pontos ligados à questão, que havia sido completamente deformados e mistificados pela imprensa ao chegarem até nós os primeiros telegramas a respeito. Alguns espíritos pouco avisados e outros apegados a preconceitos e velhos chavões pseudo-estéticos puseram-se logo a fazer côro com tais "informações", certos de estarem, assim, defendendo os sagrados direitos e a liberdade de criação do artista. "Pois então — diziam — deve o compositor curvar-se ante as imposições de um governo cujos membros mal devem conhecer o abc da música, e somente compôr o que esse grupo de homens lhe ditar? Como se fôsse possível, agora, "dirigir" a inspiração musical!" E outros comentários do mesmo calibre.

Ora, a simples leitura do discurso de Jdanov vem revelar-nos, de maneira tremendamente clara e precisa, que nada disso se verifica e ao contrário, ele constitui um documen-

to de relevante importância no cenário musical contemporâneo. Vejamos, em seus diferentes aspectos:

1.º — O discurso é a condensação de uma série de discussões levadas a efeito em todo o território da União Soviética, das quais participaram compositores, críticos, intérpretes, professores, estudantes e o público em geral. As críticas nêle contidas são, portanto, as que foram levantadas por todos os que militam diretamente na vida-musical do País, debatidas num sentido amplamente democrático e no interesse da coletividade.

2.º — Desta primeira conclusão chegamos logicamente a outra: o povo soviético e seus dirigentes dedicam ao movimento musical um carinho e um entusiasmo que não se pode deixar de assinalar e admirar.

3.º — André Jdanov não era somente um homem de ação, o herói que organizou a defesa de Stalingrado, mas também, um grande exemplo de intelectual de novo tipo e profundo conhecedor de música. Aliás, parece que sua intervenção na música soviética contém toda uma série de considerações técnicas, com exemplos musicais, etc., que ainda não conhecemos.

4.º — O tom geral do discurso não é o de crítica intransigente ou pretensiosa e sim compreensiva e fraternal,

terminando mesmo com um apêlo confiante aos principais compositores colocados em foco durante as discussões e em prol do engrandecimento da música russa e de seu maior contacto com o povo.

5.º — Os próprios compositores Chostakovitch, Prokofiev, Miakovski, Katchaturian, Popov, Kabalevski e Chebalin deram sua contribuição aos debates. Posteriormente, Prokofiev escreveu um artigo em que esclareceu sua atitude em face da questão e expõe seus planos. Esse artigo foi publicado, aqui, pela revista "Para Todos" e deve ser lido.

6.º — Os principais problemas submetidos à crítica durante o desenrolar das longas discussões foram: o abandono quase total da crítica e autocrítica por parte dos principais responsáveis pela vida musical soviética (compositores e críticos); o menosprezo e o afastamento das tradições da música clássica e das fontes populares de inspiração; o cultivo do novo pelo novo, da inovação gratuita que se situa fora da realidade do mundo socialista; o apêgo ao naturalismo cru que conduz a manifestações patológicas e irracionais na música.

Vemos assim que, contrariamente ao sufocamento que tais "expurgos" significariam, existe no mundo musical soviético uma vitalidade e uma efervescência que não é mais possível ignorar. Enquanto que a música ocidental burguesa vem, há muito tempo se afundando num marasmo verdadeiramente assustador. Tomemos como testemunhos dessa situação um de seus compositores mais eminentes e um crítico de renome. Na apresentação do "Almanach de la Musique de 1950", publicado pela "Edition de Flore", Arthur Honegger diz a propósito do movimento musical francês: "Mas, o que é verdadeiramente de ambasbucar é o pouco de música que pode ser ouvida no decorrer dessas manifestações (os concertos). O número delas aumenta de maneira gigantesca, mas, o repertório executado diminui de ano em ano". E mais adiante: "Às vezes, uma nota errada. Por exemplo, um festival Schoenberg porque Schoenberg vem de completar setenta e cinco anos, porque a juventude de 1949 está a descobri-lo e com êle o atonalismo, o dodecafonismo que ela associa aos cabelos cortados à escovinha, à camisa de cow-boy americano e à filosofia de J. P. Sartre."

Na mesma publicação, em artigo sobre "A Vida musical na França", o crítico René Dumesnil se lamenta amargamente: "O mal é tão grave que se pode, sem exigê-lo, falar de "divórcio" entre os compositores contemporâneos e o público." E, rememorando os famosos choques verificados no início do século por ocasião da primeira audição de obras como "A Sagração da Primavera" de Stravinski e "Pelleas et Melisande" de Debussy, Dumesnil constata a absoluta indiferença do público de hoje diante da música atual. "A música de hoje se ressent muito menos da hostilidade da massa do que, em tôdas as ocasiões, de sua indiferença. A gente não luta contra o vácuo, e é do vácuo que se queixam compositores e associações sinfônicas. É esse o grande perigo." O conhecido crítico passa a analisar em seguida a situação de quase penúria material em que se debate a música na França, tanto em Paris quanto nas cidades mais importantes da província, chegando a lembrar a frase de Lalo que se perguntava se a música era realmente feita para ser ouvida, ... Sim, a música deve ser feita para ser ouvida, mas, para isso é necessário que a criação musical seja constantemente fertilizada pela crítica e autocrítica vazada na realidade social. "A discussão construtiva e objetiva, independentemente da crítica, — isto já é axiomático — são os mais importantes pré-requisitos da produção criadora. Quando faltam a crítica e a discussão construtivas, as fontes de produção secam e se cria uma atmosfera de decadência e estancamento." E ainda Jdanov que o afirma na primeira parte de seu discurso, passando a analisar, em seguida, com impressionante clareza, as duas tendências atuais da música soviética. A do realismo socialista, que lança suas raízes na tradição clássica e da escola russa, intimamente ligadas ao povo, sua música e canções; e a do formalismo que se caracteriza pela pesquisa do "moderno", pelo repúdio da herança clássica, pelo desprezo da música popular, "preferindo satisfazer emoções terrivelmente individualistas de um grupo reduzido de estetas seletos."

Essa parte do discurso contém uma série de considerações de grande interesse, em torno da necessidade da revalorização e do desenvolvimento da tradição clássica que se banhou generosamente nas fontes musicais populares. De grande interesse, no caso, em particular para a música brasileira. Esta, com efeito, não possuindo essa tradição clássica, de que

se poderão servir outras músicas para a luta contra o formalismo, se vê, no momento, gravemente ameaçada de soçobrar no cosmopolitismo desfibrador, se não forem desenvolvidos entre nós os estudos iniciados com tanto carinho por um Luciano Gallet, por um Mário de Andrade. E não só desenvolvidos, mas, difundidos e assimilados, pois, embora sejam conhecidos os esforços atuais de Oneida Alvarenga, Luís Heitor Corrêia de Azevedo, Rossini Tavares de Lima, de Eunice Catunda, nesse sentido, é bem verdade que, em face da situação penosa em que são obrigados a trabalhar, sem aparelhamento necessário, com as dificuldades que enfrentam para se deslocarem para os diferentes pontos do país, suas atividades se vêem limitadas e não chegam a concatenar-se, a sistematizar-se. Por outro lado, os compositores e professores mal podem participar desses esforços, cumulos que estão de encargos para o ganha-pão cotidiano. E as fontes de nossa música popular vão pouco a pouco se extinguindo ou se contaminando. E o povo que não vai sequer aos concertos, não ouve os nossos compositores, nem sequer lhe conhece os nomes, vai se intoxicando com a música de rádio ou de cinema, perniciosa ou de baixo valor na sua quase totalidade.

Contra essa situação achamos legítimo dirigir um brado de alerta à consciência patriótica dos membros da coletividade musical brasileira. Lutemos pela preservação da grande obra musical que nosso povo criou, com sua espontaneidade e seu entusiasmo. Saibamos defender essa fonte fabulosa de inspiração para que nossos compositores possam, em criações eruditas enriquecidas da seiva popular, retribuir a esse mesmo povo a dádiva da indispensável matéria prima que lhes oferece.



...este amor de filhinha ficará moça: e poderá tornar-se, também, independente, se desde já seus pais pensarem no seu futuro. Um título da PRUDÊNCIA CAPITALIZAÇÃO é a mais fácil das formas de se constituir um pecúlio que nos garante os dias de amanhã. Se está em ótimas condições financeiras, apresse-se em oferecer aos seus, a consolidação do seu bem-estar adquirindo-lhes um título da PRUDÊNCIA CAPITALIZAÇÃO.

● COMPANHIA GENUINAMENTE NACIONAL PARA FAVORECER A ECONOMIA ●

PRUDENCIA CAPITALIZAÇÃO

NOTAS e notícias

O IGNOMINIOSO PROCESSO CONTRA PRESTES

Estava dormindo nas gavetas do Supremo Tribunal o processo-farsa que a reação governamental urdiu há muitos meses contra o querido líder do povo brasileiro, o Cavaleiro da Esperança, Luís Carlos Prestes.

De vez em quando a sanha reacionária se aguça a mando dos senhores da dominação guerreira e imperialista, exigindo novos tributos a serem arrancados ao povo, como preço e sinal da submissão de nossa Pátria aos mandões das finanças de Wall Street. Não basta a usurpação de bases militares e a arrecadação gratuita de minérios e materiais estratégicos tirados do seio da terra que é nossa. Não basta a penetração escandalosa das Sears e das Coca-Colas a sugar os lucros que o suor do povo acumula. Não bastam as demonstrações de subserviências dos sabujos nativos como os Correia e Castro e Raul Fernandes aos manejos belicosos do Departamento de Estado de Washington, nem a subserviência dos políticos locais aos mascadores de chiclete, agentes do FBI, generais da bomba atômica e caixeiros-viajantes da Standard Oil, da Light e de outras empresas exploradoras.

O que os agentes de Truman querem sempre é a eliminação de todos os verdadeiros líderes do povo, que em qualquer situação de adversidade estão com o povo, lutando por seus problemas, por sua libertação, pela paz de suas famílias. E quando o líder é da estatura de Prestes, líder e esperança de todo o continente americano, os chacais belicosos se enfurecem exigindo a sua condenação, como primeiro passo para tentarem a execução do plano que sempre acalentaram e que é a eliminação do querido líder popular.

Como das outras vezes, porém, o clamor do povo em crescente movimento de opinião barrará o plano sinistro, desmascarando mais uma tentativa da reação coonestada pela tibieza e pela conivência maliciosa de juizes, mesmo dos mais altos tribunais, que tentam enleiar o maior dos brasileiros nos trâmites desmoralizados dêsse já tão desmoralizado processo-farsa.

De todos os recantos do Brasil se erguem as vozes de milhões de patriotas condenando os juizes que ousam pretender levar à barra de julgamento aquele que só tem libelos acusatórios contra muitos dos usurpadores do poder. O povo vencerá mais uma vez para que se rasguem para sempre os autos da ignomínia, porque Prestes não será condenado, segundo o veredito do povo.

A QUINTA COLUNA SOCIALISTA

Quando os verdadeiros socialistas, comunistas e socialistas de esquerda, unidos na fase atual de luta decisiva contra o imperialismo, — censuram acrememente a conduta dos socialistas da direita, conduta hesitante, covarde e de verdadeira traição às classes trabalhadoras e ao proletariado — muitos socialistas e liberais sinceros estranham tal atitude, que dificilmente justificam.

Entretanto, os socialistas da direita que ainda, possuem em certos países, como a França e a Itália, uns restos de influência sobre os trabalhadores, devido a fatores históricos, e a êsse relativo prestígio que dá o poder nos países capitalistas; os próprios socialistas da direita cada vez mais se desmascaram aos olhos das classes trabalhadoras, por seus próprios atos no desempenho do seu duplo e sordido papel: ação de quinta coluna que semeia a confusão e

promove cisões e o divisionismo, no seio do movimento operário; auxílio descarado à reação nacional nos diferentes países e apôio à política de guerra, e anti-soviética do imperialismo anglo-norte-americano, em escala mundial.

Ainda recentemente na reunião da Comisco (nova Internacional montada pelos imperialistas, espécie de conspiração universal contra o verdadeiro movimento socialista, proletário), mais uma vez revelaram as suas habituais características da pobreza ideológica, covardia e subserviência ao imperialismo.

Nêsse conclave, começaram por admitir os dois grupos dissidentes do socialismo italiano: o grupo denominado Partido Socialista Unitário, chefiado por Silone e Romita, e a sinistra gente de Saragat, que integrou o governo clerical-fascista de De Gasperi e continua a apoiá-lo na infame perseguição que move aos operários e camponeses italianos. Nomearam depois uma comissão de nove membros, para estudar êsses

“campos de trabalho forçado”, onde, segundo tais socialistas, estaria aprisionada boa parte da população soviética! E logo, para “estudar” tal assunto, constituiu-se uma comissão de nove membros, sob a presidência de Guy Mollet, secretário geral do Partido Socialista Francês.

Mas foi na consideração, nas discussões e nas resoluções adotadas relativamente ao problema crucial da paz — que êsses falsos representantes dos trabalhadores mais claramente revelaram a sua vergonhosa capitulação perante o imperialismo anglo-norte-americano. Morgan Philips (secretário geral das Trade Unions, os sindicatos britânicos, e do Partido Trabalhista) ataca a União Soviética, que, diz êle, “procura dividir o mundo e para isso se serve da rivalidade entre os países capitalistas, da luta dos povos coloniais contra as metrópoles e da luta de classes”. Nem uma palavra de crítica à exploração desumana dos povos coloniais e aos preparativos de guerra. O citado Guy Mollet, ao encerrar a discussão, tem a desfaçatez de afirmar que “as despesas militares não constituem obstáculo ao reerguimento europeu”.

Nem uma palavra contra a “guerra suja” da Indochina, contra a “lei celerada” (espécie de lei de segurança recentemente votada em França, com apôio dêsses socialistas!), contra a guerra imperialista e as armas atômicas!

Finalmente, era fatal, uma resolução “denuncia (!) a propaganda de paz” do Bureau de Informações, que teima em chamar Cominform.

Temos, pois: que êsses malandros falam a mesma linguagem dos militares milionários e dos milionários militaristas de Washington; que, em vez de atacar o inimigo de classe, atacam a pátria do socialismo; que, em vez de apoiar a luta pela paz, apoiam os preparativos de guerra; e que, emudecem perante os abusos e crimes dos governos reacionários de seus países e aplaudem a política imperialista.

Não há pois injúria em chamar a tais homens, a tais socialistas — traidores da classe operária e lacaios do imperialismo.

1.º DE MAIO

Em 1901 a cidade de São José do Rio Pardo comemorava condignamente o dia 1.º de Maio. A banda de música “Riopardense” fez a alvorada, percorrendo as ruas da cidade. Às seis horas da tarde realizou-se uma concentração em frente à sede do “Club Internacional Filhos do Trabalho” seguida de uma marcha “aux flambeaux” e sessão solene no salão do Clube no qual foi inaugurado um retrato do “insigne mestre socialista Karl Marx. O Jornal local publicou o seguinte manifesto, redigido por Euclides da Cunha:

“A data de 1.º de Maio foi adotada para comemoração do trabalho pelo Congresso Internacional Socialista de Paris, no ano de 1889 e confirmada

pelos congressos de Bruxelas e Zurich, em 1891 e 1893.

Festa exclusivamente popular, ela se destina a preparar o advento da mais nobre e fecunda das aspirações humanas: a reabilitação do proletário pela exata distribuição de justiça, cuja fórmula suprema consiste em dar a cada um o que cada um merece. Daí a abolição dos privilégios derivados quer da fortuna quer do força.

Para êste fim é mister promover a solidariedade entre todos os que formam a imensa maioria dos oprimidos, sobre que pesam as grandes injustiças das instituições e preconceitos sociais da atualidade, destinados a desaparecer para que reine a paz e a felicidade entre os povos civilizados.

Promovendo entre nós a comemoração de uma data tão notável o "Clube Internacional Filhos do Trabalho" procura a vulgarização dos princípios essenciais do programa socialista, empenhando-se em difundi-los entre tôdas as classes sociais."

O manifesto de Euclides da Cunha preconizava já a necessidade de "promover a solidariedade entre todos os que formam a imensa maioria dos oprimidos" como meio de remover as injustiças sociais que, ainda hoje pesam sobre grande parte da humanidade. Êste é o verdadeiro sentido do dia 1.º de Maio que os governos fascistas e fascizantes de nossa época procuram falsear para transformá-lo num dia de demagogia e glorificação dos senhores da reação que não visam nenhuma melhoria real na vida dos trabalhadores.

O dia 1.º de maio, escolhido para comemoração do trabalho, visa perpetuar na lembrança dos trabalhadores os trágicos acontecimentos de Chicago em 1886, quando se verificaram naquela cidade grandes greves para a obtenção da jornada de 8 horas. Poucos dias depois, num comício realizado com o mesmo fim, provocadores atiraram uma bomba na massa popular, fazendo igualmente disparos, o que serviu de pretêxo para o govêrno determinar a prisão de seis líderes trabalhistas que depois de um processo, que não passou de uma farsa judiciária, foram condenados á morte e enforcados.

Após essa ignominiosa execução, os corpos dos trabalhadores sacrificados foram entregues às famílias e os seus funerais constituíram uma impressionante demonstração de revolta dos trabalhadores norte-americanos. A cidade de Chicago ficou virtualmente inundada

pelos trabalhadores que acorreram de todos os recantos dos Estados Unidos, para assistirem aos funerais. As exéquias se passaram no mais impressionante silêncio, enquanto a cidade registrava apavorada a cólera muda dos trabalhadores em revolta.

Foram êses os fatos que o Congresso Internacional Socialista de Paris escolheu, no ano de 1889 para come-

morar o dia do trabalho, que marca a luta do proletariado para a sua libertação. Êsse é o sentido que tem a data de primeiro de maio para todos os trabalhadores conscientes dos seus direitos que os demagogos e reformistas de todos os matizes não podem adular, pretendendo fazer do dia 1.º de maio um dia de ludíbrio do proletariado, para servir com isto à reação.

O Estado Policial nos Estado Unidos

A revista conservadora Harper's Magazine denuncia a maneira pela qual procede a Gestapo ianque, o FBI (Federal Bureau of Investigation) cujos agentes depois de apresentarem as credenciais de fiscais do impôsto sobre a renda numa casa residencial qualquer, iniciam um interrogatório sobre a vida dos vizinhos, interrogatório que tudo abrange, desde os meios de vida e educação dos filhos até a marca das bebidas que consomem, os clubes que frequentam, os livros que lêem, as suas relações pessoais, especialmente aquelas que possam envolver qualquer fato de natureza escandalosa, presentes mandados ou recebidos, a pessoa que os enviou etc. etc. A porta está aberta para os piores mexericos e calúnias trazidos a público pelo Comitê de Atividades Anti-Americanas ou as inúmeras Comissões de lealdade que pululam no país. Diz o articulista que é teiramente novo o sentimento de que é natural e justificado o interrogatório de particulares sobre a vida de outros cidadãos. Isto começou durante a guerra e apenas dez anos atrás seria considerado uma violação de domicílio, uma chantagem, e acrescenta: — "Uma só década quase nos transformou numa nação de delatores."

Fica-se chocado, espantado, mas nada se faz". E analisando o resultado dessa baixa e vil situação a que se procura reduzir um povo inteiro, exclama: "Isto foi longe demais. Estamos nos dividindo em caçadores e caçados. Somos delatores à polícia secreta. Homens honestos estão espionando os vizinhos, em nome do patriotismo. Podemos estar certos de que, para cada homem honesto, há dois desonestos que espionam para obter promoções pessoais, hoje, e que estarão espionando mediante paga, dentro de um ano."

Em igual sentido, o crítico literário James R. Newman na revista "New Republic" estabelece o paralelo entre um ensaio

de Miss Marion L. Starkey: "O diabo em Massachussets" e a novela "Cousa Segura" de Merle Miller. O ensaio consiste na narrativa de fatos históricos espantosos — uma dessas loucuras coletivas produzidas pelo fanatismo religioso, fomentadas pela autoridade espiritual, apoiadas ou toleradas pela autoridade temporal, frequentes na Idade-Media européia è que em 1692 ainda chegaram a dominar a população inteira da aldeia de Salém, perto de Boston resultando no enforcamento, depois de torturas de 20 homens e mulheres.

A novela, "uma novela de indignação", como escreve o crítico, relata a trágica história de um homem decente, caçado e destruído por canalhas e loucos, vítimas menos da perversidade que do delírio que avassalou a Capital — e não somente a Capital." O autor do livro, escreve Newman "conseguiu apreender admiravelmente o isolamento e a tristeza de Washington, sua inquieta consciência, sua estranha vacuidade e confusão: sobretudo o fedor de medo que empesta as repartições oficiais, os ônibus, os restaurantes, os lares — qualquer lugar onde funcionários públicos se encontrem e conversem — com a possibilidade de lhes surpreenderem a conversa."

Como feras acuadas, comunistas, socialistas, trabalhistas, liberais e progressistas, homens livres e sem partido, têm sido imolados ao Moloc de Wall Street, sem recurso à força, às pedras que sufocam ou à progressista cadeira elétrica. São denunciados, sem defesa possível perante juizes e tribunais facciosos, e perseguidos pelas infâmias dos grandes jornais reacionários e pela maledicência pública, são demitidos dos seus cargos e empregos ficando sem trabalho, sem meios de ganhar a subsistência e sem amigos. Os mais enérgicos se lançam à luta. Outros hão de pensar — e alguns já o fizeram, como lembra Newman — "que estariam melhor num sudário."

II CONVENÇÃO FEMININA ESTADUAL,

Realizou-se nesta Capital, em maio último, a II Convenção Feminina Estadual, promovida pela Federação de Mulheres do Estado de São Paulo e de que participaram numerosas delegações representativas de muitos municípios paulistas e de diversas entidades locais.

Durante os quatro dias de reuniões, as mulheres da Federação puderam debater os seus problemas que são também problemas do povo, relacionados com a fraternidade universal, a carestia de vida, a assistência à infância e imprensa feminina.

Dentre as resoluções mais importantes tomadas pela II Convenção, podemos destacar as seguintes:

Moção de apoio à Resolução do Comitê Mundial dos Partidários da Paz, reunidos em Estocolmo, em que se condena a bomba atômica, considerando criminoso de guerra o govêrno que primeiro utilizar contra qualquer outro país a arma atômica.

Compromisso de contribuir com ajuda eficaz, material, e moral, às partidárias da Paz que, no Brasil ou em qualquer outro País do mundo, venham a sofrer perseguições por parte de seus governos.

Considerar que um dos principais trabalhos femininos seja a luta por um salário mínimo que corresponda ao preço das utilidades, promovendo-se um amplo movimento de esclarecimento junto às donas de casa a fim de uni-las em torno do barateamento da vida.

Intensificação do movimento de união, de esclarecimento e de luta em prol das melhorias das condições de trabalho da mulher, pelo barateamento da vida e outras medidas.

Exigir o cumprimento por parte das autoridades dos Direitos da Criança, e promover uma campanha para a proibição definitiva de publicação de uma literatura infantil pernicioso, como de revistas do tipo "Gibis", "X-9" e outras do mesmo gênero.

Tornar a Jornada Internacional da Infância uma bandeira de união de tôdas as mulheres, principalmente das mães.

Resenha Política do Mês

O GOVERNO DE WASHINGTON e os seus caudatários prosseguem na realização dos planos e preparativos guerreiros, que visam lançar o mundo em nova conflagração, para satisfazer os designios de dominação imperialista. Neste último mês, diversos exemplos vieram confirmar esses propósitos. Foi o incidente da invasão do território soviético pelo avião de guerra da marinha americana que levou a efeito a mais ousada provocação destes anos de após-guerra. Foi a Conferência dos Chanceleres de Londres, que teve como finalidade aprofundar os planos de guerra do campo imperialista, ao mesmo tempo que promoveu a criação de uma nova entidade reacionária, que visa o enfraquecimento da ONU, permitindo aos imperialistas pôr em prática a velha proposta de Hoover de se reformar a Organização das Nações Unidas sem a participação da União Soviética e das Democracias Populares. A palavra do próprio chanceler Acheson veio confirmar essa deliberação da conferência, quando disse que «estamos empenhados na elaboração de uma organização mundial não comunista.» Para melhor atingir esse objetivo, o Departamento de Estado fez aprovar a inclusão do governo de Bonn em seus planos de mobilização bélica e o governo francês lançou o «Plano Schuman» de concentração da indústria siderúrgica da Alemanha, Sarre, França e outros países, visando com isto seu enquadramento na produção de guerra. De tudo isto resultou também a criação do «Alto Conselho Permanente do Pacto do Atlântico» que é agora o órgão supervisor e executor do programa de agressão que os generais de Truman preparam.

O USO DA BOMBA ATÔMICA faz parte do esquema de guerra dos imperialistas americanos, o que é confirmado pelas palavras do chefe do governo de Washington, que, em seus discursos eleitorais há pouco pronunciados na cidade de Pocatello, reafirmou sua decisão de vir a usar novamente a bomba atômica contra cidades de outros países. O ex-embaixador Berle, de quem o povo brasileiro tem a mais desagradável lembrança, por suas intromissões descaradas na política interna nacional, entrou também no coro dos propagandistas de guerra, afirmando que os «Estados Unidos estarão em guerra com a União Soviética dentro de dois anos.» Essa afirmação é a repetição dos slogans guerreiros que vêm sendo veiculados diariamente por Bradley, Johnson e outros.

JULIOT CURIE, sábio que é orgulho da ciência e da cultura francesa contemporânea, tornou-se um dos principais alvos da perseguição reacionária e guerreira, com a sua destituição pelo governo de Paris, de seu cargo de principal dirigente do organismo de energia atômica da França, simplesmente porque a sua orientação pacifista o levava a empreender as pesquisas no sentido da paz e não da guerra, como é desejo dos governantes gauleses, sequazes da política imperialista de Washington. O gesto do

governo parisiense demitindo Juliot Curie produziu a maior repulsa em todos os meios culturais e científicos e toda a consciência pacifista mundial lançou seu protesto contra esse inominável atentado à inteligência.

DO PLANO DE GUERRA IMPERIALISTA constam medidas que atingem todos os setores. É o recrudescimento da espionagem nas Democracias Populares, de que resultam novos processos perante os tribunais do povo para punir os agentes anglo-americanos. É a ordem de fechamento de consulados e redução do número de diplomatas nos Estados Unidos. É a preparação de um bloco no Oriente Médio a serviço dos americanos, o que foi inaugurado com a decisão de fornecimento de armas a árabes e israelitas. É a retomada das bases militares e aero-navais brasileiras por tropas ianques, a preparação de duas divisões nacionais para guerra na África. São as medidas medievais de opressão do vice-rei Mac Arthur no Japão, visando reprimir o movimento sempre crescente do povo oriental contra a ocupação e o confisco da indústria local pelos trustes americanos, contra os designios de utilização do país como base de nova guerra de agressão e o lançamento de exércitos japoneses como mercenários no conflito que Washington pretende deflagrar.

AS DERROTAS DA REAÇÃO entretanto vão-se acentuando cada dia, em todos os setores, a exemplo do que acaba de verificar-se na Coreia do Sul, onde o governo títere dos americanos foi fragorosamente derrotado nas eleições, mesmo depois de tomar a providência de prender 800 mil homens e mulheres, mais de dez por cento da população, a fim de impedir que esse grande contingente participasse do pleito. Mesmo assim todo o governo foi repudiado pelos eleitores não «expurgados», dando o sinal de quanto é odiada a dominação dos senhores do dólar. Na capital japonesa, quase vinte mil pessoas se suicidaram em 12 meses, devido às condições insuportáveis de vida impostas pela ocupação do arrogante vice-rei ianque.

NO CAMPO DA PAZ E DA DEMOCRACIA, ressalta-se o grande empenho da construção pacífica para o bem-estar dos povos, de preservação da paz e da concórdia entre as nações. Em sua recente visita a Moscou, o Sr. Trigve Lie, secretário geral da ONU, teve oportunidade de constatar o ardente e sincero desejo de paz de todos os dirigentes soviéticos, notando o bem-estar, a alegria e a confiança do povo em seus líderes, sem nenhum sinal desse histerismo belicoso com que a propaganda imperialista procura envenenar a humanidade. Na Rússia, pôde o secretário da ONU sentir a alegria do povo na execução da sua gloriosa tarefa de construção da pátria socialista.

A ALEMANHA ORIENTAL foi palco neste mês de uma das mais vigorosas demonstrações de vitalidade na

sua reconstrução pacífica, baseada na União de todo seu povo, o que se pôde ver pelas festas realizadas em Berlim, a que estiveram presentes mais de 700 mil jovens alemães. Não obstante as provocações de toda ordem promovidas pelos propagandistas de guerra, agentes e serviçais do imperialismo anglo-americano, as festas berlinenses decorreram na mais completa ordem e alegria, dando um exemplo de quanto podem as forças da paz diante dos propagadores de um novo conflito mundial. A Alemanha Oriental vai cumprindo seu programa de reconstrução, no que tem obtido a ajuda da União Soviética, que ainda agora resolveu reduzir a apenas 50 por cento o montante das reparações de guerra a serem pagas pelos germânicos ao povo socialista.

A CAMPANHA CONTRA A BOMBA

ATÔMICA, como tivemos oportunidade de noticiar em outras páginas de nossa revista, já atingiu o âmago do povo em todos os recantos da terra, resultando disto que muitos milhões de cidadãos já subscreveram o memorável apelo de Estocolmo, para a eliminação das armas de reação nuclear do rol dos instrumentos de guerra e para a caracterização da figura de criminoso de guerra em que incorrerá aquele governo que primeiro fizer uso da bomba atômica, não importa contra qual país.

NA AMÉRICA LATINA, ressalta-se a definitiva submissão do governo de Peron na Argentina à política do Departamento de Estado, o que foi finalmente negociado na base de um empréstimo em dólares, que deu como uma das condições impostas pelos imperialistas o maior arrôxo nas perseguições contra o povo e o alinhamento do governo da Casa Rosada no bloco anti-comunista que se lançou na preparação de nova guerra de agressão. Na Bolívia, por sua vez, nem mesmo o completo desmascaramento do «plano Cohen» local, verificado há pouco mais de um mês, impediu que o seu reacionário governo se voltasse contra o povo e os trabalhadores com nova e bestial repressão, a título de fazer abortar uma «revolução comunista» inexistente, pelo simples fato de haverem alguns trabalhadores promovido uma greve de melhora de condições de vida.

NA NOSSA POLÍTICA INTERNA, se verifica apenas a submissão cada vez mais flagrante do país aos interesses e direção dos norte-americanos que aqui se encontram como em seu próprio quintal, reorganizando bases militares, explorando nossas reservas estratégicas e assenhoreando-se de todas as nossas fontes de produção. Enquanto isto os partidos reacionários se empolgam com uma campanha de sucessão que visa apenas o golpe contra o povo, porque ela, mesmo que atinja a solução eleitoral de outubro, será na base de conchavos que excluem qualquer participação real do povo e que não procurarão por isto mesmo resolver qualquer problema popular de tantos que aí estão pendentes e cada vez mais agravados.

PARA



VENTI

SEU PALADAR QUER BRINDE OU
QUER CAFÉ?

PARA VENTI

“É O QUE É”

É SÓ CAFÉ